

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

PORQUE AMAMOS
LIVROS

REVISTA

conexão

Literatura

Setembro/2021

nº 75

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ENTREVISTA COM

Amin Dehghan

fotógrafo, autor e montanhista iraniano
que conquistou o topo do Everest em 2021



E MAIS
ENTREVISTAS COM ESCRITORES
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS

SUMÁRIO

SETEMBRO DE 2021

Editorial: Por Ademir Pascale, pág. 03
Entrevista em português com o autor, fotógrafo e montanhista iraniano Amin Dehghan, pág. 05
Interview with Amin Deghan, iranian author, photographer and mountaineer, page 14
Poema "A Verdade", do autor italiano Antonio Di Bianco, pág. 23
Ensaio fictício: O Dilema pessoa-personagem, por Bert Jr. pág. 24
Artigo: O homem de vermelho, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 28
Dicas para leitura, pág. 31
Arte: Entre linear e pictório: Heinrich Wölfflin e a leitura do estilo nas artes visuais, por Reginaldo Leite, pág. 32
Literatura (Youtube): Quem foi Charles Dickens?, por Ademir Pascale, pág. 35
Literatura: Mariana Enríquez - A nova narrativa de terror latino-americana, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 36
Poema: Atrasados, por Daniela S. Terehoff Merino, pág. 41
O homem é ou não é um animal racional?, por Fernando Luiz dos Santos Chaves, pág. 45
Poema: A mentira e a verdade, por Aylton Sangy, pág. 50
A matemática da eternidade e dos encontros (seg. edição), por Fernando Luiz dos Santos Chaves, pág. 53
Lendo e aprendendo, por Fernando Luiz dos Santos Chaves, pág. 59
Entrevista com a escritora Antonia Barros, pág. 64
Entrevista com a escritora Fabiana Alves Monteiro, pág. 67
Entrevista com o escritor Geraldo Ramiere, pág. 72
Entrevista com a escritora Gisele Toledo, pág. 76
Entrevista com o escritor Marcelo Gomes Jorge Feres, pág. 79
Entrevista com o escritor Ricardo Lemos, pág. 83
Entrevista com o escritor Benj Marcel, pág. 87
Entrevista com o escritor Ricardo Lima, pág. 89
Entrevista com a escritora Samara Melo, pág. 91
Entrevista com o escritor Tchello D'Barros, por Magali Moser, pág. 94
Conto: Segunda chance, por Adayl Falconi Chiodi, pág. 101
Conto: Cambalacho, por Idicampos, pág. 105
Conto: Madame Tussauds sobre trilhos, por José Alberto Nemer, pág. 109
Conto: O amor como arte vil, por Ney Alencar, pág. 111
Conto: Por um chifre de unicórnio, por Ney Alencar, pág. 116
Conto: O homem de uma só face, por Osvaldo Luís Meza Siqueira, pág. 121
Conto: Agente Fantasma, por Roberto Schima, pág. 133
Conto: De volta para casa, por Roberto Schima, 142
Conto: Um par de sapatos, por Solange Rabelo, pág. 146
Conto: O rabo do bugre, pág. 148
Apoie o trabalho da Revista Conexão Literatura, pág. 151
Saiba como anunciar ou publicar na próxima edição, pág. 152

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com
Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA
www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Edições anteriores: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale - Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como divulgar o seu livro, editora ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe
- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura

EDITORIAL

A nossa edição de setembro destaca Amin Dehghan, autor, fotógrafo e montanhista iraniano que conquistou o topo do Everest. Confira nas próximas páginas a entrevista bilingue que fizemos com ele. Agradecimentos especiais aos autores e editores Jamila Mafra e Seyed Morteza Hamidzadeh, da Paradise Ocean Books e também para a escritora Negar Emrani.

Além das dicas de livros, o leitor poderá conferir entrevistas com autores, contos, crônicas e poesias, inclusive uma do autor italiano Antonio Di Blanco.

Tenha uma ótima leitura!

Para saber como participar da nossa edição de outubro, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

— revista —
conexão
LITERATURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe

CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

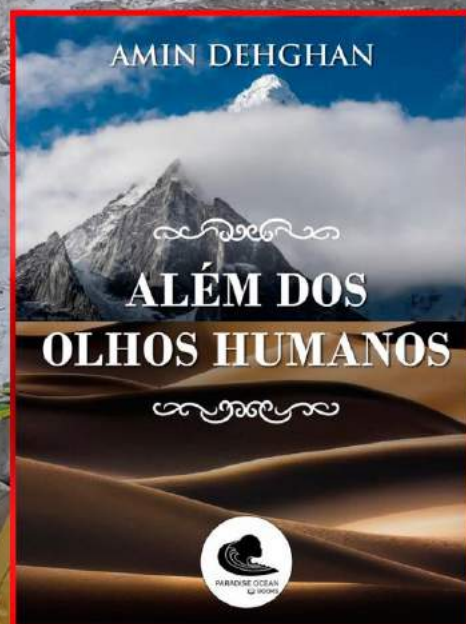
Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura

ENTREVISTA COM AMIN DEGHAN, AUTOR, VERSÃO PORTUGUÊS FOTÓGRAFO E MONTANHISTA IRANIANO QUE CONQUISTOU O TOPO DO EVEREST EM 2021 POR NEGAR EMRANI/REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Amin Dehghan nasceu em 31 de maio de 1979 na cidade de Isfahan, IRÃ. Possui um mestrado em engenharia civil pelo Departamento de Ciência e Pesquisa da Universidade Islâmica Azad. Durante sua trajetória na prática do montanhismo conquistou muitos picos, dentre eles, o mais importante, o Everest em 2021. Conquistou outros como Manaslu no Nepal, Lenin no Quirguistão, Aconcágua na Argentina, Imja Tse no Nepal, Kilimanjaro na Tanzânia. Além disso, Amin é membro oficial da Federação Mundial de Artes Fotográficas tendo recebido o emblema da EFIAP. Em 2021 publicou seu primeiro livro de fotografias "Além dos Olhos Humanos" pela editora brasileira Paradise Ocean Books.



Sinopse da Obra "Além dos Olhos Humanos": Explorando diferentes e às vezes extremados cenários da natureza, o fotógrafo Amin Dehghan registra, em suas imagens, contrastes imensamente belos, como a vivacidade de cores do deserto e a brancura silenciosa dos picos e montanhas cheios de neve do Himalaia. Como alpinista, usou de sua experiência para captar sua jornada por diversas localidades milhares de quilômetros acima do nível do mar, mas também percorreu sua terra natal – o Irã – para trazer à sua lente a arquitetura dos vilarejos que resistem ao progresso desenfreado.

Dos registros de Amin saem ainda os povos africanos e sua cultura, as tradições religiosas de parte do Oriente Médio, a simplicidade e a história preservada de algumas vilas asiáticas e a vivacidade de cores da Argentina, por exemplo. Em meio a isso, nos deparamos também com cenas de uma natureza crua e imaculada.

Por trás das fotografias de Amin estão as sensações de humildade e singeleza de um povo cotidiano e espontâneo, o calor e a alegria naturais dos sorrisos das crianças, bem como a realidade vívida de mundos tão distantes e próximos ao mesmo tempo.

Link da obra na Amazon: https://www.amazon.com.br/gp/product/B08-ZW74GJY/ref=dbs_a_def_rwt_bibl_vppi_i0





Amin Dehghan

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia nos contar sobre a escolha do título do seu livro de fotografias "Além dos Olhos Humanos?"

Amin Dehghan: Na minha opinião, algumas fotos têm algo a dizer além dos olhos humanos. Muitas fotos perseguem um objetivo elevado que não é visto à primeira vista.

Conexão Literatura: Como foi seu início na arte da fotografia?

Amin Dehghan: Meu pai tinha uma câmera Polaroid e eu fotografo desde criança. Atualmente, tenho mais de cinquenta medalhas e prêmios de vários festivais internacionais de fotografia.

Conexão Literatura: Conte-nos sobre uma imagem marcante em um momento fotográfico.

Amin Dehghan: Tirei uma das minhas fotografias mais marcantes a uma altitude de oito mil metros, no Pico Manaslu, e foi pela manhã bem cedo. Eu não sabia se o sol nasceria

exatamente naquele momento ou não. Quando me virei e olhei para trás, vi o sol brilhando nos picos e percebi que ele havia nascido e que eu estava acima do sol.

Conexão Literatura: Conte-nos mais sobre seu trabalho profissional na área da fotografia.

Amin Dehghan: Eu costumava fotografar quando estava no segundo ano do ensino médio com câmeras analógicas antigas. Posteriormente, com câmeras mais modernas, a Yashika MF2 e posteriormente com as câmeras digitais Lumen, a indústria fotográfica se revolucionou. Tenho cerca de 50 medalhas mundiais de ouro, prata e bronze. Fui juiz de vários festivais internacionais de fotografia, incluindo Khayyam 2020, Khayyam 2019. Antes de conquistar o topo do Everest, eu fui juiz em um festival religioso de fotografia em que a maioria dos não muçulmanos, incluindo zoroastristas e cristãos, participaram. Fiz cursos de arbitragem sob a supervisão do Sr. Riccardo Bosi, Presidente da Federação Mundial de Fotografia. Fiz um curso avançado de fotografia e participei de vários outros festivais. Realizei vários workshops para entusiastas da fotografia. E, em geral, a visão das pessoas muda quando se trata de fotografia. Teve uma vez quando eu dei um workshop, um aluno veio até mim e me disse que havia um local muito bonito no bairro dele, mas que ele não havia notado essa beleza há vinte anos. Agora que eu havia lhes dado uma explicação, sua percepção então havia mudado e depois de vinte anos ele pôde perceber essa beleza. Isso é louvável e lindo para mim.

Conexão Literatura: Como você se sente ao ver o sucesso de seus alunos?

Amin Dehghan: Tanto no campo do montanhismo quanto no campo da fotografia, fico feliz quando vejo um estagiário ou aluno tendo sucesso, por exemplo, depois da minha aula, quando ouço que eles chegaram ao pico de Sabalan ou ao pico de Damavand, e me enviam fotos e dizem que escalaram esse pico com orgulho. Eles ressaltam que foram meus alunos, que aproveitaram as experiências que passei para eles e derramam lágrimas de alegria, isso já é uma recompensa para mim. Isso me transmite um sentimento muito bom espiritualmente. Também no campo da fotografia, fico feliz quando com os conselhos que dou a alguns amigos na escolha de uma foto, sobre o assunto da foto. Eu me sinto muito feliz depois de ver o sucesso das pessoas.

Conexão Literatura: Você tem planos para um novo projeto de livro de fotografias?

Amin Dehghan: Sim, tenho planos, pretendo produzir outro logo que surgir uma nova oportunidade com a editora.

Conexão Literatura: Sobre a sua carreira como montanhista, quando você iniciou a prática e qual foi sua motivação?



Amin Dehghan: Eu iniciei a prática do montanhismo ainda quando criança. Como amador, eu costumava ir a uma montanha perto de nossa casa com meu pai. Foi há cerca

de 38 anos. Mas, do ponto de vista técnico e profissional, comecei a praticar montanhismo sério há cerca de onze anos. Passei por diferentes cursos da Federação de Montanhismo e comecei assim a praticá-lo de forma bastante profissional.

Conexão Literatura: Qual foi o primeiro monte que você escalou no Irã e quando isso aconteceu? Você chegou a pensar que um dia conquistaria os picos mundiais?

Amin Dehghan: O primeiro monte que escalei foi perto de nossa casa em Isfahan, bairro de Ghaemieh, Monte Donbeh. Eu o escalei várias vezes. Uma ou duas vezes com meu pai, íamos ver as fontes sazonais depois das chuvas. Depois, subíamos muito com meus parentes, meu tio, meus colegas de classe, porque a montanha ficava perto de casa. Quando entramos no ensino fundamental e no ensino médio, escalei o Monte Soffeh, que é mais alto e está localizado no centro de Isfahan, e depois disso escalei a maior parte dos picos do Irã, incluindo o Damavand.

Conexão Literatura: Como se sente ao chegar ao cume de uma montanha? Já aconteceu de você desistir de alcançar o cume e voltar do meio do caminho? E se aconteceu, como você se sentiu?

Amin Dehghan: O sentimento de quem alcança o cume da montanha, não importa o que diga, a paixão e a alegria que a pessoa sente não podem ser transmitidas aos outros. Mas se eu quiser dizer em poucas frases, quando eu era criança, costumávamos escalar as mesmas montanhas perto de casa, e assim que cheguei ao cume, tive uma sensação de orgulho e sucesso. Isso influenciou de maneira positiva meus estudos na escola e a minha vida ao longo dos anos.

Conexão Literatura: Você mencionou a sensação de sucesso por conquistar o topo, mas alguma vez você já se sentiu fracassado por não alcançá-lo?

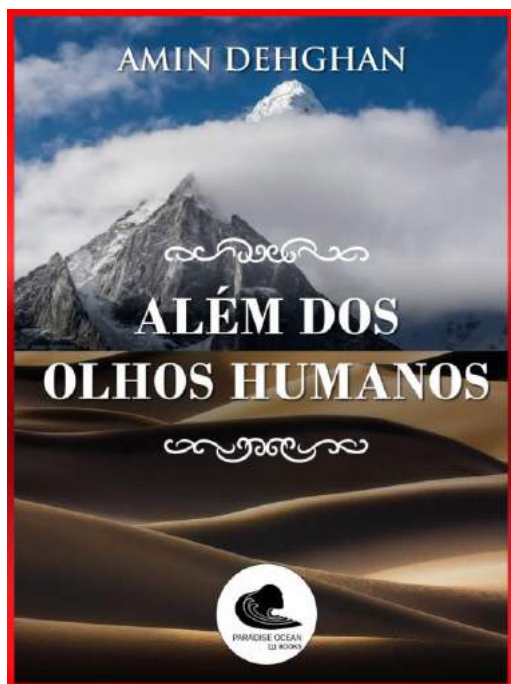
Amin Dehghan: Sim, isso já aconteceu, mas todo sucesso exige que você supere os fracassos e atravesse a turbulência, as ondas do mar, a chuva, para chegar ao arco-íris. Você tem que ser paciente. Já aconteceu em várias ocasiões, eu tive acidentes nos meus treinamentos. Cheguei a ter lesões físicas como dentes e mãos quebrados e ombros deslocados. Ainda me lembro de um tempo antes de escalar o Everest; como fundador e treinador do Everest Club em Isfahan, há apenas alguns meses, antes de ir para o Nepal, levamos a equipe do clube a um pico e me lembro que era inverno, havia uma neve estranha na área, na altura da cintura. Antes de chegarmos ao cume do monte, havia uma forte tempestade e então percebemos que aquilo era como suicídio e que poderíamos ter um acidente, recuamos. Talvez tivéssemos chegado ao topo, mas a sabedoria coletiva e as minhas experiências e de meu guia nos levaram à conclusão de que devíamos voltar, mas naquele momento não tivemos nenhum sentimento de fracasso.

Conexão Literatura: Você chegou a imaginar que algum conquistaria o topo do Everest?

Amin Dehghan: Sim, eu já sonhava com isso. Não que eu tenha um falso orgulho. Mas este sempre foi o meu objetivo antes e eu treinei por muitos anos para isso. Eu também fotografei. Lembro que estava na segunda série do ensino médio e em um acampamento que íamos para Shiraz, eu era o fotógrafo do grupo, ainda usávamos câmeras analógicas antigas. Há muito tempo pratico fotografia e montanhismo e já tinha o objetivo de longo prazo de conquistar o topo do Everest, cumprindo os pré-requisitos dos anos anteriores. Fiz os cursos regularmente, me tornei o instrutor oficial e instrutor da Federação de Montanhismo, o que significa que fiz 15 ou 16 cursos. Eu já havia escalado a maioria dos cumes do Irã em diferentes temporadas. Tive experiências diferentes em climas diferentes. Comecei a fazer escaladas no exterior a partir de cumes de 5.000 metros, incluindo o Pico Manaslu, tendo sido eu o primeiro na província de Isfahan a escalar um pico com mais de 8.000 metros de altura, o que possibilitou que eu conquistasse o Everest em minha próxima escalada, que foi minha décima escalada no exterior. Ou seja, foi totalmente previsto tecnicamente, eu me preparei. Claro, este ano tivemos muitos desafios na escalada do Everest, mas as experiências de escaladas anteriores me ajudaram a escalar a realizar isso e a retornar com sucesso.

Conexão Literatura: Conte-nos sua saga para a conquista do Everest e os maiores desafios enfrentados.

Amin Dehghan: Escalar o Everest é uma das aspirações de todo montanhista, então tomei minha decisão há três anos e meio e vendi meu carro, que era um Hyundai Santa



Fe, por um valor que hoje daria cerca de sete mil dólares. Infelizmente, na época não troquei o valor em moeda local por dólares. E isto porque acreditava que não haveria problemas graves de inflação no meu país e desvalorização da moeda. Eu pensei em fazer a troca da moeda apenas depois de já estar tudo certo para a viagem. O dólar naquela época, mais ou menos há três anos e meio era muito mais barato do que hoje em meu país. Eu já tinha feito a maior parte dos preparativos, e estava quase tudo certo. Inclusive naquela época, eu havia retornado com sucesso do Aconcágua, na América do Sul, como a primeira pessoa do Irã a escalar com um tempo muito ruim, eu ganhei as manchetes dos jornais. Mas as coisas não saíram como esperado, pois nesse meio tempo esperei um patrocínio prometido pelo chefe do conselho de montanhismo

da província na época, mas esse patrocínio não veio, além do que e o valor do dólar aumentava cada vez mais.

Então me dei conta de que pelo menos naquele momento eu não poderia ir ao Everest de jeito nenhum. Esse foi o primeiro grande desafio, o financeiro. E foi por isso que escolhi Manaslu e o escalei há um ano e meio. Mas neste ano de 2021 eu disse a mim mesmo que teria que escalar o Everest porque é um dos sete maiores picos do mundo e esse era o meu objetivo.

Eu tinha uma casinha na propriedade do meu pai, vendi a casa e, infelizmente, não comprei dólares novamente. Acabou que o valor do dólar triplicou. Foi então que concluí que eu precisava de um patrocinador. Escrevi cartas para mais de 160 organizações. Fui a Teerã, apresentei minha causa para bancos, seguradoras, empresas públicas e privadas e, finalmente, depois de toda essa corrida, consegui fechar um acordo com três ou quatro empresas e arrecadar o valor necessário para realizar minha saga ao monte Everest. O valor total para a expedição no Everest foi em torno de 40 mil dólares, sendo que metade desse valor eu já tinha conseguido com a venda da casa e do carro.

O próximo desafio para o Everest foi conseguir a autorização para escalar. Durante a temporada de ascensão, o governo nepalês emitiu mais de 408 autorizações apenas no acampamento-base. Além disso, eles emitiram muitas autorizações para escalar o Pico do Lhotse, que fica próximo ao Everest e têm uma rota comum, resultando em mais de mil pessoas no acampamento-base e muitos problemas para os escaladores. O acampamento base tem uma altura de cerca de 5364 metros. Uma cidade no lugar mais alto do mundo, todos juntos sem respeitar as regras de saúde. Inicialmente, cerca de 20-30 pessoas foram contaminadas com o coronavírus, e esse número chegou a mais de 150 pessoas, que foram evacuadas de helicóptero e transportadas para hospitais em Kathmandu, capital do Nepal.

O próximo desafio foi que o grupo anterior que escalou o monte dificultou nossa subida. Suponha que algumas pessoas estão descendo enquanto você está subindo. Bem no ponto crítico onde há um precipício de um lado e uma brecha do outro, um caminho estreito, eu tive que abrir passagem para que outros descessem, foi arriscado. O próximo desafio foi a mudança do tempo. O clima este ano não estava nada favorável.

Mais um desafio apareceu, eu tive um resfriado forte e uma tosse com sangue. Os testes para coronavírus deram negativo e em todo caso, apesar das fortes tosses com sangue, escalei o pico com tanta força que até os próprios nepaleses ficaram surpresos que um montanhista iraniano que tinha uma tosse com sangue tivesse conseguido escalar.

O próximo desafio foi depois de ter conquistado o pico, cheguei ao pico e voltei para o acampamento 4. A altura do acampamento 4 é de oito mil metros. Estava na zona da morte e precisava voltar para baixo rapidamente. Todos que escalam o Monte Everest e retornam ao acampamento 4 fazem uma pausa e retornam o mais rápido ao acampamento 3, que é mais baixo em altitude e tem mais oxigênio disponível.

Alguns vão até o acampamento 2, altitude 6500 metros, e dormem lá. Mas enfrentamos outro desafio nessa descida, houve uma tempestade muito forte. A neve e o granizo batiam em nossos rostos e não podíamos cair de jeito nenhum. O que quer que tenhamos feito, vimos que foi como um suicídio. Uma forte neblina cobria a área e não tínhamos uma boa visão. A tempestade e o vento eram fortes. Tivemos que passar a noite no mesmo acampamento 4. Baixo oxigênio, alto cansaço. Eu me mexi às 7:50 da noite e às 7:50 da manhã cheguei ao cume, ou seja, 12 horas naquela altura com calças pesadas,

grampos de ferro sob o sapato, aquelas durezas, desafios. E, de novo, demorei de 7 a 8 horas para chegar ao fundo, algo como 20 horas de escalada pesada em grande altitude. Eu estava cativo em uma tenda onde duas ou três pessoas estavam agachadas apenas sentadas.

Não podemos ir dormir direito e não devíamos dormir nada porque podemos não acordar mais, Deus nos livre. A condição era tão grave que meu sherpa (guia) adoeceu e perdeu a consciência. Olhei e disse a mim mesmo que ele devia estar morto, então vi seu abdômen se mexendo, então percebi que ele estava respirando. A situação era muito difícil. Minhas mãos e pés estavam frios. Tínhamos uma panela de piquinique e a ligamos. E então eu estava cansado e adormeci quando minhas mãos e pés agarraram-se à fogueira da panela duas ou três vezes e minhas luvas e meias queimaram, mas graças a Deus, meu próprio corpo não foi atingido. Tivemos uma noite muito difícil e levantamos cedo na manhã seguinte. Ainda havia uma tempestade, mas não como na noite anterior. Descemos e alcançamos o terceiro acampamento. Mais tarde, chegamos ao acampamento 2 e era lá que estávamos seguros. Passamos a noite no acampamento 2. Depois disso, descemos para o acampamento 1, e de lá, chegamos ao acampamento base, e no acampamento base, estávamos conectados à Internet e, de lá, ficamos completamente aliviados.

Conexão Literatura: Com base em sua história e nos ferimentos que você já teve por incidentes ao escalar montanhas, como sua família se sente em relação às suas viagens para realizar novas escaladas? Há objeções?

Amin Dehghan: Sim, às vezes ainda há objeções a mim, mas como eles sabem que eu sou cuidadoso e estou trazendo jovens para os esportes saudáveis acabam por me compreender. Infelizmente, em todas as atividades podemos ter adversidades e problemas. Existem 52 federações no país e cada esporte tem seus desafios, mas a gente pratica os enfrentando e a família fica feliz com isso. Principalmente para escalar o Everest, meu pai, minha mãe e até minha avó haviam feito votos, minha esposa, meus filhos, toda a família, se preocuparam e oraram, realmente a escalada foi muito desafiadora e a minha família não poderia ficar indiferente. Por outro lado, porque tenho um objetivo para mim e quero conquistar os sete mais altos picos do mundo, sendo eu o único iraniano lutando por este feito, meus familiares cooperaram comigo.

Conexão Literatura: Você disse que seu objetivo é conquistar os sete maiores picos do mundo, e até agora você conseguiu conquistar alguns deles. Depois que você conseguir isso, você acha que ainda terá alguma meta a realizar no campo do montanhismo?

Amin Dehghan: Na minha opinião, viver uma vida sem objetivo e desmotivada não tem sentido. Todos devem ter objetivos para si próprios, a longo, médio e curto prazo. Em suma, este é o meu objetivo principal e mais importante. Mas depois disso, posso transmitir minhas experiências, realizando workshops em todo o Irã e no mundo, e

outros projetos podem ser feitos também para incentivar a prática do esporte e da fotografia.

Conexão Literatura: Uma última mensagem para seu público e admiradores, tanto do campo da fotografia quanto do montanhismo.

Amin Dehghan: Agradeço por essa oportunidade e convido todos os jovens, todas as pessoas, a fazer planos para suas próprias vidas, para seu próprio sucesso e progresso. Sejam melhores todos os dias, melhores do que ontem. Não há dois dias iguais. Em todos os campos, das artes, dos esportes, das ciências e da tecnologia, cresçam. Peço às autoridades que deem uma olhada especial no montanhismo, especialmente no Himalaia. Também conto com o apoio das empresas e marcas, se possível, para que eu possa conquistar o topo dos três picos restantes.



INTERVIEW WITH AMIN DEGHAN, IRANIAN

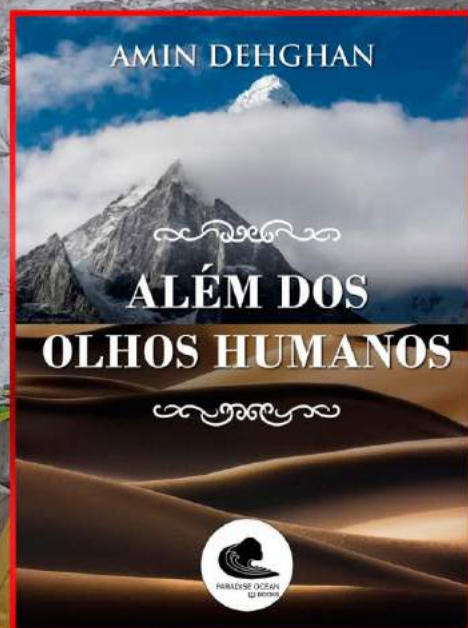
ENGLISH VERSION

AUTHOR, PHOTOGRAPHER AND MOUNTAINEER

WHO CONQUERED THE SUMMIT OF EVEREST IN 2021

FOR NEGAR EMRANI/REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Amin Dehghan was born on May 31, 1979 (Isfahan, IRAN). It has a MSc in civil engineering from Islamic Azad University Science and Research Branch. He has conquered many peaks, including: Everest in 2021, Manaslu (8156 M :: Nepal), Lenin (7134 M :: Kyrgyzstan), Aconcagua (6962 M :: Argentina), Imja Tse (6189 M :: Nepal), Kilimanjaro (5895 M :: Tanzania), Elbrus (5642 M :: Russia), Damavand (5610 M :: Iran) and Kazbek (5054 M :: Georgia). Also, he is an official member of FIAP World Federation of Photographic Arts and received the EFIAP badge. In 2021, he published his first book of photographs "Beyond Human Eyes" by the Brazilian publishing house Paradise Ocean Books.



Exploring different and sometimes extreme landscapes of nature, photographer Amin Dehghan, in his book "Beyond Human Eyes", records immensely beautiful contrasts in his images, such as the vividness of desert colors and the silent whiteness of the snow-capped peaks and mountains of the Himalayas. As a mountaineer, he used his experience to capture his journey through several locations thousands of kilometers above sea level, but he also traveled through his homeland – Iran – to bring to his lens the architecture of villages that resist unbridled technological progress.

Amin's records also include the African peoples and their culture, the religious traditions of part of the Middle East, the simplicity and preserved history of some Asian villages and the vividness of colors in Argentina, for example. Amidst this, we also come across scenes of a intact and immaculate nature.

Behind Amin's photographs are the feelings of humility and simplicity of an daily and spontaneous people, the natural warmth and joy of children's smiles, as well as the vivid reality of worlds so far and near at the same time.

Amazon: https://www.amazon.com.br/gp/product/B08ZW74GJY/ref=dbs_a_def_rwt_bibl_vppi_10





Amin Dehghan

INTERVIEW:

Conexão Literatura: Could you tell us about choosing the title of your photo book "Beyond Human Eyes"?

Amin Dehghan: In my opinion, some photos have something to say beyond human eyes. Many photos pursue a high goal which is not seen at first glance...

Conexão Literatura: How was your beginning in the art of photography?

Amin Dehghan: My father had a Polaroid camera and I have been photographing since I was a child. I currently have more than fifty medals and awards from various international festivals.

Conexão Literatura: Tell us about a striking image in a moment of photograph.

Amin Dehghan: I took one of my photos at an altitude of eight thousand meters, at the Manaslu Peak, and it was just morning. I did not know if the sun had risen or not. When



I turned and looked behind me, I saw the sun shining down on the peaks and realized that it had risen and that I was above the sun.

Conexão Literatura: Tell us more about your professional work in the field of photography.

Amin Dehghan: As I said before, I used to shoot when I was in second grade of middle school with old analog cameras. Later, with more modern cameras, the Yashika MF2 and later with Lumen Digital Cameras the photography industry was revolutionized. I have about 50 world gold, silver and bronze medals. I was a judge of several international festivals, including Khayyam 2020, Khayyam 2019. Before the ascent of Everest, there was also a festival of Divine Religions in which most non-Muslims, including Zoroastrians and Christians, participated, and I was a judge of this festival. I took refereeing courses under the supervision of Mr. Riccardo Bosi, the President of the World Photography Federation. I took an advanced photography course and participated in several festivals. I held various workshops for photography enthusiasts. And in general, people's view and vision changes when it comes to photography. There was this once when I held a workshop and then a student came to me and told me that there was a very beautiful location in their neighborhood and they had not seen it for twenty years. Now that I had given them an explanation, their view had changed and after twenty years they could see this beauty. These are praiseworthy and beautiful for me.

Conexão Literatura: How do you feel when you see your students succeed?

Amin Dehghan: Both in the field of mountaineering and in the field of photography, when I see a trainee or student succeeding, for example, after my class, I hear that they have reached the peak of Sabalan or the peak of Damavand, and they send me photos and say that they climbed this peak with pride. They say that they were my student, they used the experiences that I passed on to them and they shed tears of joy, this in itself is a reward for me. It conveys a very good feeling to me spiritually. In the field of photography as well, the advice I give to some friends in choosing a photo, the subject of the photo.... (I do not consider myself a master and I do not have much experience and I see myself as the least of all) I am really happy after seeing the success of people.

Conexão Literatura: Do you have plans for a new photography book project?

Amin Dehghan: Yes, I have plans as soon as a new opportunity with the publisher arises.

Conexão Literatura: About your mountaineering career, when did you start practicing this sport and what was your motivation?

Amin Dehghan: In the name of the Creator of the Mountains. I entered the field of mountaineering as a child. As an amateur, I used to go to a mountain near our house along with my father. It was about 38 years ago. But technically, professionally and scientifically, I started mountaineering seriously about eleven years ago. I went through

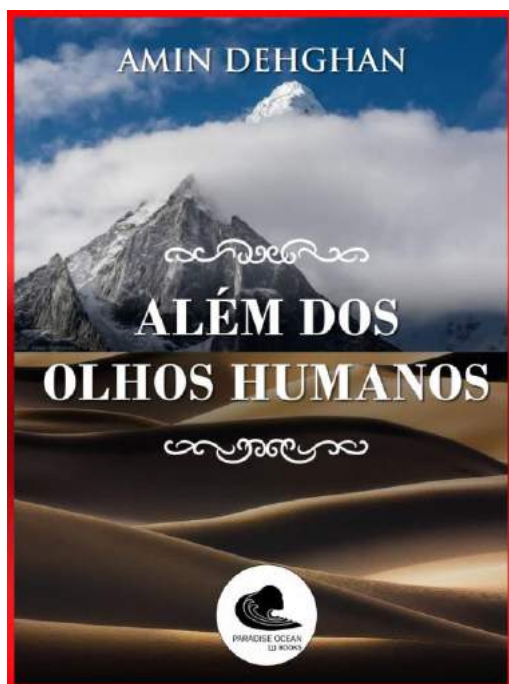
different courses of the Mountaineering Federation and started mountaineering quite professionally.

Conexão Literatura: What was the first summit you conquered in Iran? How did the feeling of conquering the summit convey to you, and did you think that one day you would conquer the world summits?

Amin Dehghan: The first summit I climbed was near our house in Isfahan, Ghaemieh neighborhood, Mount Donbeh. I climbed several times. Once or twice with my father, we would go to see the seasonal springs after the rains. Later, we climbed a lot with my relatives, my uncle, my classmates, because the mountain was close to us. When we entered middle school and high school, I climbed Mount Soffeh, which is higher and located in the center of Isfahan, and after that I climbed most of the summits of Iran, including Damavand, which is the roof of Iran, 13 times.

Conexão Literatura: How you feel when you reach a summit? Has it ever happened that your goal is to conquer a summit but you have given up on the way and come back? And if it happened, how did you feel then?

Amin Dehghan: The feeling of a person who achieves a summit is indescribable, no matter what he says, the passion and joy that the person feels cannot be transmitted to others. But if I want to say in a few sentences, when I was a child, we used to climb the same mountains near the house, and as soon as I reached the summit, I had a sense of pride and success. It was even influential in my school lessons and process of my life.



Conexão Literatura: You mentioned the feeling of success for reaching the summit, but you have ever felt defeated for not reaching it?

Amin Dehghan: Yes, you see, every success requires you to overcome failures. Cross the turbulence, the waves of the sea, the rain to reach the rainbow. You have to be patient. It has happened many times that I had an accident in my training. Like I was cycling, I was running, or something happening to me in the mountains. From breaking teeth and hands to dislocated shoulders for myself. Or not, I remember a while ago before the Everest; As the founder and coach of Everest Club in Isfahan, just a few months ago, before I joined Nepal, we took the club team to a summit and I remember it was winter, there was a strange snow in

the area up to our waists. We got to a place before the summit where the storm was added and we saw that it was a kind of suicide and we might have accidents. Maybe we

would have arrived, but the collective wisdom and experiences of me and my guide led us to the conclusion that we should return and that we did not feel any defeat in that program at that moment. Everyone to be happy, everyone to be satisfied. It is not always the criterion to reach the rock and the summit mark.

Conexão Literatura: Did you ever think you would ever conquer Everest?

Amin Dehghan: Yes, I saw it in myself. Not that I have false pride. This was my goal before and I have been climbing for many years. I have also photographed. I remember I was in the second grade of middle school and in a camp we were going to Shiraz, I was the group's photographer. With old analog cameras that we put the film ring inside. I have been pursuing photography and mountaineering for a long time, and I had a long-term goal for Everest, meeting the prerequisites from previous years. I took the courses regularly, I became the official instructor and instructor of the Mountaineering Federation, and that means I took 15 or 16 courses. I had climbed most of the summits of Iran in different seasons. I had different experiences in different climates. I started doing overseas ascents from 5,000-meter summits, even including Manaslu Peak, which is not one of the seven summits in the world, as the first one in Isfahan province to climb a peak with a height of more than 8,000 meters. Which made it possible for me to conquer Everest on our next ascent, which was my tenth overseas ascent. That is, it was completely scientifically predicted by observing the principle of overload. Of course, this year we had a lot of challenges in climbing Everest and the experiences of previous ascents helped me to climb Everest and come back successfully.

Conexão Literatura: Tell us the story of conquering the Everest and its challenges.

Amin Dehghan: Climbing Everest is one of the aspirations of every mountaineer. I made my decision three and a half years ago and sold my car, which was a Hyundai Santa Fe, for two hundred million Tomans. Unfortunately, I did not exchange the Tomans into Dollars. Because I believed I should not disrupt my country's economy and I should make the exchange after I was prepared for the flight. I wish everyone thought like me. The dollar was 3,500 Tomans at that time. I had done the work, the correspondence, the contract, everything was done, but unfortunately one of the provincial officials said that we would find a sponsor for you. (At that time, I had successfully returned from Aconcagua (South America's rooftop) as the first person in Iran to climb in a very bad weather and made headlines.) He promised me, since he was the head of the province's mountaineering board, he wanted to use this opportunity to remove criticism off his shoulders. As I waited, I saw that it was not working and the dollar was getting costlier. Until the dollar reached 12,000 Tomans and I saw that I could not go to Everest at all. That's why I chose Manaslu and climbed it a year and half ago, but this year I said to myself that I have to climb Everest because it is one of the seven summits of the world and it was my goal. I had a small house on my father's property, I sold it and unfortunately I did not buy dollars again. I thought that this government, like the previous ones, has finally tripled the dollar, and now that it is 12,000 Tomans, it is not

getting any more expensive. But again the dollar reached higher amounts. I had to get a sponsor. I wrote letters to more than 160 organizations. I went to Tehran, donated my books to banks, insurance companies, public and private companies, and finally, after all this running, I was able to reach an agreement with three or four companies. The sum of them was 420 to 450 million tomans, and I had 650 million tomans myself, and one billion and one hundred million tomans was the cost for Everest this year. Finally, with 25,000 tomans a dollar, which was one of the challenges this year, I managed to travel to Everest.

The next challenge for Everest was breaking the licensing record for Everest this year. During the ascent season, the Nepalese government issued more than 408 permits in the base camp alone. In addition, they had issued many permits to climb the Lhotse Peak, which is close to Everest and they have a common route, resulting in more than a thousand people being in the base camp and many problems for the climbers. Base camp with a height of about 5364 meters. A town in the highest place in the world, all together without observing the rules of health. Initially, about 20-30 people caught coronas, and this number reached to more than 150 people, who were evacuated by helicopter and transported to hospitals in Kathmandu, the capital of Nepal.

The next challenge was that the record-breaking crowd made it difficult for us to climb. Suppose some people are going down while you are going up. Right at the critical point where there was a precipice on one side and a gap on the other, a narrow path, and I had to open my support, which has a high risk of opening yourself from a safe workshop in that situation so that the person can pass. Or vice versa

The next challenge was the changing weather. The weather this year was not interesting at all. Small aerial windows were created for climbing.

During this time, I had a severe cold and a bloody cough. The base camp had a doctor, but I also went lower than the base camp for about 17.5 km, a village where a doctor had an office. That doctor also agreed with the base camp doctor and said you don't have the corona. Later, when I returned from climbing and arrived in Kathmandu, I did an initial test that was positive. Some people said you had the corona and it was over. Because I recently took three negative corona tests even in Iran. In any case, despite those severe bloody coughs, I climbed the peak so hard that even the Nepalese themselves were surprised that the Iranian mountaineer who had a bloody cough and some said he would not climb, had succeeded in reaching the summit as the first person.

The next challenge was after I had climbed the peak as the first person in the company, I reached the peak and returned to Camp 4. The height of Camp 4 is eight thousand meters. We are in the death zone and we need to get back down quickly. Everyone who climbs Mount Everest and returns to Camp 4 will take a break and return faster to Camp 3, which is lower in altitude and provides more oxygen. Some even go to Camp 2, altitude 6500 and sleep there. But we faced another challenge; There hit a very hard storm. Snow and hail were lashing on our faces and we could not go down at all. Whatever we did, we saw that it was like a suicide. Heavy fog covered the area and we did not have a good view. The storm and wind were strong. We had to spend the night in the same camp 4. Low oxygen, high fatigue. 7.5 at night I had moved and 7.5 in the morning I had reached the summit, that is, 12 hours at that height with heavy trousers, iron crampons under the

shoe, those hardships, challenges. And again, it took me 7 to 8 hours to get to the bottom, something like 20 hours of heavy climbing at high altitude; Now that you have arrived at Camp 4, you are involved. Captive in a tent where two or three people squat just sitting. We cannot go to sleep properly and we should not sleep at all because we may not wake up anymore, God forbid. The condition was so severe that my sherpa became ill and lost consciousness. I looked and told myself he has to be dead, then I saw his abdomen moving, so I thought he was breathing. The situation was really difficult. My hands and feet were cold. We had a picnic cooker, we turned it on. And then I was tired and I was falling asleep when my hands and feet clung to the picnic fire two or three times and my gloves and socks burned, but thank God, my own body did not find any problems with it. We had a very hard night and got up early the next morning. There was still a storm, but not like the night before. We went down and reached the third camp. Later down, we reached Camp 2 and that was where we were safe. We spent the night at camp 2. After that, we came lower to Camp 1, and from there, we reached the base camp, and in the base camp, we were connected to the Internet, and from there, we were completely relieved.

Conexão Literatura: Based on your history, the injuries you saw, how did your family feel about your travels? Every time you want to go to conquer different peaks that are dangerous anyway, has it ever occurred to them to call you back?

Amin Dehghan: Yes, sometimes there are objections to me, but because they know that I am careful and I am bringing young people to healthy sports and I have established a club without margins, scientifically, completely technically and regularly, without collateral problems, and famous; Unfortunately, in all disciplines we may have adversity and problems. There are 52 federations in the country and each sport may have its own peripheries, but we practice without those and the family is happy about this, but they are very worried about my own personal ascents abroad. Especially for climbing Everest, my father, mother and even my grandmother had made vows, my wife, my children, the whole family, to worry and pray, however the climb was very challenging and the family could not be indifferent. On the other hand, because I have a goal for myself and I want to conquer the seven summits of the world as the only Iranian, they also cooperate with me.

Conexão Literatura: You said that your goal is to conquer the seven summits of the world, and so far you have managed to conquer a number of them. If you conquer all these seven peaks, then do you think that you still have a goal in the field of mountaineering that you want to achieve?

Amin Dehghan: In my opinion, living an aimless and unmotivated life is meaningless. Everyone should have goals for themselves, long-term, medium-term and short-term. All in all, this is my main and most important goal. But after that, I can transfer my experiences, hold workshops all over Iran and the world, and other things can be done.

Conexão Literatura: One last message to your audience and admirers, both in the field of photography and mountaineering.

Amin Dehghan: Thank you. As a younger brother, I call on all young people, all people, to plan for their own lives, for their own success and progress. Be better every day than yesterday. No two days are the same. In every field, arts, sports, science and technology, rise. I ask the authorities to take a special look at mountaineering, especially in the Himalayas. I also ask companies and brands to support me if possible so that I can conquer the remaining three peaks.





A VERDADE

Conheço as coisas que você não diz.
Aqueles em que você pensa no travesseiro olhar o vácuo.
Eu exploro entre as páginas todas as nuances de você.
Escuro, venenoso.
Eu sei a verdade
Você mente, mas todo mundo sabe disso.
No fundo está, nos olhos.
Você não pode escapar dos meus olhos
Porque o recital veio do seu coração.
Vou dissolver você com minha lealdade.
E esta é a razão de seus gritos.
Eu vejo eles.
Diga-me o que vai sobrar do seu jogo?
Tanta ficção infeliz.
Borrado como o céu cinza
folhas de outono.
A noite.
Deixe a máscara.
Porque muitos dos seus problemas o alcançarão em todos os lugares.
Agora entretanto
saia do meu caminho.
Eu quero amar a vida.
E eu não sou como você!
Eu não estou perdido e sozinho.
Tenho muitas coisas para cultivar.
Seu campo é estéril.
E eu tenho muito a dar
não sou como você,
não sou como você!

Italiano, licenciado em psicologia clínica, pela universidade "N.Cusano" de Roma. Fala quatro idiomas e escreve desde os 16 anos. Começou a escrever em 2011 e nunca mais parou. Escreve poemas, artigos de jornais, letras de músicas e ocasionalmente histórias. No entanto, também conseguiu publicar na Venezuela, Itália, Colômbia, México, Argentina, Chile, Peru, EUA, Brasil, República de São Marino, Romênia e Espanha. Escreve em italiano, espanhol, português e inglês. Seus autores preferidos, são: Coelho, Hemingway, Pablo Neruda, Dario Fo e Agatha Christie.



Antonio Di Bianco

O DILEMA PESSOA-PERSONAGEM

Em algum momento da vida, você terá se surpreendido (ou serei apenas eu?) ao se comportar de forma meio estranha, ou expressar uma ideia, uma opinião, que lhe soa um tanto inusitada. Ali, naquele instante, você não está sendo a pessoa que normalmente corresponde a você. Ali, naquele dado momento, eu, você, estamos operando no modo personagem.

Simmm! Por incrível que possa parecer, de vez em quando a gente vira personagem. Isso acontece, mais que tudo, em situações de convívio alargado, quando saímos da nossa zona de conforto social. Especialmente nas ocasiões em que, chamados a participar de eventos – reuniões, festas, jantares, aniversários –, somos colocados num círculo com o qual não estamos familiarizados e nos vemos na contingência de ter que interagir com pessoas das quais pouco sabemos e que, por sua vez, também pouco sabem de nós. E, às vezes, não queremos mesmo que saibam.

“A característica principal do personagem é que ele assume comportamentos, atitudes, opiniões, que, em maior ou menor medida, não se coadunam com a maneira de agir e pensar da pessoa.”

Bert Jr.

Em tais circunstâncias, naturalmente surge a tentação de apresentar uma versão “editada” de nós mesmos, ou, então, uma projeção fantasiosa da nossa personalidade. Esta é a oportunidade perfeita para que o personagem apareça.

A característica principal do personagem é que ele assume comportamentos, atitudes, opiniões, que, em maior ou menor medida, não se coadunam com a maneira de agir e pensar da pessoa. O desenvolvimento do personagem poderá ser administrado pela pessoa, ou fugir a seu controle, a depender do quão conscientes estejamos sobre quem ele é e do que ele é capaz. Deve-se, no entanto, ter presente que o personagem almeja ter vida própria, e irá se comportar com uma lógica que não é a da pessoa. Portanto, embora o modo personagem possa ser estratégico em determinados contextos, trazendo ganhos e benefícios, sempre haverá riscos inerentes à sua operação.

Digamos que você não esteja acostumado a ingerir bebidas de elevado teor alcoólico. Pode acontecer que, numa roda de conversa em que a bebida geral seja uísque, por exemplo, o seu personagem venha a ser um tipo boêmio, para quem entornar um copo de 12 anos cowboy no gute-gute é moleza. De repente, você pode surgir cantando *vamos a la playa, nananana-ná* em meio a um debate sobre os efeitos da pandemia de covid-19 na economia global. Esse tipo de risco existe no modo personagem, entende?

Outra situação possível, próxima do que já vi acontecer. Você entende o básico de xadrez, sabe o movimento das peças, mas nunca se aprofundou. Só que o seu personagem é um jogador brilhante, acostumado a disputar partidas em torneios de clubes de xadrez. Com um currículo desses, é natural que seja desafiado a jogar uma partida ali mesmo, na festinha, com todo mundo em volta, de olho. Lá pelas tantas, o oponente vê a sua linha de defesa e comenta: então é chegado numa “siciliana”. O seu personagem, que não sabe o que vem a ser uma defesa siciliana, retruca: já peguei, mas sou chegado mesmo é numa polaquinha. Tá vendo? Além de demonstrar ignorância, ainda foi politicamente incorreto, pois deveria ter dito polonesinha. Percebe o risco?

Existem, também, situações ambíguas, que podem pender para o bem ou para o mal. É o caso da garota sentada ao seu lado num jantar, que pergunta o que você está achando do vinho. A pessoa que é você responderia, de modo um tanto simplório, que embora não seja um entendedor, o vinho lhe parece interessante. Já o seu personagem, que é um grande apreciador e conhecedor de vinhos tintos, responde: veja bem, não quero ser indelicado, mas acho que este exemplar é de uma safra ruim, suas propriedades organolépticas estão totalmente descaracterizadas. A garota, então, retruca: curioso, o meu pai é *sommelier* profissional e recomendou esse vinho ao anfitrião, é um dos seus preferidos. A situação tornou-se complexa. O seu personagem, tratando de ser coerente com a sua (dele) personalidade, agrega: é mesmo?, me surpreende que o seu pai ainda consiga trabalho. Dispara de volta a garota, com o olhar em brasa: se o vinho não fosse tão bom e caro para ser desperdiçado, jogaria o conteúdo da taça na sua cara!

Por outro lado, a garota poderia ter valorizado positivamente o atrevimento do personagem. Talvez ela tivesse uma relação conflituosa com o pai e aquele mesmo

diálogo soasse extremamente sedutor para ela. Como disse, o modo personagem pode engendrar vantagens comparativas em relação à pessoa, a depender do contexto.

Outro exemplo. O conquistador exibido, que adere ao modo de operação de um personagem tímido, poderá desfrutar de oportunidades anteriormente impensáveis junto a garotas que estejam cansadas de conquistadores exibidos.

A duração do personagem, contudo, não é vitalícia. Em algum momento, a pessoa irá retomar o comando da situação. Daí surgem três cenários possíveis:

- O personagem atua numa situação específica, de curta duração, e desaparece de cena.
- O personagem atua numa situação que se desdobra e se estende no tempo e tentará manter-se no papel.
- O personagem atua numa situação que se desdobra e se estende no tempo, mas a pessoa irá retomar o controle, retirando o personagem de cena.

A sobrevida do personagem tende a ser algo problemático e, no limite, poderia levar a uma cisão da personalidade da pessoa. Portanto, a melhor opção seria a primeira. Uma atuação curta e limitada, em situações passageiras, evitando desdobramentos e prolongamentos temporais. Convém, no entanto, estar preparados para a possibilidade de que a situação em que o personagem atua venha a ter desdobramentos. Nesse caso, para facilitar a retomada do controle da situação, o que exige a eliminação do personagem, é aconselhável que os personagens não sejam drasticamente distintos da pessoa. Quanto maior for a área de intersecção entre os atributos de ambos, mais fácil será para a pessoa se desfazer do personagem e reassumir integralmente o comando.

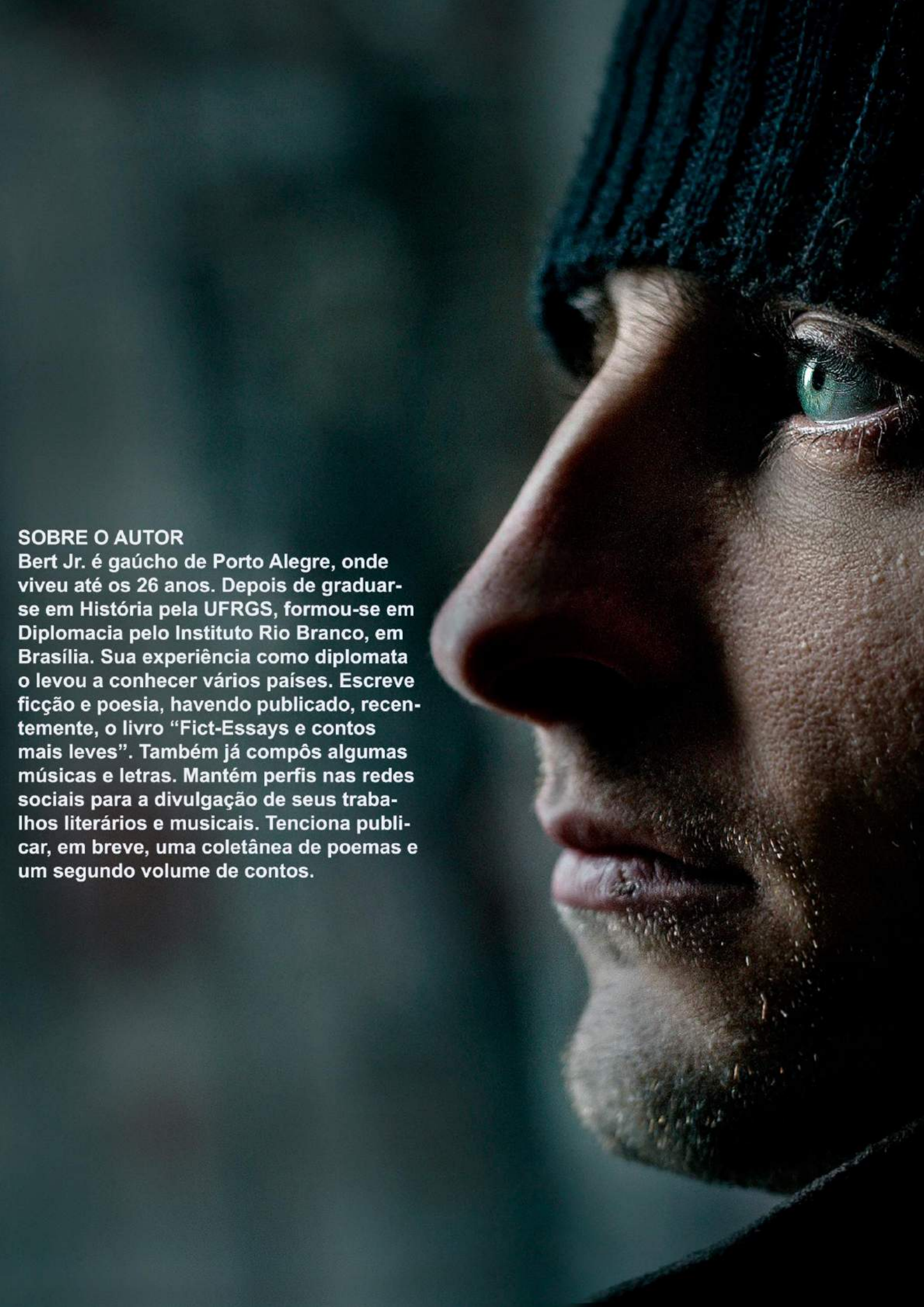
Há casos em que se constata um certo grau de permanência de algumas características do personagem, que são “canibalizadas” pela pessoa e passam a constar do seu repertório de atitudes. Talvez seja esse um bônus ocasional do dilema pessoa-personagem.

Seja como for, convém estar cientes de que a **estória** vivida pelo personagem será sempre uma parte da **história** da pessoa, trazendo um conjunto implícito de recordações e consequências.

Caso tenha gostado do tema, convido a que leia o meu conto *Autoral*, publicado na edição de agosto/2021 da Revista Conexão Literatura, em que o dilema pessoa-personagem é também abordado.

Nota 1. O presente artigo nada tem de acadêmico e corresponde a um exercício criativo, em que se misturam elementos de ensaio e de ficção.

Nota 2. Perfil no Instagram: @_bertjunior. Contos, poemas, temas culturais. Apareça por lá!

A close-up, profile view of a man's face, looking towards the left. He is wearing a dark, textured beanie. The lighting is dramatic, highlighting the contours of his nose, cheek, and lips. His eyes are visible, looking slightly upwards and to the left. The background is dark and out of focus.

SOBRE O AUTOR

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata o levou a conhecer vários países. Escreve ficção e poesia, havendo publicado, recentemente, o livro “Fict-Essays e contos mais leves”. Também já compôs algumas músicas e letras. Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos literários e musicais. Tenciona publicar, em breve, uma coletânea de poemas e um segundo volume de contos.

POR GILMAR DUARTE ROCHA

O HOMEM DE VERMELHO



“Duas personagens reais, de carne osso, que habitaram as ruas da velha São Salvador, ficaram marcadas na minha memória para sempre: uma, a Mulher de Roxo, que perambulava noite e dia pelas ruas do centro velho...”

Gilmar Duarte Rocha

A BAHIA SEMPRE FOI PRÓDIGA EM FIGURAS FOLCLÓRICAS, COMO CAPOEIRISTAS, POLÍTICOS POLÊMICOS, MÚSICOS TRANSCENDENTAIS, ARTISTAS DE RUA, MARINHEIROS, CORONÉIS, ARTESÃOS, CANTADORES, MACUMBEIROS, MÃES-DE-SANTO, BANDOLEIROS E PUNGUISTAS

Muitos deles serviram de personagens para a ficção nos cinemas e nos livros. O exemplo maior talvez tenha sido Quincas Berro D'Água, o famoso defunto cachaceiro de Jorge Amado, que certamente foi abduzido das ruas para as páginas da famosa novela do talentoso romancista numa das andanças do escritor pelo Largo do Pelourinho, Ladeira da Montanha, Rua Chile, Baixa dos Sapateiros ou qualquer outro lugar do (hoje) centro antigo da capital baiana.

Duas personagens reais, de carne osso, que habitaram as ruas da velha São Salvador, ficaram marcadas na minha memória para sempre: uma, a Mulher de Roxo, que perambulava noite e dia pelas ruas do centro velho, trajando uma roupa do século XVIII e andando como um zumbi pelas vielas anosas, sem dizer quase nada, sem pedir quase nada, sem oferecer quase nada. Essa estranha mulher foi conduzida para as páginas do romanceio através do primoroso livro da escritora Patrícia Sá Moura ("Mulher de Roxo – Retrato de um mito", Editora Alba, 2008), que detalha em pormenores a idiosincrasia e mistérios dessa velha senhora, que por muito tempo fez parte da cidade assim como a estátua de Castro Alves, o relógio de São Pedro, os "ovos" de Luiz Vianna Filho, o chafariz da Ladeira da Fonte Nova. O outro personagem insólito, o Homem de Vermelho, é menos conhecido que a Mulher de Roxo, mas não menos intrigante e peculiar, e é ele, em especial, o objeto deste meu singelo texto.

Todo baiano que possui mais de cinco décadas de vida e que habitou a península itapagipana, localizada no extremo leste da cidade baixa, dentro do perímetro da baía de Todos os Santos, conheceu, já viu, ou já ouviu falar do enigmático Homem de Vermelho, que não perambulava pelos bairros da península, mas tinha o sestro, com pontualidade londrina, de aparecer na região vestido inteiramente de vermelho, dos pés à cabeça, todo último santo dia de cada mês.

O homem negro, de quase dois metros de altura, com a carapinha pintada de preto anum, aparecia no Caminho de Areia, uma das principais vias do lugar, às sete horas da manhã em ponto, caminhando altivo e renitente, sob sol ou embaixo de chuva, com passos de marcha cívica e começava a circular em ziguezague por todas as ruas e vielas da península, a partir do Largo de Roma até a Ponta de Humaitá, no outro extremo daquele acidente geográfico.

O que aquele misterioso homem vinha fazer exatamente? Qual a sua missão?

Se fizermos uma viagem no tempo, e regressássemos à Salvador da década de 50, ou talvez a qualquer cidade do Brasil, veria que o SPC, Sistema de Proteção ao Crédito, estava engatinhando e andava de mãos atadas face à precariedade dos meios de comunicação e a ausência quase que completa de tecnologia. Ainda não existia à época lojas de departamento, como Mesbla, que surgiria um par de décadas depois, ou lojas de eletrodomésticos em rede, com a tradicional Romelsa, que dominou o comércio varejista de eletrônicos da capital baiana por muito tempo. Havia, sim, uma loja de rádios e TVs na Rua Chile, outras duas na Avenida Sete; algumas lojas de móveis Largo da Calçada; quatro casas de ferragens e material de construção na Ladeira do Taboão e outras casas de comércio que vendiam a termo e tinham certa dificuldade em notificar os clientes inadimplentes (vale frisar que o percentual de inadimplência, à época, não era tão grande como hoje) e o montante financiado era bancado quase sempre pelo próprio lojista.

Dentro desse contexto é que entra na história o nosso Homem de Vermelho. Como não se sabe quem veio primeiro foi o ovo ou a galinha, a Bahia toda tentava entender se alguém havia recrutado e orientado o cidadão de traje carmim para realizar as andanças pelas ruas da península ou se ele se propôs a cumprir aquela esquisita romaria por obra e graça do destino. Então? E o que fazia o nosso andarilho no fim de cada mês?

Sempre com o papelote na mão e o lápis preso na



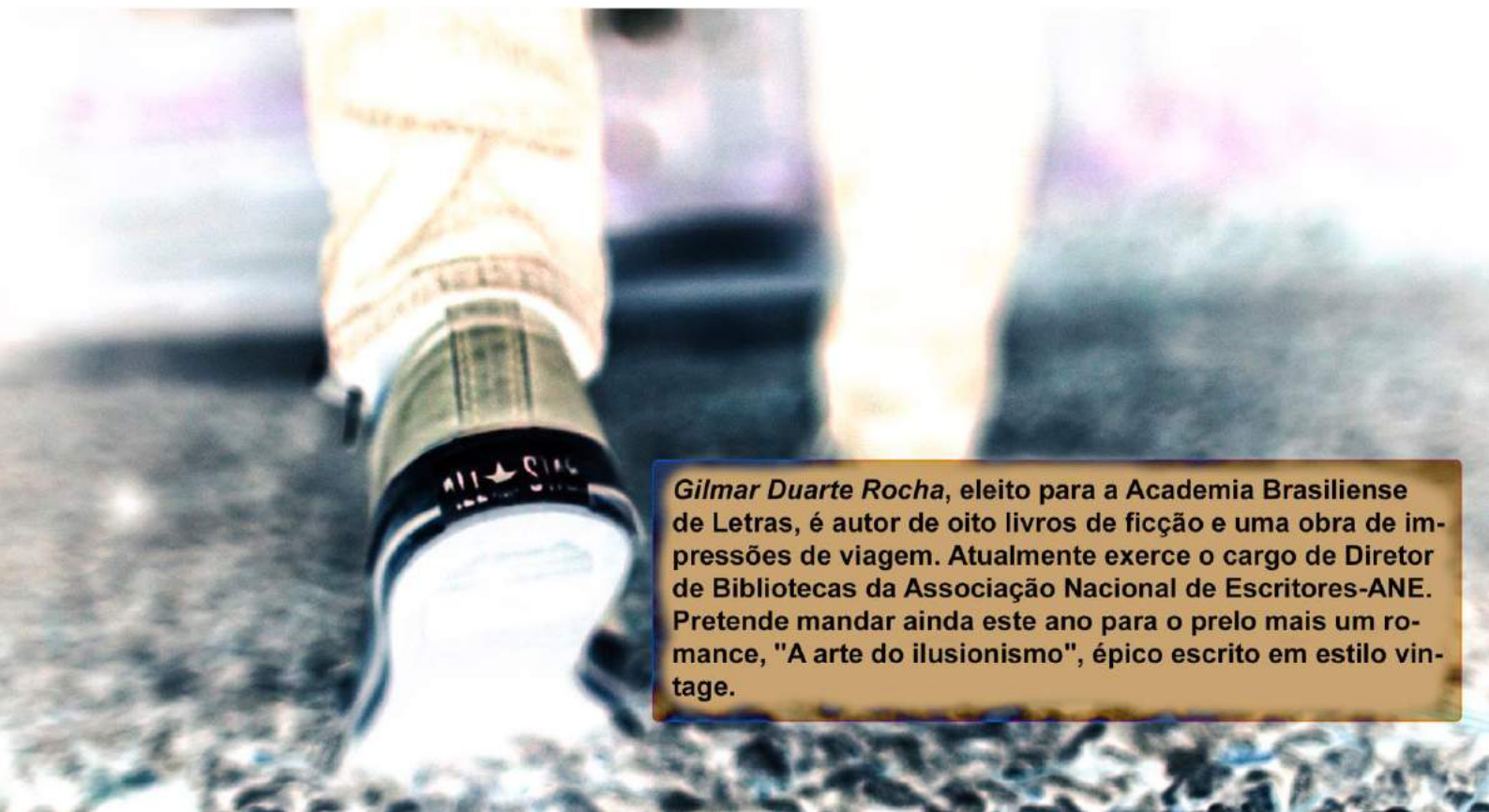
orelha, ele caminhava pausadamente pelas ruas e vielas e parava de repente; olhava o papelote e olhava o número de uma casa em frente; se fossem coincidentes, ele ficava estacionado em frente à casa em questão, imóvel, estático, hirto, e não saía do lugar fizesse sol ou fizesse chuva. Uma autêntica estátua incomodativa. Não dizia nada para o proprietário da residência, não dava um pio sequer. Só ficava lá, em frente à casa, parado. Por tempo indeterminado. Poderia ficar 2, 10 minutos, meia, uma hora, ou até o dia inteiro. “Vixe. José de Carminha está devendo a Deus e o mundo”, poderia ter sido um comentário maldoso de um vizinho fofoqueiro.

“Aquele dinheiro que você prometeu a fulano, sicrano, pode esquecer. Olha lá o vermelhão em frente à casa dele”, seria um conselho de algum desafeto do vizinho.

“O preto de vermelho esteve hoje em frente à casa de Capixaba”, diria um frequentador assíduo do bar da esquina a cada companheiro de cachaça que entrasse no estabelecimento.

Essa era, de fato, a missão do Homem de Vermelho: constranger, de forma passiva, um cidadão possivelmente inadimplente na praça. E o resultado geralmente era exitoso, pois o Homem de Vermelho, na sua próxima jornada do mês seguinte, dificilmente parava em frente de uma casa em que ele havia estacionado em frente no mês anterior, pois o povo humilde — especialmente o baiano — é honesto e cioso de seus compromissos e preza muito pela sua reputação, ainda mais vivendo numa comunidade onde a língua do povo guardava todo o veneno do mundo.

Mais uma história da Bahia, de todos os santos, de todos os cantos, encantos, mistérios, misticismo e fé.



Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.

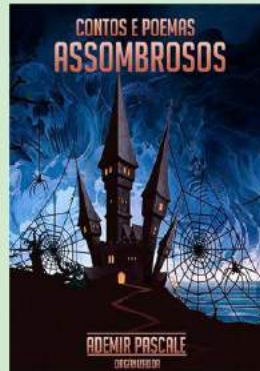
DICAS PARA LEITURA

Porque amamos livros



Meu padrasto é a maior viagem
Melissa Mellvee

Acesse



Contos e poemas assombrosos
Ademir Pascale (org.)

Acesse



A criança debaixo do guarda-chuva
Victor Viana

Acesse



Alma Armênia
Magda Tagtachian

Acesse



Ao desconcerto do mundo
Fabiana Alves Monteiro

Acesse



O paraíso não é perfeito
Stanley Fall

Acesse

“Queremos livros que nos afetem como um desastre. Um livro deve ser como um machado diante de um mar congelado em nós.”

– Franz Kafka



Heinrich Wölfflin - Foto divulgação

ENTRE LINEAR E PICTÓRICO: HEINRICH WÖLFFLIN E A LEITURA DO ESTILO NAS ARTES VISUAIS

Durante os processos criativo e de investigação visual, a fundamentação teórico-metodológica torna-se essencial e uma espécie de bússola direcional, por meio da qual, o pesquisador orienta as discussões propostas por suas atividades teórico-práticas. Nossa bússola hoje será o livro “Conceitos fundamentais da história da arte” escrito por Heinrich Wölfflin (1864-1945) e que recebeu inúmeras reedições no Brasil, pela Editora Martins Fontes, assim como em outros países. A obra descreve o método-analítico, criado por Wölfflin, para não só ser o guia na abordagem estilística das imagens, como também referência na discussão sobre a idealização do espaço plástico.



Rafael Sanzio (1483-1520). Esposalício de Maria, 1504. Óleo s/tela, 174 x 121 cm. Pinacoteca de Brera, Milão / Itália

Nascido em Winterthur, Wölfflin foi professor na Basileia e depois em Berlim, elaborando, primeiramente, a teoria da “empatia” quando de suas observações no campo da arquitetura dos séculos XVI e XVII. Porém, o olhar de Wölfflin teve como objeto de estudo, mais aprofundado e prolongado, as pinturas clássicas e as expressivas.

Logo na introdução do livro, o historiador da arte analisa experiências vividas durante a juventude de quatro pintores – sobretudo Ludwig Richter, o relator das cenas em suas Memórias – os quais pintavam um fragmento de paisagem ao ar livre. Todos despertavam a vontade de não se afastarem do ínfimo detalhe que estivesse presente na natureza observada. No entanto, apesar do modelo ser único para os quatro artistas e a proposta ter sido que cada um fosse fiel ao que os olhos captavam, o produto final foi uma interpretação distinta registrada por cada um em suas telas. Nesse episódio, Wölfflin chama atenção para a percepção humana, pela qual não existe uma única maneira de apreender uma determinada cena ou objeto. O modelo fora captado pelos olhos e transmitido ao suporte de acordo com o temperamento do pintor. Na opinião de Wölfflin, o simples ato de imitar a natureza, sendo fiel à representação, não acontece uniformemente, mas de forma heterogênea, devido ao “estilo individual” de cada artista, um processo de “objetificação”.

Para entender o pensamento de Wölfflin é necessário, primeiro, definir o conceito expressão. Segundo o historiador da arte, a expressão se manifesta pela transformação da forma, que caracteriza o estilo e, também, se relaciona com o espaço plástico, definindo assim, uma concepção linear ou pictórica.

Em linhas gerais, o autor estabelece durante os capítulos uma tipologia a partir de cinco pares antagônicos: linear x pictórico; plano x profundidade; forma fechada x forma aberta; pluralidade x unicidade e clareza absoluta x clareza relativa. Entretanto, um ponto precisa ser evidenciado – a relação de todos os pares antitéticos com o primeiro e fundamental: linear x pictórico.

Nas obras tipicamente planares, revela-se facilmente um grupo de planos paralelos que organizam não só os personagens da cena, mas contribuem para a construção do espaço plástico, efetivamente geométrico e harmônico. De forma bastante equilibrada os vários elementos isolados são distribuídos pelos planos da composição em perspectiva, respeitando sempre a hierarquia dos personagens. Porém, não só a organização compositiva precisa ser observada, mas a linearidade dos elementos compositivos. As figuras inseridas na imagem apresentam delimitação espacial em sua totalidade, por meio da linearidade, que determina a fechadura da figura, a sua capacidade planar, a compreensão do eixo de leitura da imagem em sua retórica de pluralidade de personagens e, por conseguinte, a captação pelo olhar do observador da clareza absoluta imagética. Quem provoca todos esses fatores é o estilo linear, não somente pelo contorno nas variadas figuras da imagem, mas por tornar a composição extremamente legível – características explicitadas na pintura de Rafael Sanzio, “O Esponsalício de Maria”.

Nas composições de cunho expressivo, que suscitam *pathos* e dramaticidade – e resultam da desconstrução da linearidade – se configuram tensas diagonais e/ou extravagantes sinuosidades. Também há instabilidade visual por conta da aglomeração de elementos que ensaiam a ideia de profundidade. Nesses casos, a clareza compositiva é relativa, a retórica se dilui por meio de complexas tipologias espaciais, a divisão planar é abolida constituindo a visão subjetiva de distanciamento e profundidade, as figuras são tomadas por sombras e campos de cor que caracterizam o estilo pictórico. Por conta da ruptura com a estrutura linear, o pictórico concede à composição movimentação e abertura da forma, concretizando a unicidade – o conjunto de elementos se comprime e se torna único – o todo em detrimento dos detalhes, onde a massa pictórica se sobrepõe. Elementos encontrados no trabalho de Rubens, “A Queda dos Condenados”.

Peter Paul Rubens (1577-1640). **A Queda dos Condenados**, 1620. Óleo s/tela, 286 x 224 cm. Antiga Pinacoteca, Munique - Alemanha

Tais considerações são apenas aperitivos apontados por Wölfflin, durante a compreensão da visualidade das imagens – na qual o estudo do linear compreende a organização compositiva em



seus estágios subentendidos (clareza imediata, retóricas identificáveis e plurais, planos definidos em perspectiva e elementos legíveis por meio de fechamento das formas). Já no campo do pictórico, o oposto – uma “aventura afetiva por conglomerado único” – a forma se abre e alça ao patamar expressivo da subjetividade, pela qual, a composição se torna uma esponja cromática.



Reginaldo Leite

Reginaldo Leite é Cenógrafo, Professor Universitário, Mestre e Doutor em Artes Visuais pela UFRJ. Desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado em História da Arte na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É integrante do grupo de pesquisa “Studiolo: Estudos em História da Arte da Antiguidade à Primeira Época Moderna”, filiado ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Autor dos livros “A Insanidade que nos une: um mergulho na arte de enlouquecer” (2020), “Os Crimes de Platão” (2019) e “Convergir: arte e seus pares” (2005).

“

LITERATURA

QUEM FOI CHARLES DICKENS?

POR ADEMIR PASCALE



ASSISTA O VÍDEO NO CANAL CONEXÃO NERD, COM NARRAÇÃO DE ADEMIR PASCALE

CLIQUE NO BOTÃO E ASSISTA



CANAL CONEXÃO NERD

INSCREVA-SE

MARIANA ENRÍQUEZ

A NOVA NARRATIVA DE TERROR LATINO-AMERICANA



Mariana Enríquez - Foto divulgação

Sempre me fascinaram como lugares tabu: a morte está tão escondida em nossas sociedades e temos tanto medo dela que, para mim, os cemitérios eram e são um lugar limite onde se enfrenta aquilo que dá medo não somente a mim, mas à maioria das sociedades do Ocidente. Além disso, na Argentina, a ditadura, que coincidiu com minha infância, assassinou, mas sumiu com os corpos. Então, para mim, um túmulo nomeado é um pouco reparador; o maior horror da história do meu país tem a ver precisamente com a ausência de um túmulo. Meu cemitério favorito vai mudando, mas neste momento é o Highgate, em Londres. Também gosto muito do cemitério Holt, em Nova Orleans, e o Azul, na província de Buenos Aires. (ENRÍQUEZ, 2019).

MARIANA ENRÍQUEZ (1973) nasceu na Argentina. Hoje, é considerada uma das mais importantes escritoras latino-americanas; integra o grupo chamado pela Crítica de Nova Narrativa Argentina. Formou-se em Comunicação Social pela Universidade Nacional de La Plata. Como jornalista, colaborou no Radar do jornal *Página / 12* e nas revistas *TXT*, *La Mano*, *La Mujer de mi Vida* e *El Guardián*. Também participou do programa *Gente de a pie*, da Rádio Nacional (CERVANTES, 2020). Além de romances e contos, escreve ensaios. Suas obras já foram traduzidas para vários idiomas e publicadas em diversos países.

Publicou seu primeiro romance, *Bajar es lo peor*, aos 21 anos. Para Juan Forn (2016), editor da Editora Planeta, à época em que o miolo do primeiro romance de Enríquez foi entregue para avaliação e publicação na década de 1990, a narrativa do romance era “hermosamente negra” e estrelava uma gangue de darkies terminais que eram amigos imaginários perfeitos de Enríquez. Desde essa publicação, passaram a anunciá-la nas rádios, como a romancista mais jovem da Literatura Argentina.

As personagens e os ambientes sombrios e mórbidos viriam então a frequentar os cenários das narrativas da jovem romancista/contista que parece continuar de forma magistral o viés do temário fantástico, da sobrenaturalidade já tão anunciado como uma das melhores escritas literárias produzidas na América de modo geral, se lembrarmos de Edgar Allan Poe e H. P. Lovecraft nos Estados Unidos, Julio Cortázar, Borges, a própria Allende e tantos outros escritores na América-latina que perpassaram pelo gênero terror, realismo mágico etc.

Sobre esse assunto, em entrevista em 2019, Mariana Enríquez dizia: “Penso que cada vez mais o terror contemporâneo é um gênero capaz de falar sobre tudo, uma meta de gênero: pode ser um terror social, político, relacionado ao corpo, com traumas, com o sobrenatural.” Segundo a autora, o gênero terror é apropriado para narrar acerca dos tempos de incerteza, pois aproxima o texto literário das realidades distópicas. Enríquez se interessou pelo gênero ainda na infância, “lendo sobretudo Stephen King, e outros autores ou textos que não eram necessariamente “do gênero”, mas que me causaram a inquietação que procurava. Sempre foi uma busca agradável, estética e literária” (ENRIQUEZ, 2019, s/p).

O gosto pelos temas tabus estimula a escritora a escrever dentro de um universo em que elementos insólitos, macabros, perturbadores provocam o medo e ameaça da dor e de morte estão vividamente ativos, capazes de criar uma atmosfera de favor ofegante, escura e maléfica que busca justificar as ações de suas personagens nesse lugar, onde o inexplicável parece explicar os acontecimentos ocorridos no decorrer das teias narrativas que ela cria a cada publicação, seja no romance, seja no conto.

O contexto dessas histórias são retratos de várias cenas da vida contemporânea que se iniciam como situações surreais, mas que vão se arquetizando para que o leitor visualize essas ações próximas à realidade social. Desse modo, Mariana Enríquez se configura como uma escritora do gênero terror que (re) significa a releitura das personagens tradicionais. Isso a coloca em uma posição privilegiada de sucesso com seus romances e contos do gênero terror, por essa sua peculiaridade, talvez responsável por desconstruir alguns estigmas do mercado editorial em torno de sua produção literária.

O primeiro se deve ao fato dela ter publicado seu primeiro livro aos 21 anos de idade. “Eu tinha 21! Era muito jovem. Meu livro então foi publicado porque eu era jovem, e o que se buscava era um livro escrito por alguém jovem.” (ENRIQUEZ, 2019, s/p). O segundo porque ela é uma escritora feminina: “Faz mais de 20 anos, mas a indústria não se preocupava com a literatura de mulheres. E digo de mulheres porque não acredito que exista literatura feminina: nós mulheres escrevemos e, em alguns casos, relatamos nossa experiência criativa, da qual pouco há registro em função de muitos anos de silenciamento.” (ENRÍQUEZ, 2019, s/p). Para ela, as mulheres podem escrever sobre qualquer tema e que não existem temas específicos para a escrita feminina.

Não resta dúvida de que Enríquez ao lado de grandes mulheres que optaram por direcionar sua escrita para o temário do terror, corrobora com a premissa dela descrita acima. Mariana é uma jovem autora que conquistou milhares de leitores na América e fora dela. Foi premiada em 2017 com o Prêmio Ciutat de Barcelona na categoria “Literatura em Língua Espanhola” pelo livro *Las cosas que perdimos en el fuego*. E, em 2019, ganhou o Prêmio Herralde com *Nuestra parte de noche* (CERVANTES, 2020).

Dentre as obras de Enríquez, estão:

- Bajar es lo peor (1994)
- Como desaparecer completamente (2004)
- Mitología Celta (Ensaio, 2007)
- Los peligros de fumar en la cama (2009)
- Chicos que vuelven (2010)
- Cuando hablábamos con los muertos (2013)
- Alguien camina sobre tu tumba: mis viajes a cementerios (2013)
- Las cosas que perdimos en el fuego (2016)
- Éste es el mar (2018)
- La hermana menor (2018)
- Ese verano a oscuras (2019)
- Nuestra parte de noche (2019)



Nessas histórias há uma literatura tecida de um sublime terrível de um pensamento de uma mulher que escreveu como as narrativas de terror podem ser descritas e criadas por um olhar observador de quem vê e entende os fantasmas que andam pelas ruas das cidades e como a sociedade continua sendo apavorante, um lugar terrível para se viver.

Mariana Enríquez habita a floresta dos medos, filtra os feixes de nossa imaginação, reforma a mais antiga emoção que sentimos: o medo, e por meio dele, constrói cada página de seus contos e de seus romances, sem medo, sem restrições das amarras patriarcais do passado, demonstra como se faz um leitor se apaixonar/continuar se apaixonando pela Literatura de terror, e hoje é um dos maiores nomes dessa particularidade literária.

Referências

CERVANTES, Instituto. **Mariana Enríquez. Biografia**, 2020. Disponível em: https://www.cervantes.es/bibliotecas_documentacion_espanol/creadores/enriquez_mariana.htm. Acesso em 25 jul. 2021.

ENRIQUEZ, Mariana. Entrevista: **Mariana Enriquez e “Uma casa no fim do Michael Cunningham mundo” de Cunningham**, 2019. Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/entrevista-mariana-enriquez-tag-livros/>. Acesso em 25 jul. 2021.

FORN, Juan. Muchacha punk. **Página 12**, Viernes, 29 de abril de 2016. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/contratapa/13-298097-2016-04-29.html>. Acesso em 25 jul. 2021.



Mariana Enríquez – Foto divulgação

Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos. Autora do livro de poesias *Riscos de Mulher* (Editora Todas as Musas).

RESENHAS

ANTOLOGIAS

HQS

ENTREVISTAS

LIVROS

VENHA PARA O LADO CULTO DA FORÇA

CONEXÃO LITERATURA

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

INSTAGRAM: @REVISTACONEXAOLITERATURA | FACEBOOK: @CONEXAOLITERATURA
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PORQUE AMAMOS LIVROS

ATRASADOS

por Daniela S. Terehoff Merino

Manhã de segunda-feira.

Os ponteiros do relógio abrem as asas:

“Tu és atraso!”

Voa teu corpo: Falcão-peregrino indo estudar.

O mundo transformado em vento célere.

Tudo a chamar-te:

“Vem cá, amigo!”, “Toma um café!”, “Come um quindim”,

“Faz uma pausa.”

“Flerta comigo”, “Olha pro alto”, “Me diz que ‘sim’..?”

As nuvens-borboletas a piscar...

Mas tu?

Corres sem ver! És todo atraso!

És todo a.... Ah! O trem...

(A pausa)

Lá vem ele:

Contrastante

tartaruga...

Pausa.

Corta teu voo a porteira deslizante

Fechada para o trem passar.

O trem!

(A presença dele atravancando o que era pressa)

“É o mundo se voltando contra mim!”

Pensas.

E então? A espera.

O embarque.

Alheio...

Falcão-paralisado: estás a olhar como os agulhões-vela entram no trem

Contentes! Salvos do atraso!

É um trem heroico.

(para os outros)

Mas tu — atrasado! — és todo fel:

“O que me importa esse trem salvador

Se as asas dos ponteiros me atropelam?

Se o trem salvou a ti, e não a mim?”

O dia passa.

As horas voam...

Tarde de quarta-feira.

Os ponteiros do relógio chicoteiam:

“Ainda és atraso!”

Corre teu corpo,

Guepardo indo trabalhar.

“Podes me ouvir?” (Livro-ficção na vitrine a pedir socorro)

“Consegues ler?” (Mensagens dela a sonhar com tua resposta.)

“Quer me sentir?” (Ipê amarelo solicitando olfato atento...)

Mas tu?

“Sou todo atraso.”

**A estação
A compra do bilhete
A espera.**

Tão longa...

Tão roxa...

Tão...

“E esse trem que não vem?”

(A ausência dele atravancando o que era pressa.)

Guepardo impedido de se mover.

A olhar a porteira aberta

A Multidão de corpos-vento, agulhões-vela atravessando os trilhos

Desimpedidos:

“Salvos pelo não-trem!”

Não-trem heróico!

(Para os outros – sempre os outros!)

Mas tu – tão atrasado! – és todo angústia:

“E o que me importa que os outros trilhem seus caminhos

se meu relógio é só ventania e ainda me atraso?

Se essa porteira é leal aos outros, e não a mim?”

O tempo passa:

Os anos voam...

Domingo à noite.

**A brisa lamentando
ter desejado ser vento
um dia**

Quebra todos os relógios.

E tu?

Estás deitado em tua rede na varanda.

Cansado de ser animal.

Triste após tanto voar.

Arrepe(r)dido depois de tanto atraso.

Sozinho.

**“E quanto aos outros?”,
perguntas:**

“Cadê?”

Ninguém te liga.


Ninguém te ouve.

Ninguém te vê.

Devem estar todos

Atrasados.

“



SOBRE A AUTORA:

Daniela S. Terehoff Merino nasceu em 1989 em São Paulo e hoje mora em Ribeirão Pires. Formou-se em Letras em 2013, é mestre em literatura e cultura russa e atualmente faz doutorado com bolsa FAPESP e orientação de Elena Vássina, desenvolvendo o trabalho "O Primeiro Estúdio do TAM: Utopia artística em meio à guerra". É autora de "Sulerjítiski: mestre de teatro, mestre de vida: sua busca artística e pedagógica" (Perspectiva, 2019). Escreve peças teatrais desde 2011, ganhou 2 menções honrosas no Nascente e o 2º lugar no 1º Prêmio Travassos de Literatura. Hoje desenvolve projetos em parceria com sua irmã, a ilustradora Claudia A. Terehoff Merino, sobretudo no blog MasticadoresBrasil. Desde o começo de 2021, participa de várias antologias organizadas por editoras como a A arte da palavra, Ao vento editorial, Delicatta, Editorial Independente e Pé de Jambo.
Instagram: @daniterehoff

**APOIE O TRABALHO DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA
E DOE UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR:
USE O QR CODE DO PIX PARA TRANSFERIR**

**ABRA O APP EM QUE VAI FAZER A TRANSFERÊNCIA, ESCANEIE A IMAGEM ABAIXO
E COLOQUE O VALOR DESEJADO**



**OU CASO PREFIRA FAZER MANUALMENTE
E USAR A CHAVE PIX: CLIQUE AQUI**

POR FERNANDO LUIZ DOS SANTOS CHAVES

O HOMEM É OU NÃO É UM ANIMAL RACIONAL?

“O homem não é o único animal que pensa, mas é o único animal que pensa que não é animal.”
Fernando Luiz dos Santos Chaves

Trechos da obra: O homem é ou não é um animal racional?

Trecho 1 (...) É certo que a ignorância do povo era enorme, mas a sabedoria deles também era gigantesca. Talvez o fato dessa população conviver e morar em um lugar cercado por uma natureza farta e abundante, repleta de flora e fauna, estas tenham lhes ensinado a saber viver em paz e em perfeita harmonia, respeitando a natureza e os animais que ao redor da cidade habitam, mesmo que alguns desses animais sejam peçonhentos e selvagens.

Mesmo assim, eles entendiam e respeitavam essas diferenças que existiam, tanto na natureza, como também na sociedade humana.

Nessa sociedade local havia um pensador, o Sr. Elias de Deus da Natureza Jardim, que sempre dizia a todos: — Aristóteles foi um filósofo grego, aluno de Platão e professor de Alexandre, o Grande, que em seus escritos, disse: “O homem é um animal racional.” Já Blaise Pascal, que foi um matemático, físico, inventor, filósofo e teólogo católico francês, expôs: “O homem não é o único animal que pensa, mas é o único animal que pensa que não é animal.” Já eu, Elias de Deus da Natureza Jardim, pensador local, brasileiro, que nunca escreveu nenhum livro, que em hipótese alguma fundou nenhuma religião e que jamais cursou nenhuma universidade, digo: independentemente de crenças, religiões, costumes ou moral, todo ser humano, biologicamente, é um animal racional. Porém, a única dúvida que devemos ter em relação a isso é: o ser humano realmente é racional, ou quem sabe, é, apenas, semirracional? Indago isso pelo seguinte: no campo da tecnologia o homem evoluiu e muito. Mas no campo da passionalidade humana, o homem continua sendo o mesmo homem passional de tempos remotos. A grande prova disso são os crimes e as guerras que até hoje existem. Acredito que isso ocorra pela seguinte razão: O amor que o homem (animal racional) sabe transmitir, excluindo as raríssimas exceções, é menor que o amor transmitido pelos animais irracionais. Mas, em compensação, o ódio e a raiva que o homem, “animal racional”, vem transmitindo de geração para geração, é maior do que a raiva e o instinto selvagem transmitido pelos animais irracionais. Isso talvez ocorra pelo fato de os animais irracionais terem se desenvolvido em sua plenitude irracional, conseqüentemente, eles são mais puros e experientes em relação aos homens, “animais racionais”, que se julgam superiores a eles. Será que o homem está querendo apenas retroagir ao ponto de apenas ser um animal selvagem desenvolvido e semirracional? Querendo fugir da responsabilidade dos desafios da evolução da sua espécie, ou será que o homem não está mais sentindo vontade de entender e respeitar as diferenças existentes na natureza e na sociedade humana em que vive? Pelo físico, alguns animais são mais bem-dotados do que o homem, mas pelo espírito, só o homem pode compreender o seu destino!

“Independentemente de cor, sexo, religião e posição social, todos os seres humanos racionais pertencem ao reino animal e carregam dentro de si uma fera, um animal selvagem irracional, que devemos individualmente educar, domesticar e domar! Enfim, compete a cada ser humano querer e ter vontade de vigiar, domesticar e ensinar a

sua própria fera interior a se comportar com educação e respeito nos momentos mais difíceis da vida.

“Caso contrário, essas feras são imprevisíveis e delas podemos esperar coisas terríveis, como, por exemplo, a morte desnecessária desses dois homens, pais de família, que desatinadamente assassinaram um ao outro, por não saberem vigiar e conter o impulso animal irracional de raiva existente dentro deles.” (...)

Trecho 2 (...) Agora já eram duas mortes naquela sossegada e pacífica cidade de homens honestos e trabalhadores, que agora só queriam entender por que uma mãe tão jovem e pura de alma, boa de coração, que estava para completar apenas 17 anos de idade, tendo uma vida inteira pela frente, pôde ser tão brutalmente assassinada.

Na roda de comentários na cidade o assunto era um só: quem matou Juliana e por quê?

No outro dia, quando chegou a notícia que Adão estava desaparecido e que possivelmente também estaria morto, a tristeza na cidade parecia nunca mais ter fim. A cidade inteira estava em luto, querendo entender como um jovem casal tão apaixonado um pelo outro, morreu no mesmo dia, sem que um ficasse sabendo da morte do outro.

Desta vez, pelo menos os comentários foram quase certos:

— Foi vingança ou ganância! — diziam uns.

— Mas vingança ou ganância do quê? — indagavam outros.

Para eles, o crime de vingança ou ganância já estava consumado, mas a dúvida pelo motivo de quem cometeu o crime ficou apenas na curiosidade dos moradores da cidade.

Passados alguns meses do crime e do desaparecimento de Adão, os moradores das duas cidades ainda estavam sem respostas e as investigações estavam em segredo de justiça, fato que os deixou completamente amargurados, compadecidos, temerosos e curiosos.

Um desses moradores, sentado ao redor da mesa de um bar, na companhia de mais duas pessoas, disse:

— Sabem que hoje eu li no jornal uma informação que me fez lembrar de Adão e Juliana. Nessa notícia alguns especialistas, diziam: “O crime não tem causa e sim fatores.” Alguns dos principais fatores que levam o ser humano a cometer crime de homicídio são: impulso, ganância, ciúme e vícios. Todos esses fatores são influenciados pela falta de controle emocional, sentimentos de raiva, vingança, humilhação, desprovidos de razão, atos irrefletidos e dependências químicas.

O colega desse homem, sentado ao seu lado, o interrompe e faz também o seu comentário:

— Eu também li uma matéria sobre violência, em que estudos realizados por especialistas dizem que de 25% a 80% dos crimes de homicídios cometidos aqui no Brasil são causados por impulso ou motivos fúteis e 20% causados por ciúme.

Mas o terceiro homem dessa roda de conversa, que estava apenas escutando atentamente os demais companheiros falarem, manifestou-se dizendo:

— Esses estudos que vocês comentaram são muito interessantes, mas também devo salientar que tudo isso acontece porque os homens são movidos por um instinto, que nada mais é que um impulso natural, sendo um primeiro movimento que dirige o homem e os animais em seus procedimentos. Enquanto o ciúme é um sentimento “mundial”, que acomete homens, mulheres e crianças, independentemente de raça, condição social ou idade. Esse sentimento de ciúme é doloroso e proveniente de um desejo de posse da pessoa amada, que provoca raiva e humilhação, enquanto que o impulso é uma necessidade imperiosa, muitas vezes irresistível, que leva certos indivíduos à prática de atos irrefletidos e altamente brutalizados. O instinto é “determinante”. Mas o ser humano não se deve deixar dominar pelos instintos negativos, desprovidos de inteligência, pois são eles que levam o homem a se “animalizar” e a cometer todas essas brutalidades sociais! O ser humano, se quiser, pode converter crimes em inteligência, quando age movido pela vontade e pela decisão própria, e não mais pelo instinto. O homem, quando comete crimes, é porque foi movido por impulso, ciúme, vício, desespero ou ambição, não por vontade ou decisão própria, pois crimes não são inteligentes, mas sim bestiais. Essas bestialidades só acontecem quando a pessoa se deixa dominar por instintos regressivos, e não pela inteligência. (...)

Trecho 3 (...) No palco do auditório da Universidade de Ciências e Filosofia da cidade, olhando para o público que atentamente à assistia, Sara falou:

— Exatamente há quatro anos, um grande amigo meu disse: “A felicidade a gente não encontra, a felicidade a gente constrói.” Hoje, quero reforçar isso que ele falou, dividindo a nossa civilização, em duas partes: uma parte, daqueles que constrói a felicidade e a outra, daqueles que destroem a felicidade. Isso funciona mais ou menos assim, se compararmos com a natureza: um pássaro de nome João de Barro, um animalzinho pequeno e irracional, constrói uma casa de barro para que a mãe possa botar os ovos e chocá-los, abrigados do frio e da chuva. De repente, vem um homem racional grandalhão e, por simples capricho, egoísmo ou maldade, destrói a casinha que o pequeno pássaro construiu para ser feliz, ao lado da sua família de pássaros.

“Isso é ser inteligente? Até quando o homem vai continuar cometendo estas atrocidades? Os homens que cometem essas perversidades são de fato homens racionais? O homem, quando comete crimes, foi movido por impulso, ciúme, vício, desespero ou ambição, não por vontade ou decisão própria, pois crimes não são inteligentes, mas sim bestiais. Essas bestialidades só acontecem quando a pessoa se deixa dominar por instintos regressivos e não pela inteligência.

“Até quando todos esses crimes movidos por ciúmes, ódio, impulsos e ganâncias vão continuar existindo em nossa civilização tão desenvolvida tecnologicamente e, ao mesmo tempo, tão regressiva na sua passionalidade humana?

“O tempo de vida de todos nós, por si só, já é por natureza de pouca duração e, no entanto, crimes de homicídios abreviam cada vez mais essa vida que já é tão curta.

“ Por que isso acontece? Quem é o responsável por todas essas barbaridades? Às vezes, levamos anos e anos para construirmos a nossa felicidade e, em segundos, vem um homem “racional” e comete um crime de homicídio, destruindo toda a felicidade desses homens ou dessas mulheres que levaram anos e anos para construí-las. Isso é certo? Isso é sensato? Isso é Justo? Afinal! O homem é ou não é um animal racional?

Se os senhores me perguntassem agora, aqui nesse instante, como foi que os pais do meu filho Luan morreram, eu saberia explicar para vocês. Se me perguntassem como os avós dele morreram, eu também saberia lhes dizer a causa. Se o senhores me perguntassem como a minha falecida filha Rosane morreu, eu igualmente saberia lhes esclarecer. Mas se os senhores me perguntarem qual é a “origem da vida”, jamais saberei lhes aclarar. Pois, por mais inteligente que seja um homem, ou um grupo de homens, jamais saberão o suficiente para explicar a origem da vida, e é por isso que devemos respeitar toda e qualquer forma de vida, seja ela qual for, porque a única coisa que podemos ter certeza sobre a vida é que ela anima o corpo e transmite movimento. Se cada homem vivesse a sua vida “amando mais” e deixando que os outros também “vivessem em paz”, nós todos seríamos mais leves e felizes.

Mas nesse assunto chamado “amor” temos muito que aprender, estamos todos ainda apenas engatinhando. Se esse assunto fosse tão simples e fácil de compreender como muitos pensam que é, o resultado seria que o bem maior da nossa civilização de hoje seria o equilíbrio perfeito entre o “eu” e o “outro”.

Mas, na verdade, hoje em dia não é bem isso o que acontece! Porque a nossa civilização está cada vez mais perto uma da outra, porém, bem mais distantes “uns” dos “outros”. E isso significa que, independentemente de raça, crença, religião, idade ou sexo, estamos todos nós cada vez mais “faltosos de amor”.



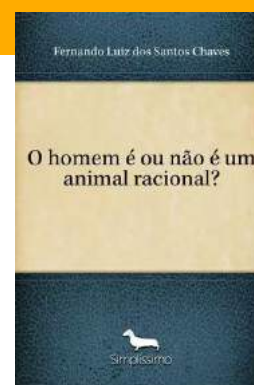
Lembrem-se: se existe um céu é porque existe um altruísta e, se existe um altruísta, é porque existe amor. Mas, em compensação, se existe um inferno, é porque existe um egoísta e, se existe um egoísta, é porque existe ódio. (...)

Sobre o autor: Fernando Luiz dos Santos Chaves, nasceu em 1955 na cidade do Rio Grande - RS.

O homem é ou não é um animal racional

O livro impresso pode ser encontrado nas seguintes lojas e livrarias: Lojas Americanas, Magazine Luiza, Estante virtual, Mercado livre, Submarino, Amazon e Livrarias Vanguarda.

O livro digital (e-book) você encontra nas lojas e livrarias: Simplíssimo, Amazon, Google Books, Livraria Cultura e Aplee.



A MENTIRA E A VERDADE

POR AYLTON SANGY

Ah, essa é de doer...

A Mentira e a Verdade:

A Verdade dizia...

- Mentira, tu escondes a verdade.

Tu trocas histórias

Por maldades

E eu conto história de Verdade.

Mentira, tu és

A Santinha do Pau Oco.

Tu és, de verdade, a mentora

Desse Mundo louco.

- A mentira responde:

- Que nada! Isso é mentira pura!

- A verdade retruca:

- Mentira tu és astuta

Mas não serves para nada

Nem de testemunha

Já viu como te chamam?

Conto do Vigário!

Black Fraude! Embuste,

Trama, lorota, suspeita,

Cascata, um sete um,

"Me engana que eu gosto!"

Eita! Quantas... falam até besteiras...

Que... mentira tem pernas curtas,

Que... és falsa como nota de três

Ah, que em abril tem

O primeiro dia do mês...

- E a mentira retruca

- Verdade, tu és toda certinha!

A Dona do pedaço!

Por cima da carne-seca!

Serve até de juramento!

Morres falando a verdade!

A verdade dói!

Quem cala consente


E a verdade não mente.

Tem o Dia da Mentira

Tem a Hora da Verdade

Dizem que a Verdade é nua e crua

É cada uma que parece duas...



- Agora, sou eu, retruca a verdade...
- Quem mente a primeira vez,
Mente a segunda vez
Pra esconder a primeira...
Mente a terceira pra esconder
A segunda... e por aí não para.
Até que ponto
Quem conta um conto
Aumenta um ponto?
És tu, "né" dona mentira
De que lado tu andas?
Para de "sem-vergonhice"
Brincando de mentirinha
Ficas até vermelhinha
Atrapalhas toda Verdade.
Um hora a casa cai
Para nós duas.
Aí, Dona Mentira,
Tu vais dizer que é fatalidade
Que não vistes...
Que não sabes...
De nada do que te disseras a verdade!

Aylton Sangy - Professor, alguns escritos poéticos em Recanto das Letras, premiado em concursos, participação em algumas Antologias.

VISITE A NOSSA PÁGINA



www.leituraparahoje.com.br
Livros Cristãos e Livros Motivacionais

POR FERNANDO LUIZ DOS SANTOS CHAVES

A MATEMÁTICA DA ETERNIDADE E DOS ENCONTROS

(SEGUNDA EDIÇÃO)

“Nesse espaço vazio do universo a nave viajou por mais oito anos e completando 24 anos de viagem a nave começou a entrar no sistema planetário da estrela Nus, aproximando-se do quinto e último planeta pertencente a esse sistema.”

Fernando Luiz dos Santos Chaves

Trecho da obra: A matemática da eternidade e dos encontros

(Segunda edição)

Capítulo VI

A saída do sistema planetário Solar

Nesse momento da viagem a nave já percorrera uma distância aproximada de 5,9 bilhões de quilômetros em 16 anos e quatro meses e se afastava definitivamente do planeta anão Plutão.

Plutão, tem uma órbita altamente inclinada e excêntrica e se encontra praticamente no término do sistema solar. Sua temperatura média é de 233°C negativos. Plutão leva em média 248 anos para completar uma órbita ao redor do Sol. Esse planeta anão é composto primariamente de rocha e gelo e é relativamente pequeno, com aproximadamente um quinto da massa da Lua. O planeta anão Plutão está em ressonância 2:3 com Netuno, ou seja, enquanto Netuno completa três voltas ao redor do Sol, Plutão completa exatamente duas.

A nave então viajou mais algumas semanas saindo do sistema planetário solar e ingressando em uma espécie de vazio espacial rumo a Htrae.

Nesse espaço vazio do universo a nave viajou por mais oito anos e completando 24 anos de viagem a nave começou a entrar no sistema planetário da estrela Nus, aproximando-se do quinto e último planeta pertencente a esse sistema.

O sistema planetário da estrela Nus é muito parecido com o sistema Solar, porém no sistema Nus orbitam apenas cinco planetas. O primeiro e maior deles é o planeta Oirucem, o segundo é o planeta Senuve, o terceiro é o planeta Htrae, que se assemelha ao planeta Terra, o quarto é o planeta Eteram e o quinto e último planeta que a nave começara a aproximar-se é o Sintequ, o mais distante e o menor planeta do sistema planetário da estrela Nus. Quando a nave passou por ele rumando para Htrae, Luan estava desperto aguardando para entrar no seu sétimo período de hibernação induzida, mas enquanto ele aguardava esse momento chegar, decidiu chamar o humanoide, físico e matemático FM-4 para lhe ensinar quem foi o criador de uma fórmula matemática de Htrae que ele estava estudando. Tão logo o humanoide adentrou na sala e Luan o questionou:

— FM-4, quem criou o teorema de Htrae?

O humanoide FM-4 então explicou-lhe o seguinte:

— Conforme meus registros de memória, o criador foi Odnanref Sevahc quando descobriu que, em um triângulo de dois lados iguais (isósceles), o terceiro lado dividido pelo valor de um dos lados iguais, e o resultado dessa divisão elevado ao quadrado, é o valor da constante designada pela letra K, de um ângulo determinado.

$$K = \left(\frac{\text{Valor do terceiro lado}}{\text{Valor de um dos lados iguais}} \right)^2$$

Fórmula usada no planeta Htrae:

$$a^2 = (k \cdot b \cdot c) + (b - c)^2$$

a = lado a ser calculado no triângulo

b = lado maior conhecido no triângulo

c = lado menor conhecido no triângulo

Dados técnicos:

Em um triângulo com dois lados de medidas iguais, a medida do terceiro lado dividida por um dos lados iguais elevada ao quadrado, é o valor da constante K de um ângulo determinado.

Baseado nessa definição criada por, Odnanref Ziul Sod Sotnas Sevahc, ele construiu uma tabela, contendo todas as constantes K existentes em cada ângulo de 0 a 180°.

De modo empírico, Odnanref foi na prática, medindo um a um o valor do terceiro lado encontrado em cada ângulo dos triângulos isósceles, e cada um desses valores encontrados, ele elevou ao quadrado e, assim, Odenanref criou uma tabela contendo os valores das constantes K, de cada ângulo.

Tabela constantes k:

10° K = (0,0304)	170° K = (3,9696)
20° K = (0,1208)	160° K = (3,8792)
30° K = (0,2680)	150° K = (3,7320)
45° K = (0,5857)	135° K = (3,4142)
50° K = (0,7146)	130° K = (3,2855)
60° K = (1,0000)	120° K = (3,0000)
70° K = (1,3160)	110° K = (2,6840)
80° K = (1,6527)	100° K = (2,3473)
90° K = (2,0000)	90° K = (2,0000)

Encontrado os valores das constantes K, calculados um a um, Odnanref então concluiu que o valor do lado “a” de um triângulo qualquer, elevado ao quadrado, é igual à multiplicação do valor da constante designada pela letra “K” de um ângulo determinado, multiplicado pelo valor do lado “b” e pelo valor do lado “c” desse mesmo triângulo, e o resultado dessas multiplicações, somado com o valor do quadrado da subtração do valor do lado “b” pelo valor do lado “c”.

Criando assim o teorema de Htrae

$$a^2 = (k \cdot b \cdot c) + (b - c)^2$$

— No planeta Terra — explicou o humanoide —, os terráqueos usam o teorema lei dos cossenos, mas se eles quiserem, podem converter as constantes K utilizadas pelos humanos do planeta Htrae em cosseno, utilizando a seguinte fórmula matemática:

$$K = (\text{Cosseno} - 1) \cdot (-2)$$

Ângulo 90°

$$K = 2,0000$$

$$\text{Cosseno} = (K \div (-2)) + 1$$

$$\text{Cosseno} = (2 \div (-2)) + 1$$

$$\text{Cosseno} = -1 + 1$$

$$\text{Cosseno} = 0$$

$$K = (\text{Cosseno} - 1) \cdot (-2)$$

Ângulo 130°

$$K = 3,28557$$

$$\text{Cosseno} = (K \div (-2)) + 1$$

$$\text{Cosseno} = (3,28557 \div (-2)) + 1$$

$$\text{Cosseno} = -1,64278 + 1$$

$$\text{Cosseno} = -0,64278$$

Para demonstrar os cálculos e a precisão do teorema do século XXI, pegarei o seguinte triângulo, como exemplo:

$\hat{A} 130^\circ, K = 3,28557$

<p><u>Teorema do século XXI</u></p> $a^2 = (K \cdot b \cdot c) + (b - c)^2$ $a^2 = (3,28557 \cdot 4 \cdot 3) + (4 - 3)^2$ $a^2 = 39,4269 + (1)^2$ $a^2 = 39,4269 + 1$ $a^2 = 40,4269$ $a = \sqrt{40,4269}$ $a = 6,3582$	<p><u>Lei do cosseno</u></p> $a^2 = b^2 + c^2 - 2 \cdot b \cdot c \cdot \cos \hat{A} 130^\circ$ $a^2 = 4^2 + 3^2 - 2 \cdot 4 \cdot 3 \cdot (-0,642787)$ $a^2 = 16 + 9 - 24 \cdot (-0,642787)$ $a^2 = 25 + 15,4269$ $a^2 = 40,4269$ $a = \sqrt{40,4269}$ $a = 6,3582$
---	--

$A = 6,3582 \text{cm}$

Explicou o filósofo e matemático humanoide FM-4, finalizando o assunto.

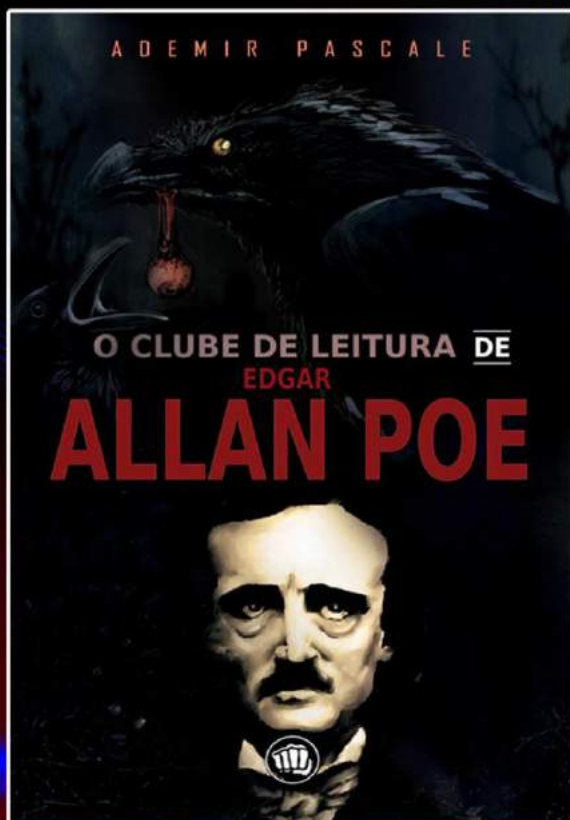
(...)



Sobre o autor: Fernando Luiz dos Santos Chaves, nasceu em 1955 na cidade do Rio grande - RS.

Livro: A matemática da eternidade e dos encontros. (Segunda edição)
Esse livro impresso, você encontra nas seguintes lojas e livrarias: Lojas Americanas, Magazine Luiza, Estante virtual, Mercado livre, Submarino, Amazon.
O livro digital (e-book) você encontra nas lojas e livrarias: Simplíssimo, Amazon, Google Books, Play Google e Aplee.





Situado numa sala de um antigo prédio do centro da cidade de São Paulo, o Clube de Leitura de Edgar Allan Poe, apresenta personagens intrigantes e problemáticos, iniciando pelo cofundador, um velho caolho de nome Clay, que não vê mais sentido na vida depois da morte trágica da esposa Virginia. Henrico e Marcelo, irmãos órfãos que tentam levar uma vida pacata em um sebo na garagem de casa, mas que eventos sobrenaturais assolam a vida de um deles, que é atormentado por corvos. Samanta é uma jovem gótica e solitária. Rafael, ex-vocalista da banda Nevermore, sente-se rejeitado pela rica família e vive nas ruas e noites paulistanas tentando encontrar um novo caminho. Bernardo e Kátia, casal que discute a relação entre casar ou apenas morar juntos, vivem aventuras perigosas. Mas, todos com algo em comum: a paixão que nutrem pela vida e obra do inigualável mestre do horror: Poe.

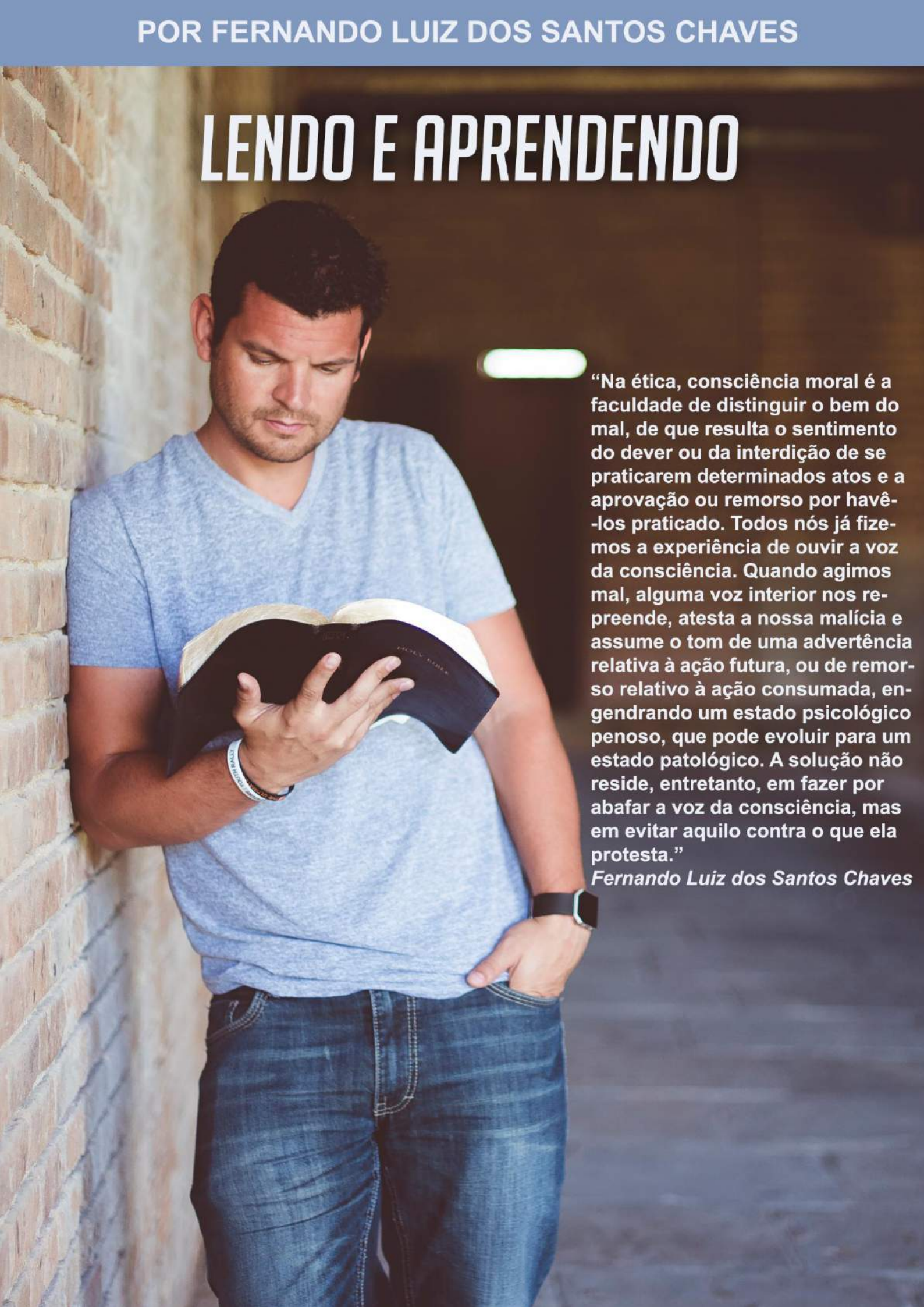
DO AUTOR ADEMIR PASCALE

POLICE LINE

PARA ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE:

www.selojovem.com.br

LENDO E APRENDENDO

A man with dark hair and a beard, wearing a light blue V-neck t-shirt and blue jeans, is leaning against a brick wall. He is holding an open book with a dark cover and is looking down at it intently. He has a black watch on his left wrist and a white wristband on his right wrist. The background is a brick wall on the left and a dark, out-of-focus area on the right.

“Na ética, consciência moral é a faculdade de distinguir o bem do mal, de que resulta o sentimento do dever ou da interdição de se praticarem determinados atos e a aprovação ou remorso por havê-los praticado. Todos nós já fizemos a experiência de ouvir a voz da consciência. Quando agimos mal, alguma voz interior nos re-preende, atesta a nossa malícia e assume o tom de uma advertência relativa à ação futura, ou de remorso relativo à ação consumada, engendrando um estado psicológico penoso, que pode evoluir para um estado patológico. A solução não reside, entretanto, em fazer por abafar a voz da consciência, mas em evitar aquilo contra o que ela protesta.”

Fernando Luiz dos Santos Chaves

Começo esse artigo informando:

Artigo nº 01

“Pelo físico, alguns animais são mais bem-dotados do que o homem, mas pelo espírito, só o homem pode compreender o seu destino!”

No reino animal, somente o ser humano é portador de uma consciência moral e essa consciência é a que nos diferencia dos animais. Por acaso, alguém conhece algum outro animal que também seja portador de uma consciência moral?

O fato dos seres humanos serem portadores de uma consciência moral, que nos permite a faculdade de distinguir o bem do mal, não significa que o homem em suas escolhas opte apenas pelo bem, ou seja, o bem para um, pode ser o mal para o outro, e vice-versa. O discernimento depende em muito do grau de conhecimento que o ser humano tem em relação ao mundo externo em que vive e, também, com o seu mundo interno por ele vivenciado. O conhecimento correto e sadio do significado da palavra consciência moral é imprescindível para o nosso discernimento.

I – CONSCIÊNCIA MORAL

O que é consciência moral?

Lendo o livro *A Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo* — uma enciclopédia brasileira editada nas décadas de 1960 e 1970 pelo jesuíta Pe. Fernando Bastos de Ávila, doutor em ciências políticas e sociais e licenciado em filosofia e teologia, e publicada pela antiga Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME), ligado ao Ministério da Educação —, é que aprendi o seguinte:

Na ética, consciência moral é a faculdade de distinguir o bem do mal, de que resulta o sentimento do dever ou da interdição de se praticarem determinados atos e a aprovação ou remorso por havê-los praticado. Todos nós já fizemos a experiência de ouvir a voz da consciência. Quando agimos mal, alguma voz interior nos repreende, atesta a nossa malícia e assume o tom de uma advertência relativa à ação futura, ou de remorso relativo à ação consumada, engendrando um estado psicológico penoso, que pode evoluir para um estado patológico. A solução não reside, entretanto, em fazer por abafar a voz da consciência, mas em evitar aquilo contra o que ela protesta.

Quando sentimos o calor de uma chama que se aproxima, a solução não é procurar tornar-se insensível, mas afastar-se da chama. A consciência moral é a sensibilidade interior que garante a integridade da nossa natureza, a sua evolução plena e sadia, tanto assim que os homens que perderam a consciência moral não só são antissociais, mas se desintegram rapidamente na degradação e no vício.

Se Deus é o criador da natureza, não é uma simples metáfora dizer que a consciência é a voz de Deus em nós, que nos fala, entretanto, por meio das ideias e conceitos que recebemos da tradição cultural em que vivemos; daí a certa relatividade da consciência e os diversos estados mentais, perante os quais se pode apresentar.

Ninguém pode ignorar sem culpa que matar um inocente é um crime, mas pode, talvez, ignorar sem culpa que não pode ficar com o dinheiro que encontrou na rua. Com respeito à atitude subjetiva do agente, a consciência pode ser certa ou dúbia, conforme ele vê com clareza a moralidade ou imoralidade do ato, ou hesita com relação a estas.

No caso da consciência dúbia, o primeiro dever é procurar esclarecê-la. Sendo impossível obter o esclarecimento devido, por exemplo, à urgência do fato, é necessário recorrer a um princípio moral, como: na dúvida de direito, prevalece a liberdade. Note-se, porém, que não é lícito aplicar este princípio nas dúvidas de fato. Ninguém, com efeito, pode agir com tal dúvida, sob pena de assumir a responsabilidade moral do efeito mau do seu ato. Se não sei se o revólver está descarregado, dúvida de fato, não posso dispará-lo de brincadeira contra alguém.

Procurar ser fiel à própria consciência é o grande segredo da paz interior, da felicidade e da mais perfeita realização humana.

Uma outra obra, que muito me ensinou a respeito do bem e do mal, foi o livro *Como Vejo o Mundo*, de Albert Einstein, que enfatiza em sua obra filosófica publicada em 1934, o seu ponto de vista do mundo e suas concepções em temas fundamentais à formação do homem, tais como o sentido da vida, o lugar do dinheiro, o fundamento da moral e a liberdade individual. O Estado, a educação, o senso de responsabilidade social, a guerra e a paz, o respeito às minorias, o trabalho, a produção e a distribuição de riquezas, o desarmamento, a convivência pacífica entre as nações, que são alguns dos temas de que ele trata, dentre outros, aqui destaco apenas um pensamento de Einstein:

Todas as riquezas do mundo, ainda mesmo nas mãos de um homem inteiramente devotado à ideia do progresso, jamais trarão o menor desenvolvimento moral para a humanidade. Somente seres humanos excepcionais e irrepreensíveis suscitam ideias generosas e ações elevadas. Mas o dinheiro polui tudo e degrada sem piedade a pessoa humana. Não se pode comparar a generosidade de um Moisés, de um Jesus ou de um Gandhi com a generosidade de uma Fundação Carnegie qualquer.

Agora que já sabemos um pouco mais sobre o que é consciência moral, outra vez pergunto:

— Não ter onde morar, passar frio dormindo nas ruas e passar fome sem ter o que comer, é o bem ou é o mal?

Logicamente, a resposta para essa pergunta para muitos é o mal. Mas se é o mal, por que, então, alguns governantes fecham os seus olhos para essas questões, permitindo que esse mal atinja grande parte do povo que os elegeu? Isso é ser inteligente governamentalmente?

II – INTELIGÊNCIA

Quais os animais que conhecemos que são portadores de inteligência?

Em minhas leituras e pesquisas, aprendi que alguns animais possuem um certo grau de entendimento e são considerados animais inteligentes. Entre eles, destaco os seguintes: homens, macacos, golfinhos, porcos, papagaios, baleias, elefantes, polvos, corvos, cães, gatos, esquilos e muitos outros.

No entanto, no reino animal, somente o ser humano possui um elevado grau de inteligência.

Sendo assim, pergunto:

— Quais os tipos de inteligência que existem?

Nas rápidas pesquisas que fiz no Google, encontrei vários tipos de inteligência, sendo elas: inteligência linguística, lógica, espacial, motora, musical, interpessoal, intrapessoal e naturalista; na psicologia: inteligência emocional, que permite ao homem controlar impulsos e canalizar emoções; na ciência: inteligência artificial, que, na computação, ocupa-se em desenvolver tecnologias que consigam simular a inteligência do ser humano.

Entre todos esses tipos de inteligência que encontrei pesquisando no Google, evidencio a inteligência emocional, pois essa nos permite transformar impulsos em inteligência.

III – INSTINTO E SENTIMENTO DE CIÚME

Os homens são movidos por um instinto, que nada mais é que um impulso natural, sendo um primeiro movimento que dirige o homem e os animais em seus procedimentos.

O instinto é “determinante”. Mas o ser humano não se deve deixar dominar pelos instintos negativos, desprovidos de inteligência, pois são eles que levam o homem a se “animalizar” e a cometer brutalidades sociais!

O ciúme é um sentimento “mundial”, que acomete homens, mulheres e crianças, independentemente de raça, condição social ou idade. Esse sentimento de ciúme é doloroso e proveniente de um desejo de posse da pessoa amada, que provoca raiva e humilhação, enquanto o impulso é uma necessidade imperiosa, muitas vezes irresistível, que leva certos indivíduos à prática de atos irrefletidos e altamente brutalizados.

O ser humano, se quiser, pode converter crimes em inteligência, quando age movido pela vontade e pela decisão própria, e não mais pelo instinto. O homem, quando comete crimes, é porque foi movido por impulso, ciúme, vício, desespero ou ambição, não por vontade ou decisão própria, pois crimes não são inteligentes, mas sim bestiais. Essas bestialidades só acontecem quando a pessoa se deixa dominar por instintos regressivos, e não pela inteligência.

Para finalizar o artigo, reitero:

No reino animal, somente o ser humano é portador de uma consciência moral e essa é a que nos diferencia dos animais.

Além do homem, alguém conhece algum outro animal que também seja portador de uma consciência moral capaz de discernir o bem do mal?



Obras recentes do autor Fernando Luiz dos Santos Chaves:



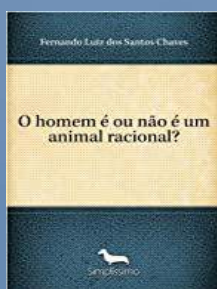
Um terráqueo rumo ao planeta Htrae

Obra publicada em 2021



A matemática da eternidade e dos encontros (2ª edição)

Obra publicada em 2020



O homem é ou não é um animal racional?

Obra publicada em 2019



Sobre o autor: Fernando Luiz dos Santos Chaves, nasceu em 1955 na cidade do Rio Grande - RS.

ENTREVISTA COM A ESCRITORA ANTONIA BARROS

POR ADEMIR PASCALE



Natural de Imperatriz MA, professora de Língua Portuguesa e poetisa. Desde pequena, apaixonada pelo encanto e magia das palavras. As principais leituras que apreciou na sua infância foram: cantigas de roda, versos populares, causos, parlendas e é claro, poemas. Ganhou um concurso Literário, na Universidade (UEPA) em 2014 (Poema Reencontro). Autora do livro “Poemas que te quero bem” (2021). Participante de várias Antologias e dez em andamento. Acredita na força do amor e no seu poder de transformar vidas.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Antonia Barros: Comecei a escrever na adolescência, mas muitos desses escritos se perderam. Também não me sentia segura em mostrá-los para outras pessoas. Porém no ano de 2014 participei de um concurso Literário (Café Literário) e meu poema conquistou o primeiro lugar. A partir daí me senti motivada para escrever mais e mais.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Poemas que te quero bem" (Editora Viseu). Poderia comentar?

Antonia Barros: Sempre tive o sonho de publicar um livro e como comecei a escrever e arquivar “meus filhos” rs, vi que já tinha um número de poemas suficiente para publicar. Então organizei minha obra e comecei a enviar meu original. Analisei todas as propostas que obtive das Editoras e a que mais se adequou ao meu perfil foi a da Viseu.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Antonia Barros: Procurei lê poemas de grandes autores, como também aqueles que estão em evidência. O primeiro poema que está no livro foi escrito em 2010 e, a conclusão da obra aconteceu em 2020.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Antonia Barros:

SONETO DOS MEUS PASSOS

OS MEUS PASSOS NO CAMINHO
SÃO OS PASSOS DE QUEM BUSCA
QUEM SABE O SONHADO NINHO
MAS A DIREÇÃO ESTAR OFUSCA

OS MEUS PASSOS NO CAMINHO
SÃO COMO UM PÁSSARO A VOAR
QUE ME LEVA COM JEITINHO
PARA ONDE EU QUERO CHEGAR

OS MEUS PASSOS NO CAMINHO
SÃO DESERTO E SOLIDÃO
QUANDO ENCONTRAM O DESCAMINHO

OS MEUS PASSOS NO CAMINHO
ENCONTRAM PAZ NA ESTRADA
QUANDO NÃO ESTÃO SOZINHOS.



Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Antonia Barros: <https://www.eviseu.com/pt/livros/2053/poemas-que-te-quiero-bem>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Antonia Barros: Sim, iniciei um novo projeto em Dezembro do ano passado e já estou quase concluindo.

Perguntas rápidas:

Um livro: O pequeno Príncipe

Um (a) autor (a): Fernando Pessoa

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: A Culpa é Das Estrelas

Um dia especial: São dois rs, nascimento dos meus filhos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Antonia Barros: Se apaixonar pelo gênero poema lendo o livro: Poemas que te quero bem, pois a poesia não cura as dores do mundo, mas pode suavizar as dores da alma.

Abraços Poéticos!



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**Divulgue
o seu
livro**



**PACOTE DIVULGAÇÃO
PARA AUTORES**

**POR APENAS
R\$100**

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura

Bônus:

Você ainda ganha a
publicação do
release no site
da revista



agilidade



público-alvo



apareça



novas ideias

DESTAQUE O SEU LIVRO

Somos especialistas em divulgação de livros e autores. Conheça o Pacote Divulgação Para Autores e veja o custo/benefício em divulgar o seu livro conosco.

SAIBA MAIS. ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Ou escreva para: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

ENTREVISTA COM A ESCRITORA FABIANA ALVES MONTEIRO

POR ADEMIR PASCALE



Fabiana Alves Monteiro é Professora da Rede Estadual de Ensino em Curitiba/PR e possui Graduação e Mestrado em Geografia, pela Universidade Federal do Paraná. Com alguns artigos publicados na área de habitação popular e um Doutorado em andamento, decidiu repensar seus planos para o futuro e se dedicar à sua paixão de uma vida toda: a literatura. Nesse romance inspirado em Crime e Castigo de Dostoiévski e no poema de Camões que deu origem ao título, a autora pôde esboçar um pouco das suas impressões do meio acadêmico do qual fez parte durante muitos anos e deixar aflorar toda sua imaginação numa linguagem limpa e simples, fruto da sua admiração por autores clássicos como Machado de Assis, Flaubert, Eça de Queiroz e Kafka, entre tantos outros.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Fabiana Alves Monteiro: Desde criança sempre fui apaixonada por livros e aos doze anos de idade já escrevia algumas pequenas histórias de terror inspiradas nas obras de Stephen King que conhecia. Com o passar do tempo descobri os clássicos e minha paixão pela literatura só aumentou. Sempre sonhei em me tornar uma grande escritora e até os vinte anos escrevia com regularidade. Porém, depois que ingressei na Faculdade e em função do trabalho também, acabei deixando meus planos de lado, porém nunca desisti deles. Inclusive, meus dois romances completos que escrevi, foi nesses últimos dez anos, que vivi praticamente em função da Pós Graduação, até que chegou o momento em que eu decidi abandonar o Doutorado, pois percebi que não fazia mais sentido pra mim e que tinha que me dedicar completamente àquilo que eu realmente gostava.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Ao Desconcerto do Mundo". Poderia comentar?

Fabiana Alves Monteiro: Escrevi esse romance em três meses, no início do ano de 2018. Quando estou envolvida em um projeto, gosto de mergulhar de cabeça, nesse período dormia e acordava pensando na personagem e na sua trajetória. São momentos

incríveis. Antes de começar, já tinha definido em minha mente todo o enredo, cada passo da personagem principal e como seria o seu fim. Na sequência enviei o romance para umas poucas Editoras pequenas, pois como o meu primeiro romance não tinha sido aceito pelas grandes do Setor, resolvi que iria tentar outro caminho. Umas duas entraram em contato comigo, mas como eu não tinha recursos no momento para entrar com a contrapartida exigida, acabei deixando de lado. Também acabei engravidando do meu primeiro filho nesse período e daí passei os dois anos seguintes me dedicando integralmente à maternidade. Com a pandemia no ano passado, e com o maior tempo que passei a ficar em casa, comecei a repensar a minha vida e decidi investir na literatura novamente, foi então que alguns meses depois, este romance foi aceito para publicação pela Editora Giostri.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Fabiana Alves Monteiro: As inspirações vêm por acaso, quando não estou esperando. Mas em outros momentos da vida, cheguei a ficar angustiada, pois queria escrever um romance, mas nenhuma boa ideia surgia. No caso desse, a inspiração veio de repente, do interesse e até fascínio que as pessoas tem por psicopatas, sejam reais, ou personagens da ficção. Esse interesse pelo menos no meu caso, vem da frieza, da ousadia que essas pessoas tem em ultrapassar as barreiras morais e burlar as leis estabelecidas. Mas, já adianto que a personagem Sofia, não é uma psicopata, embora a ideia original tenha sido essa. Porém, ela tem essa frieza e indiferença pela vida que são sentimentos típicos de um sociopata e vai ultrapassando várias barreiras morais ao longo da narrativa. Também queria criar a figura do anti-herói, fora do lugar comum, daí é claro, me inspirei no romance Crime e Castigo, em Madame Bovary e no poema de Camões, que deu origem ao título, que diz muito sobre esse sentimento de querer conquistar o mundo à qualquer preço.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Fabiana Alves Monteiro: Esse trecho é da reta final do romance, quando Sofia percebe que o seu mundo caiu:

“Agora, tantos anos depois, exatamente no mesmo local, Sofia observava a mesma paisagem, mas não conseguia sentir nenhuma espécie de emoção. Era apenas um extremo vazio que tomava conta de todo o seu ser e aquela cidade diante dos seus olhos era apenas um amontoado de prédios e casarões antigos, cheio de pessoas estúpidas e perdidas. Tão perdidas quanto ela...

Nem mesmo tinha capacidade de chorar, de sorrir ou de sonhar. Era tanta indiferença pela vida que chegava a doer. Quisera naquele instante poder gritar de desespero, de arrependimento, ou ao contrário, rir da sua desgraça e da desgraça que tinha provocado na vida de Carlos Henrique, de Otavio e da sua própria família. Mas, não sentia por eles,

não sentia nem por si mesmo. O que havia acontecido consigo? O que havia dentro do seu peito? Uma rocha e nada mais? Por que não se importava? Porque nunca havia se importado com as consequências dos seus atos?

– Moça? – Disse uma voz atrás de si.

Sofia virou-se prontamente assustada e avistou uma das zeladoras do prédio, uma senhora de meia idade, muito baixa e acima do peso lhe observando com um ar preocupado.

– Tudo bem? – Tornou a senhora apoiando-se no cabo do rodo.

– Tudo... Eu só estava aqui observando... – Respondeu Sofia constrangida.

Como a mulher permanecesse parada com uma expressão temerosa, Sofia foi afastando-se do vidro da janela e acabou descendo pela escada sem mais palavras.

Voltou imediatamente ao seu apartamento e sem saber o que fazer, não fez absolutamente nada. Resolveu que iria esperar o desenrolar dos fatos para procurar um advogado. Mesmo por que, o que poderia dizer a ele para preparar sua defesa? A verdade? E qual era mesmo a verdade?”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Fabiana Alves Monteiro: Meu livro está à venda pela Editora Giostri, Martins Fontes, Travessa, Mercado Livre e Magazine Luiza.

Para saber um pouco mais sobre mim e das minhas obras preferidas, pode me seguir pelo meu Instagram: [fabianaalves.monteiro](https://www.instagram.com/fabianaalves.monteiro)

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Fabiana Alves Monteiro: Se acredita no seu talento, deve insistir e procurar também pelas Editoras médias e pequenas, pois as maiores nesse Setor nem sempre estão abertos à iniciantes.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Fabiana Alves Monteiro: Sim, o romance que escrevi há quase dez anos, estou revisando no momento e fazendo uns pequenos ajustes, pois afinal de contas a sociedade mudou muito nesses últimos anos. Nesse romance o personagem, Marco Antônio, é um escritor como eu, que em função das necessidades que a vida nos impõem, deixou a literatura de lado e seguiu outros rumos. Mas daí chega o momento em que resolve arriscar tudo e dar um novo sentido a sua vida monótona, ressuscitando inclusive, seus traumas do passado.

Perguntas rápidas:

Um livro: Crime e Castigo

Um ator ou atriz: Jack Nicholson

Um filme: Sobre Meninos e Lobos

Um hobby: Ler

Um dia especial: Todos os sábados

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

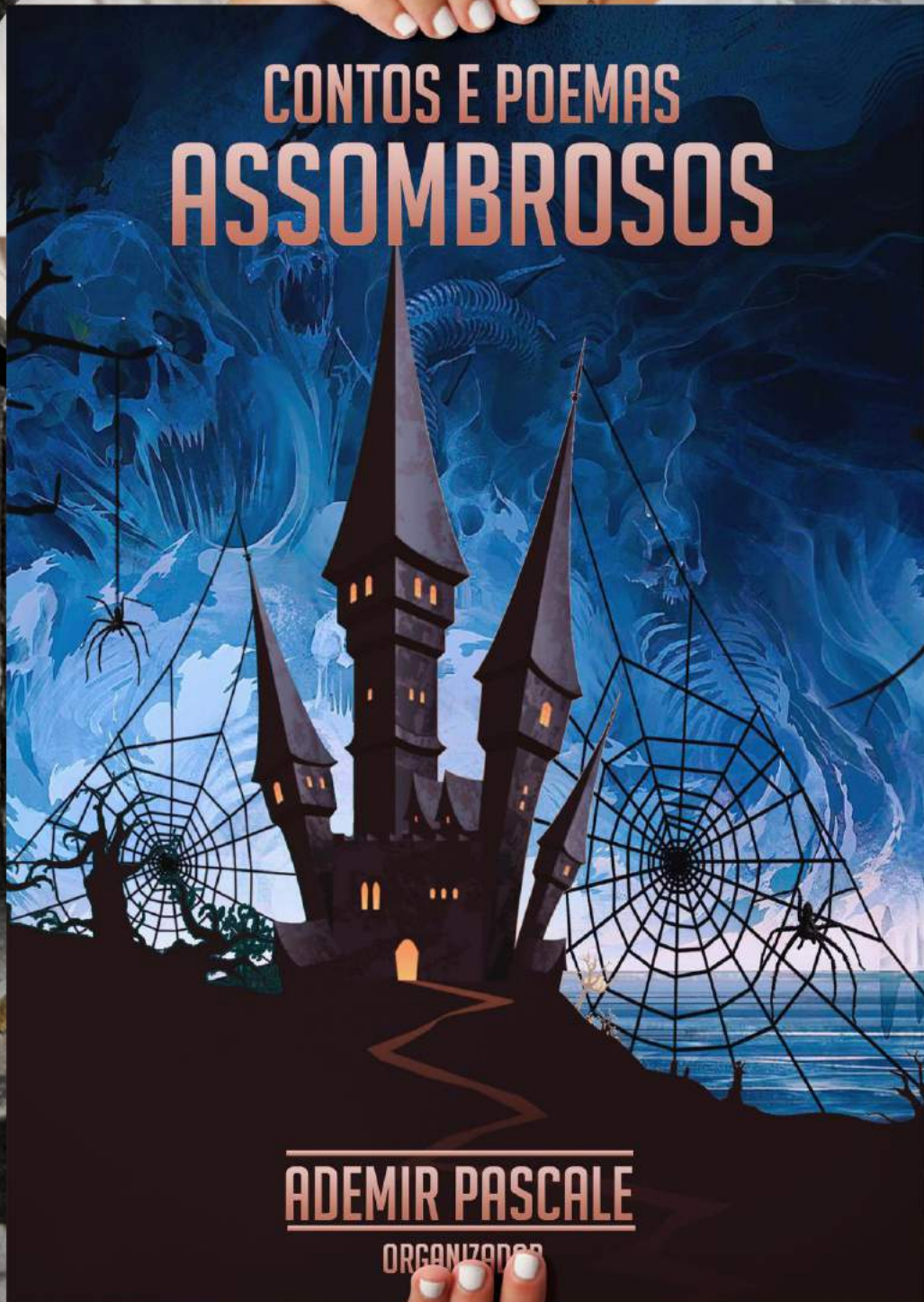
Fabiana Alves Monteiro: Gostaria de convidar os leitores que gostam de literatura clássica e de romances que retratam pessoas comuns, a conhecerem a minha obra que fala sobretudo, sobre os mais intensos sentimentos humanos, como o amor e o ódio.conhecimento. Mas, assim como a literatura mexeu com o meu intelecto, fica o meu incentivo para todos, inclusive os mais jovens. Degustem livros como se fosse sua comida favorita. Fica meu abraço.



BAIXE O E-BOOK
GRATUITAMENTE

[CLIQUE AQUI](#)

CONTOS E POEMAS ASSOMBROSOS



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ENTREVISTA COM O ESCRITOR GERALDO RAMIERE

POR ADEMIR PASCALE



Geraldo Ramiere (01/07/1981) é poeta e contista de Planaltina-DF, além de professor de História e produtor cultural. Escreve desde adolescente, com diversas obras publicadas em antologias/periódicos e premiado em concursos literários, sendo atualmente verbete no Dicionário de Escritores de Brasília de Napoleão Valadares. É membro da Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências (APLAC), da Associação Cultural Tribo das Artes e benemérito da Academia Inclusiva de Autores Brasilienses (AIAB). Em 2021 publicou seu primeiro livro, *Desencantares Para O Esquecimento* (poemas), pela editora Viseu. Acredita numa literatura que liberta.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Geraldo Ramiere: Sempre senti a literatura em mim, especialmente a poesia. Foi como aprender a andar ou falar, mas claro que a gente vai aprimorando ao longo dos anos. Mas como início mesmo posso dizer ter sido no começo da minha adolescência, escrevendo meus primeiros poemas e rascunhando algumas histórias. Na faculdade tive alguns textos literários divulgados num jornalzinho que editava com amigos. Minha estreia em livro foi em 2003, quando poesias minhas foram publicadas na *Antologia de Poetas Brasileiros Contemporâneos Vol. 2* (Câmara Brasileira de Jovens Escritores) e na revista *Poesia Para Todos* (Edições Galo Branco).

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Desencantares para o esquecimento" (Editora Viseu). Poderia comentar?

Geraldo Ramiere: *Desencantares Para O Esquecimento* é meu livro de estreia e reúne uma coletânea pessoal de poemas escritos ao longo de anos, dividido em duas partes que marcam períodos de escrita distintos em que poesia e prosa se misturam com uma musicalidade própria, com versos que se comunicam durante toda a obra. Nele ressoam questões literárias, pessoais, sociais, existenciais, dialogando através de variados estilos poéticos, melodias e memórias cultivadas durante uma vida inteira. Em *Desencantares*

Para O Esquecimento os leitores terão-me nas mãos com toda poesia, de uma forma sensível e ao mesmo tempo intensa, onde livro-me, literalmente.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Geraldo Ramiere: O livro demorou mais tempo para ser concluído do que eu gostaria, mas acredito que foi justamente o que tinha de ser. Nele há 118 poemas distribuídos por 172 páginas (incluindo um prefácio escrito pelo meu amigo, ex-professor e poeta Antonio Victor) que foram escritos entre os anos de 2003 a 2020, somando quase vinte anos de poesia. É praticamente uma coletânea poética, costumo dizer, brincando. A matéria literária da qual Desencantares Para O Esquecimento se originou é minha vida pessoal em relação ao mundo em que vivo e o qual busco de algum modo transformar.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Geraldo Ramiere: Citarei alguns versos do livro, deixando um gostinho de quero mais: Não escrevo poesia/ A poesia é quem em mim se escreve (Livro-me, pág. 22); Queimarei versos na primavera/ E com rimas inacabadas/ Semearei flores nas nuvens/ Ainda grávidas de tempestades (Agosto na Garganta, pág.48); Se a alma de fato existe Creio que ela tem/ A forma de um poema (Anatomia do Intocável, pág.135); Nada mais revolucionário/ Do que um beijo diante do ódio (Insurgir, pág.157); Sem mais pesos nem pesares/ Preparo o próximo passo/ Com a leveza dos que se perdoam/ E a certeza de quem é perdoado/ Ao passar pela poeira das estradas (Passo, pág.171).

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Geraldo Ramiere: Para adquirir o meu Desencantares Para O Esquecimento basta acessar o site da editora Viseu (www.eviseu.com). Além da aquisição do livro, para conhecer um mais do meu trabalho sugiro ao leitor que conheça minha página literária Céus Subterrâneos (ceussubterraneos.blogspot.com), também disponível no facebook, onde publico meus textos.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Geraldo Ramiere: Tenho dois livros de contos e uma novela infantil em fase de conclusão, além de estar rascunhando um novo livro de poemas que já tem título pronto: Céus Subterrâneos, mesmo nome da minha página literária. Pretendo publicar todos estes novos projetos no próximo ano (2022).

Perguntas rápidas:

Um livro: Dom Quixote, de Miguel Cervantes.

Um (a) autor (a): Carol Araujo (minha esposa), autora de A Poesia é minha Oração.

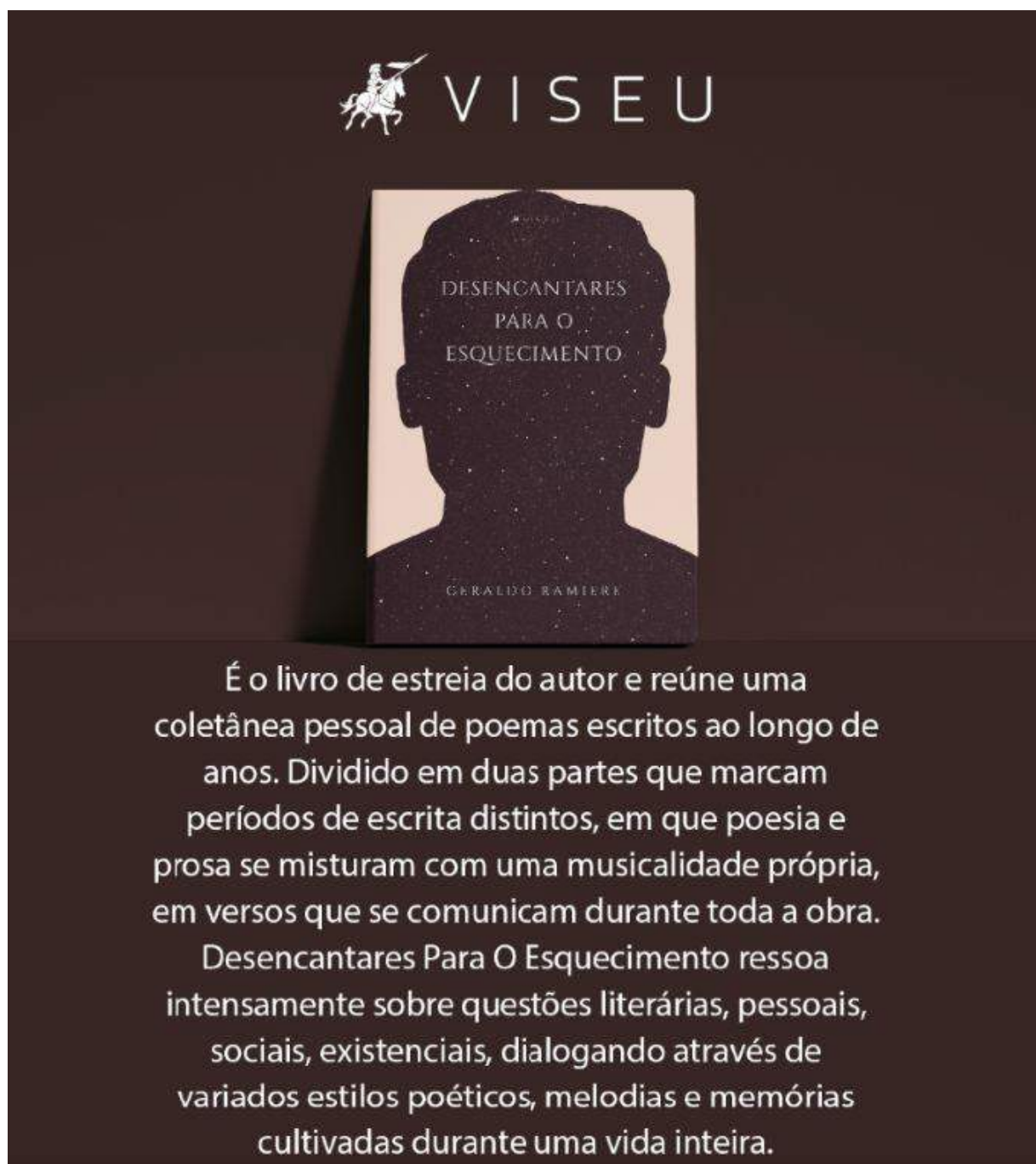
Um ator ou atriz: Raquel Ely, atriz planaltinense.

Um filme: Conterrâneos Velhos de Guerra, de Vladimir Carvalho.

Um dia especial: Quando a pandemia acabar e podermos no abraçar como antes.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Geraldo Ramiere: Quero apenas agradecer à Revista Conexão Literatura por esta oportunidade de mostrar meu trabalho literário, reforçando que precisamos cada vez mais incentivar a literatura e a leitura em nosso país.



REVISTA

CONEXÃO LITERATURA

conectando autores e leitores desde 2015

Divulgamos o seu livro

- 1** O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira rápida e eficaz: seus leitores.
- 2** São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacar o seu livro e facilitar a sua vida.

PACOTE DIVULGAÇÃO PARA AUTORES POR R\$100

GARANTA JÁ

A promoção é por tempo limitado, então garanta já a divulgação do seu livro conosco.

DIVULGUE PARA + de 192 mil leitores



ACESSE O NOSSO SITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

E-mail: ademirpascale@gmail.com



ENTREVISTA COM A ESCRITORA GISELE TOLEDO

POR ADEMIR PASCALE



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Gisele Toledo: Eu sou professora de Literatura, sendo assim, a literatura sempre esteve presente em minha vida. Como escritora, foi a partir de 2015, quando retornei de uma cooperação internacional no Timor-Leste, Ásia. Desempregada, me vi forçada a fazer algo que preenchesse minhas horas, então comecei a escrever a história do romance.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "O vento nos canteiros de hortelã". Poderia comentar?

Gisele Toledo: O VENTO NOS CANTEIROS DE HORTELÃ é um romance histórico, passado no final do século XIX. Tem como pano de fundo a escravidão em uma fazenda de café e, como não poderia deixar de ser, um amor que move a trama. Além dos laços de afetos, há a luta abolicionista, que traz à tona o racismo e o lugar da mulher na sociedade da época.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Gisele Toledo: Primeiro foi uma escrita passional, em que eu não parei para nada, me dediquei apenas em contar a história. Como, a princípio, não havia em mim a pretensão de publicar, a pesquisa veio com a primeira versão do livro pronta. Nesse momento, a pesquisa foi intensa por tratar de uma época que não é a atual. Dessa maneira, arquitetura, costumes, culinária, vestimentas, meios de transporte, música, educação, literatura e, principalmente, as linguagens, necessitou de um trabalho profundo de pesquisa.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Gisele Toledo: O momento em que Sinhá Eugênia vai à senzala pela primeira vez. Para mostrar o impacto que o lugar e as pessoas dali causaram na senhora, eu construí um parágrafo descrevendo a expressão de todos os seus sentidos:

“Desnorteada, a senhora atravessou o caminho de volta para casa. O escravo no tronco já com as costas sangrando, feitores gritando sem parar, a volta de alguns escravos do cafezal. Tudo cheirava a zinabre. Sons de gemidos, o pé de moleque a machucar os seus, o gosto amargo da vida em sua mais baixa degradação: a visão do inferno.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Gisele Toledo: O VENTO NOS CANTEIROS DE HORTELÃ está à venda nas plataformas digitais: Amazon, Americanas, BOK2, Estante Virtual e Shoptime. Mas para quem gosta de ter o livro autografado pelo autora, pode entrar em contato pelo e-mail: gisatol@bol.com.br.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Gisele Toledo: Sim! A continuação da saga está sendo escrita e esperada por quem já leu e está me cobrando nova leitura.

Perguntas rápidas:

Um livro: Grande Sertão: Veredas

Um (a) autor (a): Guimarães Rosa

Um ator ou atriz: Todos os atores da “Cia Perambulantes” (grupo de teatro de rua do qual participo como cantora).

Um filme: A Testemunha

Um dia especial: Todos os que temos motivos para agradecer.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Gisele Toledo: Gostaria de ressaltar o retorno que tenho recebido dos inúmeros leitores destacando a vocação que O VENTO NOS CANTEIROS DE HORTELÃ tem para ser roteirizado em cinema ou minissérie.



Cinza no Céu



**HORROR
FANTASIA
NOSTALGIA
FICÇÃO CIENTÍFICA**

Roberto Schima

CINZA NO CÉU

NOVO LIVRO DE
ROBERTO SCHIMA

SINOPSE:

A EXEMPLO DA MINHA COLETÂNEA ANTERIOR, "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" REÚNE HISTÓRIAS QUE FORAM PUBLICADAS NA REVISTA DIGITAL "CONEXÃO LITERATURA", EDITADA POR ADEMIR PASCALE. DESTA FEITA, A PARTIR DO Nº 49 DA PUBLICAÇÃO. OS CONTOS AQUI REUNIDOS ABRANGEM FANTASIA, HORROR, FICÇÃO CIENTÍFICA, NOSTALGIA. TAMBÉM INCLUI ALGUMAS CRÔNICAS, POESIAS E MÁXIMAS/REFLEXÕES. SE ESTÃO DISPONÍVEIS NAS VÁRIAS EDIÇÕES DA REVISTA CUJO DOWNLOAD É GRATUITO, MINHA MOTIVAÇÃO PARA O LANÇAMENTO EM LIVRO É IGUALMENTE PELO DESEJO DE NÃO SOMENTE VER AS HISTÓRIAS REUNIDAS EM LIVRO, MAS TAMBÉM PODER MANUSEÁ-LO, FOLHEÁ-LO, GUARDAR NA ESTANTE. ADEMAIS, COMO JÁ ME REFERI CERTA VEZ AO EXEMPLIFICAR A QUESTÃO DO E-BOOK E DO LIVRO FÍSICO, AMBOS SÃO CO MO UMA PESSOA QUERIDA, ENTREMENTES, NO PRIMEIRO CASO A GENTE VÊ ESSA PESSOA PELA INTERNET, ENQUANTO QUE, NO SEGUNDO, PODEMOS ABRAÇÁ-LA. E TOCAR UM LIVRO QUE A GENTE ESCREVEU É COMO ABRAÇAR O PRÓPRIO SONHO. "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO" E, AGORA, "CINZA NO CÉU" SÃO RETALHOS DE MUNDOS DIVERSOS QUE PREENCHERAM MINHA MENTE, NOS QUAIS MERGULHEI, ME PERDI, ME ACHEI, POR VEZES COM RELUTÂNCIA EM VOLTAR. PARA MIM, ELES EXISTEM DE VERDADE. ESTOU NELES. ESTÃO EM MIM. E SÃO AQUILO QUE DEIXAREI PARA TRÁS.



Para saber mais ou adquirir:

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua2785/> e <https://clubedeautores.com.br/livro/cinza-no-ceu>

ENTREVISTA COM O ESCRITOR MARCELO GOMES JORGE FERES

POR ADEMIR PASCALE



Marcelo Gomes Jorge Feres nasceu em 6/7/1957, na cidade de Niterói (RJ). Graduado em Administração pela EBAP, Rio de Janeiro, em 1979; graduado e pós-graduado em Direito pela UNESA, Rio de Janeiro, em 2005; licenciado em História na UNICESUMAR, Maringá (PR), em 2019; estudante de Filosofia; publicou 16 livros de conteúdo poético-filosófico e, desde 1987, participa de várias antologias.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Marcelo Gomes Jorge Feres: Bem, como escritor, lembro-me de que, perto dos 17 anos, tomei da caneta (na época era assim que se anotava) e, não sei bem como, nem por que, escrevi o seguinte: “A multiplicidade de coisas é estonteante, macro e microcosmos relacionam-se em caminhos infinitos, constituindo um cenário imparcial onde se trava uma luta em meio à evolução”. Estava tudo já escrito. Nunca houve outro destino para todos os meus arbítrios.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Kosmosakifora" (Editora Viseu). Poderia comentar?

Marcelo Gomes Jorge Feres: Meus livros são palavras condensadas que lanço como iscas aos ventos. Se mordidas, aquele que se tornou presa, irá libertar-se de si mesmo e tornar-se, inteiro, todo o mar, vendo-se, da beira-mar, distanciando-se no seu ser adentro. Porque Einstein já havia matado o materialismo, demonstrando que a sua morte se deu pela exclusiva falta de matéria. E corroboro tal assertiva, mas em poesias. Tudo são pontos de vista que, como o alertara Leonardo Boff, são apenas a vista de um ponto. Tudo está em tudo, eis o grande enigma das nossas existências, desde os pré-socráticos e desde sempre, o mesmo sempre dito por todos os santos e profetas, pelas sabedorias multimilenares e pelas tradições que se perdem em círculos concêntricos que se dispersam, do Todo, ao eu de cada ser adentro. Tudo está em tudo e cada ponto de vista

toma as distâncias de cada um, e que são infindas, e do tamanho exato de suas verdades, conteúdos e dilemas, pois a busca, já iniciada, torna-se, do ser, a sua infinda morada.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Marcelo Gomes Jorge Feres: De modo estranho, mas lógico e explicável, tenho, há muito tempo, escrito todas as noites e, de certo modo uniforme, sinto e sei que escrevo junto com espíritos, a quatro mãos, cumprindo arbítrios e destinos que se dão as mãos sob o eterno atual, sempre presente e cíclico, no passageiro eterno contínuo.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Marcelo Gomes Jorge Feres: Todo o livro o é, mas aí vai o pequeno poema título:

Kosmosakifora

Se é cosmos, os infindos estão dentro
Se é caos, os infindos estão fora

Se é cosmos, os infindos, dentro
Significam Deus e Lógica

Se fossem fora, no caos não haveria o *cogito*
E tu não me verias agora, aí dentro, aqui fora

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Marcelo Gomes Jorge Feres: O livro pode ser adquirido junto à editora Viseu e, se o desejar, pode me escrever para meu e-mail: marcelo.gomes.jorge.feres@gmail.com. Responderei sempre, com interesse e muita alegria, decerto

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Marcelo Gomes Jorge Feres: Sim, tenho escrito dois livros por ano e publicado no mesmo tanto. Está em editoração o livro *Sub specie poeseos* e estou no meio de outro livro, o *Aeterna, subtilia divina, inexorabile fatum*

Perguntas rápidas:

Um livro: *Arquitetura Cósmica*, de Gilson Freire

Um (a) autor (a): Hermínio Corrêa de Miranda

Um ator ou atriz: Peter O'Toole
Um filme: O Labirinto do Fauno
Um dia especial: todo dia o é

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Marcelo Gomes Jorge Feres: Apenas que, assim como conhecemos uma pessoa se soubermos do que ele pede em suas orações, devemos sempre tentar conhecer a nós mesmos e, segundo os famosos Nosce te ipsum, ou Gnothi seauton, que tal, em nossa orações, pedirmos, com profunda sinceridade?: Senhor, Deixa-me saber!



Nós, pequenos seres na dimensão espaço-tempo, somos do tamanho preciso, necessário e infindo para religarmos e reconectarmos em todos os momentos – e assim quando estamos aqui, sempre presentes, dentro de cada universo individual e paralelo, e nessas aparentes dimensões restritas – o tudo do Todo, Cósmico, Uno, Intérmino e organicamente indivisível; e tal, quiçá, pelos dedos que desenham entendimentos em poemas, e assim também pelos olhos e sentidos que possam pressentir, em poesias, a tão sonhada reunião da dispersa e despedaçada vida inteira.

PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ANTOLOGIA
DOS MELHORES
POEMAS



LEIA OS EDITAIS
CLIQUE AQUI

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

ENTREVISTA COM O ESCRITOR RICARDO LEMOS

POR ADEMIR PASCALE



RICARDO LEMOS é natural de Crateús – CE, radialista na década de oitenta, cursou engenharia mecânica e direito, funcionário do Banco do Brasil de 1982 a 1997, atualmente advoga no ramo de direito imobiliário e exerce a profissão de corretor de imóveis, conta com duas obras publicadas: “A ARQUITETURA DA FELICIDADE” e “O MELHOR DA VIDA APÓS OS CINQUENTA ANOS”.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Ricardo Lemos: Adentrei no universo literário em 2009, quando movido pela fé em Deus escrevi meu primeiro livro; “A Arquitetura da Felicidade”. O livro de autoajuda tinha como característica indicar para os leitores, o caminho da felicidade. Após completar cinquenta em setembro de 2009, resolvi escrever um novo livro; “O Melhor da Vida após os Cinquenta Anos”, também de autoajuda, esse voltado a traçar um norte para os leitores com mais de cinquenta anos.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Lagoa Seca" (Editora Viseu). Poderia comentar?

Ricardo Lemos: O livro Lagoa Seca é um romance oriundo de pensamentos e inspirações fictícias onde narro a trajetória de Raimundo, homem afável e determinado. A trama envolve suspense, ação, um pouco de terror, mistério e relacionamentos conturbados. A trajetória de Raimundo desde sua chegada a Crateús até sua ida à Monsenhor Tabosa, levará o leitor a navegar no difícil mundo de nosso narrador.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Ricardo Lemos: Minha inspiração literária vem fulcrada em experiências do dia a dia, verdadeiro combustível que me leva a incorporar o narrador e navegar na sua história, tudo desenvolvido no exato momento em que estou escrevendo. Resumindo, o desenrolar da trama ocorre no exato momento em que escrevo, sem nenhum planejamento anterior.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Ricardo Lemos: No capítulo 20, “a tragédia”, Raimundo se vê em apuros e acaba sendo o pivô da morte de sua esposa. É a partir do capítulo 20 que a trama ganha os contornos de suspense e de mistério.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Ricardo Lemos: Você pode adquirir o livro junto ao site da Editora Viseu, no link: <https://www.eviseu.com/> . E também através: Amazon, Americanas, Magazine Luiza, Shoptime e Submarino na versão impressa. Ou na versão e-book: Amazon, Apple, Barnes & Noble (EUA), Google, Kobo, Livraria Cultura e Wook (Portugal).

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Ricardo Lemos: Adentrar no mundo literário depende apenas de motivação. Escrever um livro é deixar um legado, é colocar para fora tudo aquilo que você pensa. Seja autêntico, busque inspiração no dia a dia, seja observador e se deixe levar pela imaginação.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ricardo Lemos: Sim, um novo romance e um livro jurídico, voltado para as relações imobiliárias.

Perguntas rápidas:

Um livro: Quincas Borba de Machado de Assis

Um ator ou atriz: Antônio Fagundes

Um filme: Dona flor e seus dois maridos

Um hobby: Cuidar da mente e da saúde com caminhadas

Um dia especial: O dia em que a primeira dose da vacina contra o covid-19 foi aplicada no Brasil.

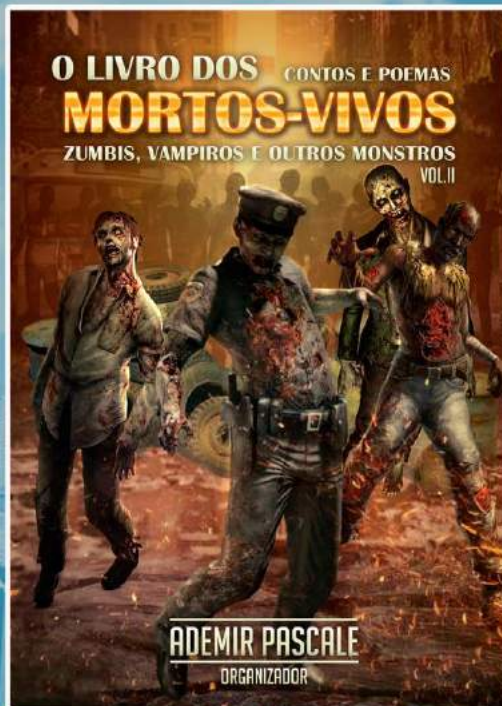
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ricardo Lemos: A leitura nos leva a lugares do passado, nos inspira a caminhar no dia a dia, aprimora o cérebro e reduz o estresse, portanto cultive o hábito de ler.



Raimundo é um homem afável e determinado. Não se pode rotulá-lo como herói (acredite, ele não é), mas certamente ele é um irresistível homem comum. Raimundo segue a vida buscando o sucesso e acaba, por conta (ou ironia) do destino, participando de eventos que têm causado repercussão e polêmica no Ceará e no Brasil. A trama envolve fatos fictícios, com muito suspense, mistério e, principalmente, conflitos pessoais, que levarão o leitor a navegar no difícil mundo de nosso querido narrador. “Lagoa Seca” conta a trajetória de Raimundo desde a sua chegada em Crateús até sua ida a Monsenhor Tabosa. Você não vai sossegar até descobrir como termina esta história.

PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**LEIA OS EDITAIS E ENVIE
O SEU CONTO OU POEMA**

**ACESSE:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

BENJ MARCEL

POR ADEMIR PASCALE



Benj Marcel, casado, pai de 7 filhos, Pedagogo; Psicopedagogo; MBA em Logística e Gestão Empresarial; Graduado em Logística, possui licenciatura em Letras Inglês/Português, agente de distribuição nos Correios, palestrante, compositor, escritor e professor.

Acredita que: "Quando uma criança lê ou leem para ela, um mundo de maravilhas e possibilidades se abre a sua frente!"

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Benj Marcel: Quando criança, sempre gostava de inventar historinhas, na escola ou em casa tinha mania de ficar escrevendo e criando personagens aos quais eu fazia questão de desenhar e interpretar para a família ver e avaliar (risos). Sempre tive o desejo de publicar meus livros, pois tenho alguns projetos engavetados, e Zico Urublue foi o que me encorajou a realizar este sonho.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Zico – Um Urubu Diferente". Poderia comentar?

Benj Marcel: Zico Urublue, traz as aventuras de uma jovem ave que ao invés de ficar preta como todas de sua espécie, fica com as penas azuladas. Por conta de sua cor, a ave viverá grandes e emocionantes aventuras, e passará por grandes ensinamentos!

A obra traz uma maneira divertida e sutil de abordar e conversar com as crianças assuntos sobre: diferenças, aceitação, respeito, diversidade, perdão, convivência, amizade, família e amor.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Benj Marcel: Quis chamar a atenção para a convivência entre as pessoas, a inclusão social, o dia a dia, e que todos sem distinção são iguais! Minha família tem algumas crianças especiais, e vejo de perto como é ser diferente e tentar se inserir no meio social ao qual vive! Demorei 2 anos escrevendo a história.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Benj Marcel: O momento em que a mãe e o pai do Urublué vão tentar libertar seu filho das garras do temível urubu rei. Sem dúvidas é um ensinamento pra vida!

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Benj Marcel: O livro está a venda no site da editora: www.eviseu.com.br, em todas as lojas do ramo, Amazon, Magalu, Submarino etc.

Os leitores podem obter maiores informações nos links abaixo:

E-mails: benjmarcel@gmail.com ou benjmarcel@hotmail.com

Twitter: <https://mobile.twitter.com/BenjMarcel>

Instagram: https://www.instagram.com/p/B4Vs_8RISOW/?igshid=6h6sq22rdfs8

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Benj Marcel: Sim! Só falta a capa, acabamos esta semana as ilustrações, e o novo livro infantil, já estará pronto para ser lançado! Teca sapeca, a sapa perereca, trará para garotada a luta de uma sapinha tentando livrar sua espécie do tráfico de animais, é uma aventura e tanto! As crianças vão se amarrar nesta aventura.



Perguntas rápidas:

Um livro: A macaca Sofia

Um (a) autor (a): Monteiro Lobato

Um ator ou atriz: Cláudia Ohana

Um filme: Central do Brasil

Um dia especial: todos! (Tendo saúde, todo dia é especial!)

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Benj Marcel: Ler para uma criança é um ato de amor. Incentivar a leitura em qualquer idade é dar a chave para a porta da liberdade!

ENTREVISTA COM O ESCRITOR **RICARDO LIMA** POR ADEMIR PASCALE



Nasceu em 1984, em Manaus. Cursou Ciências Sociais e mestrado em Sociologia na Universidade Federal do Amazonas e doutorado na Universidade Estadual Paulista. Atualmente ministra aula no Instituto Federal do Amazonas.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Ricardo Lima: No final de 2002, quando tinha dezoito anos, eu padecia de um quadro muito forte de depressão. Então resolvi escrever sobre o que sentia e isso me deu um bem-estar muito grande. Desde então não parei mais.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "O fim de todas as coisas". Poderia comentar?

Ricardo Lima: Esse é meu segundo livro. Uma coletânea de contos que versam sobre alguma variedade de estilos literários: suspense, terror, fantasia, ficção científica e realismo dramático. Acho que o ponto em comum de todas elas, é o clima cinzento que existe de forma mais ou menos explícita. Identifico-me com histórias curtas, elas têm uma concentração de tensão e drama que não tem em livros mais longos. Gosto de transitar entre vários gêneros.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Ricardo Lima: O livro levou cerca de oito meses para ser escrito. Algumas histórias já existiam e foram retrabalhadas. Tive ajuda do escritor Mauro Paz que fez a leitura crítica de todos eles. Não acredito em inspiração na hora de escrever. Acredito em estudo, planejamento e trabalho duro. Foi necessário leituras de livros, pesquisas com filmes e documentários e, é claro, a influência de autores que eu estava lendo na época: Poe, Lovecraft, Milton Hatoum, Raymond Carver, Machado de Assis, Stephen King.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

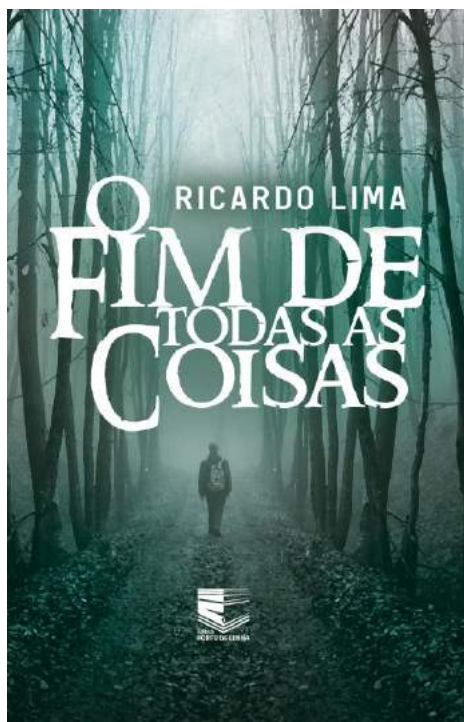
Ricardo Lima: Eu gosto muito do conto que dá título ao livro. Uma mistura de memória, ficção fantástica e ficção especulativa. Acho que até agora foi o melhor que consegui escrever.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Ricardo Lima: Diretamente comigo: ricardoslovith@gmail.com instagram: [@ricardolima_silva](https://www.instagram.com/ricardolima_silva)

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Ricardo Lima: Acho que agora estou “em busca do tempo perdido.” Depois de anos ocupado com questões acadêmicas e profissionais, resolvi que deveria me organizar melhor para dedicar-me ao que sempre gostei. Então quero escrever muito a partir de agora. Estou revisando meu primeiro livro que foi lançado em 2015 para uma nova edição revisada e já estou na composição de mais um novo livro de contos, onde procuro explorar a vertente estética do amazofuturismo. A minha região, a Amazônia, tem um universo infinito de temas que podem ser aproveitados pela literatura. Também estou me articulando para estar presente em coletâneas de fantasia de editoras dedicadas ao tema.



Perguntas rápidas:

Um livro: Estou lendo agora A Coisa, de Stephen King.
Um (a) autor (a): Arthur Engrácio, o maior contista do Amazonas.

Um ator ou atriz: Alessandra Negrini e Irandhir Santos.

Um filme: Blade Runner.

Um dia especial: Difícil pensar em dias especiais nesses tempos difíceis.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Ricardo Lima: Apenas agradecer pela entrevista e agradecer à Editora Porto de Lenha. Vocês prestam uma grande contribuição à cultura nacional. Precisamos valorizar a nossa literatura.

ENTREVISTA COM A ESCRITORA

SAMARA MELO

POR ADEMIR PASCALE



Samara Melo no ramo artístico e literário, nasceu em Juazeiro do Norte, Ceará. É escritora, atriz e engenheira ambiental, ligada fortemente a plataformas digitais como veículo de impulso do seu trabalho.

Escrito por Anderson Silva

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Samara Melo: Eu comecei postando pequenos textos no wattpad, um amigo me falou da plataforma e me deu a ideia de escrever as minhas reflexões já que a gente sempre conversava sobre literatura, e escrita, e depois que eu descobri a plataforma eu mergulhei nela e não parei mais de escrever, e mesmo após o meu primeiro livro publicado continuei lá.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Reflexo do Cotidiano". Poderia comentar?

Samara Melo: Reflexo do Cotidiano foi o primeiro livro que escrevi no wattpad, e ver o que ele se tornou ao longo do tempo é mágico, eu jamais imaginei que um dia fosse ver minhas palavras eternizadas em um livro físico. E agora saber que os leitores terão mais acesso as minhas poesias, e reflexões me dá até um friozinho na barriga, bem semelhante aos que sinto quando subo no palco para fazer alguma apresentação. E eu só quero que os leitores se tornem pessoas ainda melhores ao ler e refletir sobre cada palavra.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Samara Melo: Eu sou uma pessoa que planeja muito, às vezes simplesmente as palavras vêm à mente e desejo validá-las no papel, mas busco inspiração nas músicas, nas peças antigas, e principalmente no dia-a-dia, de todos eles o cotidiano é a minha maior inspiração.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Samara Melo: O trecho que eu mais gosto desse livro é "Quem não ama a si, não amara ninguém ao seu redor" porque infelizmente é verdade, e a gente vê isso nos jornais todos os dias, as pessoas matando uns aos outros, sem remorso algum por motivos banais, então eu acredito nisso, quando a pessoa não se ama, ela não tem a capacidade de se colocar no lugar do outro e ter um mínimo de empatia então eu acho essa frase muito impactante. Não sei se você ou os leitores concordam, mas essa é a minha opinião.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Samara Melo: O Livro Reflexo do Cotidiano pode ser adquirido em formato físico ou e-book pelo site da Editora Viseu. A Partir de lá vocês podem ter acesso a outros sites como Amazon, kobo e outros.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Samara Melo: Ter paciência, dedicação, e confiar no seu talento, nas coisas que você escreve, às vezes a gente acha que não está bom, ou que ninguém vai gostar, mas na verdade é só a nossa mente fazendo a gente duvidar de nós mesmos, então confiem nas suas histórias, confiem em vocês e tudo dará certo. O resto só vem para acrescentar.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Samara Melo: Sim, eu tenho vários projetos quentinhos, alguns quem desejar pode acompanhar no Wattpad, eu também outros livros de poemas publicados na Amazon como o livro "Poesia Escarlate" eu amo poesia mas agora estou explorando outros gêneros, como literatura erótica então só recomendo para maiores de dezoito anos.

Perguntas rápidas:

Um livro: Olhai os Lírios do Campo de Érico Veríssimo, esse livro é, e foi uma das minhas inspiração para o livro Reflexo do Cotidiano é tanto que cito ele em uma das minhas reflexões. Pra mim não tem como falar de literatura sem citar esse livro que foi uma das minhas leituras mais especiais.

Um ator ou atriz: A com certeza a grande Fernanda Montenegro ela é incrível e maravilhosa um dos meus livros favoritos do teatro, que fala do teatro brasileiro, é "A Mulher e o Teatro Brasileiro no século XX" que tem como uma das entrevistadas a grande Fernanda que revolucionou a história do teatro brasileiro acompanhada de outros grandes nomes como: Dercy Gonçalves, Tônia Carrero, Cacilda Becker, Maria Della Costa, Dulcina de Moraes, a própria Fernanda Montenegro, Bia Lessa, e Marília Pêra e tantas outras. E eu como uma atriz de teatro tenho ela como minha grande inspiração toda a história de vida dela e as conquistas que hoje o teatro brasileiro tem, devemos a ela

e muitas outras. Eu sei que deveria ser uma resposta rápida mas não tem como eu falar de atrizes e atores sem me prolongar.

Um filme: Aí gente eu amo o Auto da Compadecida as obras brasileiras, e de Ariano Suassuna nordestino assim como eu, são as minhas paixões já li quase todas as obras dele, e eu não poderia falar de filme sem falar do cinema brasileiro que eu admiro e torço muito, e quem vem crescendo ao longo do tempo, e se destacando, é um orgulho.

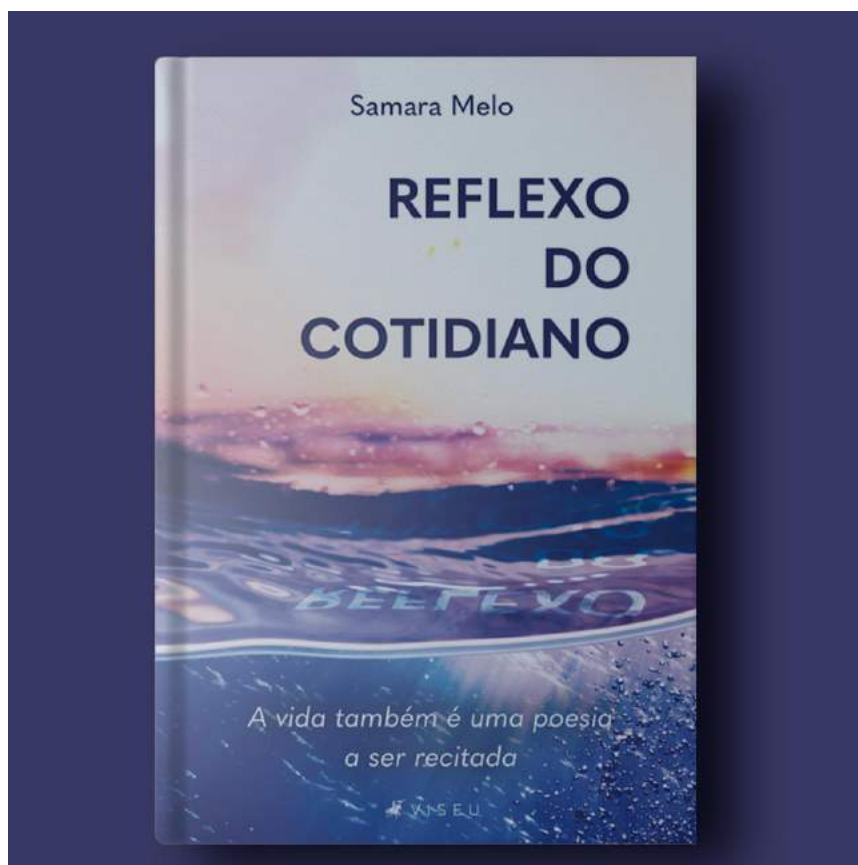
Um hobby: Eu amo ler, eu leio todos os dias praticamente, mas falando em algo que é muito presente na minha vida são as artes cênicas e o coral então isso já até passa de um simples hobby na verdade são minhas paixões, que estão presente no meu dia-a-dia. E não pretendo largar nunca.

Um dia especial: Olha eu até pensei em uma data comemorativa mas vou trazer isso para o meu cotidiano e eu diria as terças e quintas que são os dias do meu amado coral e do NET- núcleo de estudos teatrais.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Samara Melo: Sim, eu só quero lembrar a todos que assim como os esportes, as artes e a literatura também salvam vidas, e dar oportunidades a elas de fazer parte do cotidiano de vocês é muito importante. Então leiam, dance, cantem, e conheçam o teatro assistam peças, por que toda forma de arte ela salva, e deve ser valorizada, eu valorizo por isso dou graças a Deus por estar aqui hoje falando um pouquinho do meu trabalho, e o quanto amo tudo isso.

Adquira o livro: <https://www.eviseu.com/pt/livros/2038/reflexo-do-cotidiano-a-vida-tambem-e-uma-poesia-a-ser-recitada>



ENTREVISTA COM O ESCRITOR THELLO D'BARROS

POR MAGALI MOSER*



Tchello d'Barros (RJ) entrevistado via rede social pela jornalista Magali Moser* (SC), para a **Revista Conexão Literatura**.

Ago.2021

Não lembro exatamente quando foi o nosso primeiro encontro, mas recordo com nitidez as inúmeras vezes que o abordei nas ruas do Centro de Blumenau (SC), minha memória mais remota dos nossos contatos. Era início dos anos 2000: ele, presidente da Sociedade Escritores de Blumenau (SEB), observador arguto e caminhante das calçadas urbanas tal qual o *flanêur* do século XIX; eu, estagiária de jornalismo da Rádio CBN, em busca de depoimentos para a enquete diária a ser transmitida na programação. No vai e vem da cidade, Tchello d'Barros nunca se importou em parar para me conceder sua atenção, mesmo quando nem sequer me conhecia. Manifestava sua opinião de maneira incisiva, acerca dos mais variados assuntos. Afiado, transitava com facilidade entre polêmicas da província ou questões mais abrangentes, do contexto nacional e internacional. Seu depoimento era a certeza de reflexões aprofundadas e distantes do senso comum, o que muitas vezes incomodava quem procurava preservar uma visão estagnada e única sobre a região. Foi assim que iniciou essa nossa relação de amizade, afeto e admiração, consolidada para além da dinâmica entre entrevistadora-entrevistado. Lembro que nos encontramos ainda em Maceió (AL), quando viajei de férias para lá, em 2012, e ele, então morador da cidade, fez questão de me apresentar o melhor da capital, com direito à tapioca de camarão saborosíssima numa dessas barracas de nativos à beira mar, que jamais descobriria sozinha. No ano seguinte, antes de passar uma temporada fora do Brasil, Tchello foi até o aeroporto do Rio de Janeiro (RJ) se despedir de mim. Foi meu último abraço recebido antes de pisar em solo alemão, um fôlego para suportar a saudade nos meses seguintes. Desde nossas primeiras conversas, quando ainda era uma estudante de Jornalismo, muita coisa aconteceu. Novos caminhos se abriram. Tchello d'Barros alçou novos voos, conquistou outros públicos. Mas algo se mantém: a sua inquietude pela vida. Talvez esse seja o elemento principal de sua trajetória como artista. Sou muito grata à vida pelo nosso encontro e entusiasta de todas as suas conquistas. Estarei sempre aqui para aplaudir e vibrar com cada uma delas.

* Magali Moser é jornalista, professora universitária e doutoranda em Jornalismo pela UFSC.

Magali Moser | Conexão Literatura: Para começar, gostaria de saber como você se autodefine? De que maneira Tchello d’Barros se auto-interpreta?

Tchello d’Barros: Para começar, não me auto-interpreto, apenas sigo um dia atrás do outro fazendo as coisas que dão sentido à minha vida, espalhando minhas criações por aí. Como essa produção artística é um tanto multifacetada, isso acaba gerando percepções diferentes e interpretações divergentes, já que são diversos públicos atingidos. *Olhos de Lince* é um dos epítetos que me atribuem, a exemplo do recente livro “Tchello d’Barros Olhos de Lince – Poesia Visual em Perspectiva”, que a Prof^a Dr^a Renata Barcellos lançou pela Ed. Personal, a partir de seu pós-doutoramento na UFRJ. Já a Mestre estadunidense Mary Duerksen, quando lançou nos EUA o livro “Three Visual Poems from Tchello d’Barros”, menciona em seu ensaio que este brasileiro criou uma conexão instantânea com seus interesses na Poesia em Campo Expandido. Pessoalmente, vejo-me de forma simples: apenas um indivíduo simbolizante, que vai deixando pelo caminho (instituições culturais dos países que visito) um rastro de textos, imagens, códigos e mensagens. Talvez um modesto espalhador de enlevos, estesias e alumbramentos.

M. M.: Em que momento a arte passou a ser uma escolha na sua vida?

T. d’B.: Desde criança que escrevia e desenhava muito. Era aquele menino que durante a alfabetização foi o primeiro da turma a aprender a ler, que no período ginasial ganhava concursos de redação, que quando teve que prestar o serviço militar obrigatório, foi alocado na sala de Comunicação, para escrever e fazer ilustrações para os manuais de treinamentos. Lembro que ainda em Santa Catarina, na universidade Furb, frequentava o curso de Letras mas no paralelo participava da extensão no Atelier Livre, pintando telas e as coisas sempre foram (com)fluindo naturalmente. Ainda assim, gosto de pensar que o início da carreira se deu em 1.993, quando fiz uma exposição de minhas primeiras pinturas, na Furb. Nesse mesmo ano começaram a ser publicados meus primeiros poemas e venci alguns concursos literários. Assim, embora nunca tenha havido uma escolha do tipo disruptiva, foi por ali que o trabalho foi tomando corpo e começando a se disseminar em livros, revistas, jornais e mais tarde na grande novidade que estava chegando, a internet.

M. M.: Lembro de sua participação decisiva à frente do movimento responsável por realizar o Fórum Brasileiro de Literatura, em Blumenau (SC) no início dos anos 2000, com a participação do escritor Affonso Romano de Santa’Anna. Como a sua passagem pela cidade interferiu na sua formação como artista?

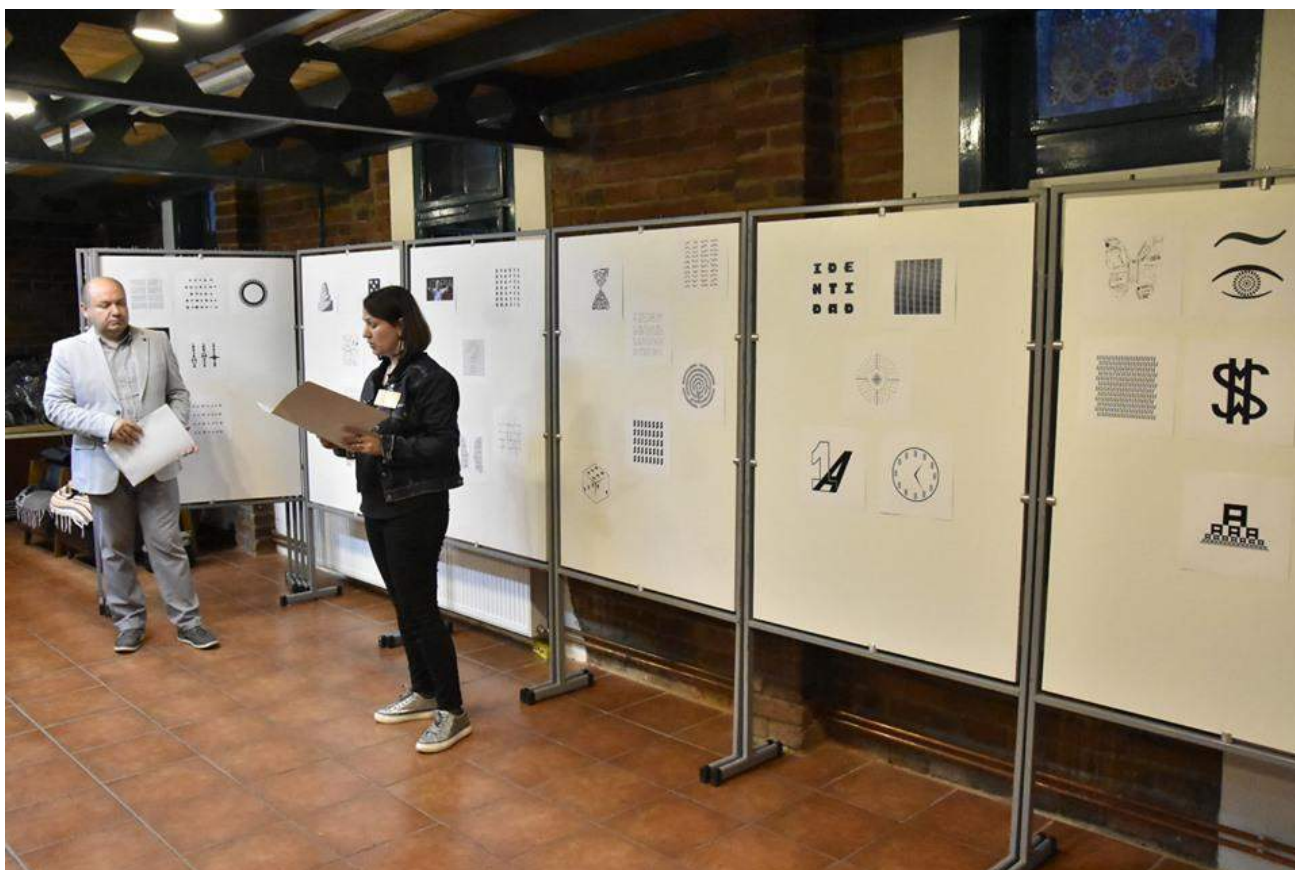
T. d’B.: Comecei a carreira em Blumenau. Mas iniciar uma trajetória literária numa cidade de interior de um Estado fora do eixo Rio-Sampa era um tanto desafiador. Ajudei a fundar a SEB, que depois presidi, para que se pudesse estimular na região uma cadeia produtiva do livro. Lembro de 3 ações que coordenei, na pretensão de colocar aquela



Tchello d'Barros declamando um poema na Biblioteca Nacional (Rio)

cidade no mapa da literatura brasileira: a criação de um site, apresentando ao mundo os escritores afiliados; as missões em grupo às bienais do livro de São Paulo e Rio de Janeiro; a realização de um congresso literário onde pudéssemos receber autores de expressão

nacional, como o Mário Prata, na Prosa e o Claudio Willer, na Poesia. Assim nasceu o Fórum Brasileiro de Literatura, com oficinas, feira do livro e muitas atividades. Quando saí da cidade em 2003, a iniciativa morreu na 4ª edição. Depois, em 2006 elaborei um encontro internacional junto aos meus parceiros do CEN, um grupo literário de Portugal e o Dr. Caminha (*in memoriam*). Por fim, preparei aos remanescentes da extinta SEB um projeto de novo evento nacional, mas este sequer teve a primeira edição realizada. Ainda assim, aquele foi um período de efervescência cultural, com iniciativas desde saraus a antologias nacionais, de simpósios a oficinas literárias. Em retrospecto, diria que tais ações, formaram uma base para meu amadurecimento profissional.

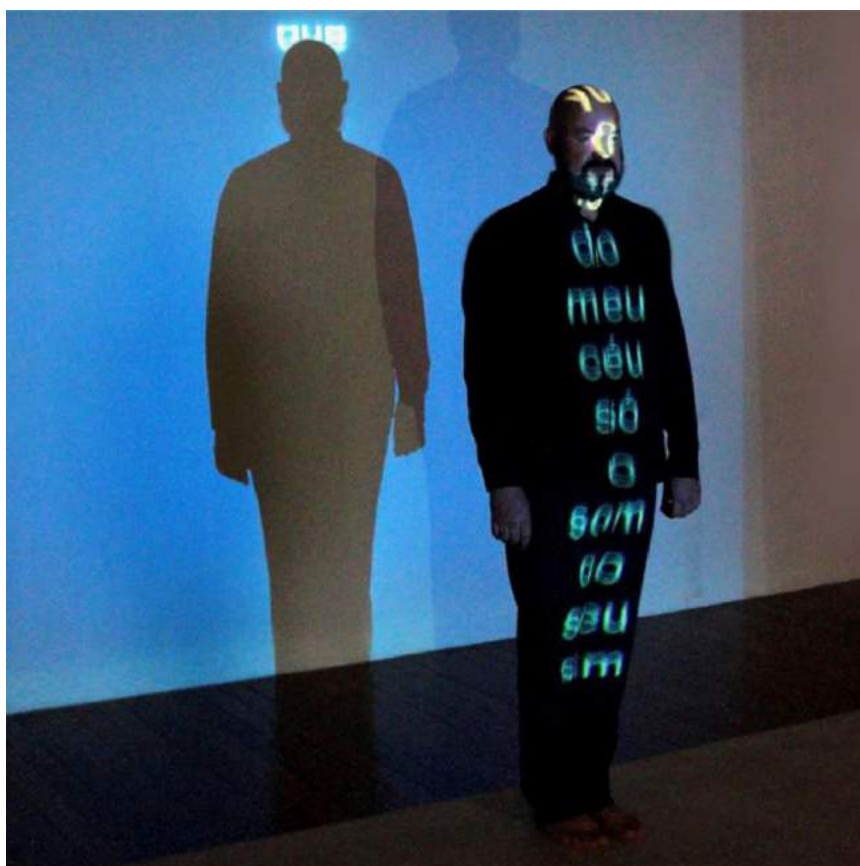


Mostra de Poesia Visual Convergências - Trienal de Artes da Sérvia

M. M.: Como artista, qual a sua motivação para criar?

T. d'B.: Para além de uma voracidade em conhecer e vivenciar as coisas da vida, do mundo e da cultura contemporânea, há um sempre esse frêmito interno em partilhar experiências sublimes, em comunicar visões de mundo por vias ora textuais, ora imagéticas. A Literatura pode ser uma linguagem artística viável para comunicações que ativam o imaginário do indivíduo, da tribo, da raça. Há tanto que podemos dizer num conto de realismo fantástico, por exemplo. Há muito que podemos provocar nas entrelinhas de um cordel, na métrica de um haicai. Então, a motivação passa um pouco por essa nossa condição de seres criadores de emoções estéticas, por essa necessidade de conexões simbólicas com nossos semelhantes.

M. M.: Você transita por diferentes possibilidades artísticas: da literatura à fotografia, das artes cênicas à poesia... De onde vem essa necessidade de não ficar condicionado a um formato?



Na performance Verigo com projeção de poemas no próprio corpo – CCIF (Rio)

T. d'B.: A beleza da arte está em explorar suas múltiplas possibilidades, seja no sentido do aprendizado ou na produção em formatos diversos. A formação que tive em Artes Cênicas, por exemplo, permitiu que eu realizasse a performance coletiva “Manifesto Pacífico-Atlântico”, pelas ruas de Maceió, ou a instalação cênica “Outra Jaula Para Pound”, em Belém do Pará; Minha formação em Literatura permitiu que minha série de ideogramas “Olho Nu” fosse projetada com imagens de 30 metros no paredão de um prédio na Av. Paulista, no Festival

Internacional de Linguagens Eletrônicas (FILE), ou que minha exposição itinerante de poesia visual “Convergências” fosse a mostra convidada da América do Sul na Trienal de Artes da Sérvia; Minha formação em Cinema, permitiu que meu documentário “Boi Misterioso”, que filmei na Amazônia, vencesse o Festival de Curtas da Facha, no Rio. Minha formação em Artes Visuais permitiu que realizasse curadorias em instituições como Museu da República, CCBB-Rio e Funarte. Sei que são apenas exemplos, mas um olhar plural para a arte pode se manifestar em realizações multiplicadoras.

M. M.: De que maneira você observa o momento cultural pelo qual o Brasil atravessa? Em que medida a arte pode ser uma forma de resistência ao cenário atual?

T. d'B.: O momento atual do cenário artístico brasileiro é algo que me lembra o poema “A Terra Devastada”, de Eliot. A cultura, no que se refere às linguagens artísticas é uma das áreas mais afetadas na sociedade, quando há governos obscurantistas e com posturas medievais, de tão conservadoras. Desde 2016 que vemos um crescente desmonte das poucas políticas públicas que haviam para fomento de obras artísticas e ações que permitiam o acesso aos bens culturais. Verbas foram cortadas, projetos em andamento foram suspensos, editais desativados, equipamentos culturais fechados, programas de

fomento suprimidos, sem falar em museus e cinematecas que misteriosamente são incendiados. Resta aos artistas, aquela postura subversiva, que vimos por aqui nos anos de chumbo: reagir, questionar, denunciar, protestar e posicionar-se contra. É assim que se cria consciência na sociedade, é assim que se estabelecem sistemas para que a arte viralize e assim possamos encher esse mundo de mais beleza e mais poesia.

Tchello d'Barros é escritor, artista visual e curador, catarinense de nascimento, cidadão do mundo por necessidade e carioca por generosidade do destino. Publicou 7 livros e possui crônicas, contos, ensaios e poemas publicados em mais de 100 coletâneas, antologias e didáticos. Suas obras visuais já participaram de mais de 150 mostras, com publicações e exposições em 18 países. Ministra oficinas, dedica-se a projetos audiovisuais e à itinerância nacional e internacional do projeto multimídia de Poesia Visual “Convergências”.



Email: ademirpascale@gmail.com

DIVULGAMOS O SEU LIVRO

PACOTE DIVULGAÇÃO PARA AUTORES

POR R\$100

MEIO DIGITAL

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira eficaz

DESTAQUE O SEU LIVRO

- 1** São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacá-lo.
- 2** A promoção é por tempo limitado, então garanta já a divulgação do seu livro

POR ADAYL FALCONI CHIODI

CONTO
SEGUNDA CHANCE



Conto

Nossos olhares se cruzaram. Milhões de átomos se movimentaram no encontro desse olhar!

Num dos volteios do meu samba bem dançado, (tenho o samba no pé), entre um meneio de corpo e outro, deparei com aqueles olhos que acompanhavam meus movimentos e pareciam querer sugar a minha alegria.

Não quero. Chega. Tenho uma vida sossegada, uma filha adolescente que precisa de mim. Já sofri a minha quota, preconceito na escola, quando menina e, depois, mãe solteira e negra. Ainda bem que a minha família foi meu porto seguro.

Nasci numa família de negros que sentiam orgulho da sua cor. Minha bisavó veio da África num daqueles navios malditos. Fui educada com o coração e a consciência de negro.

Na minha mocidade, tive uma grande desilusão. Procurei o amor e não encontrei. E dizer, que ele era negro como eu. Só na pele, tinha cabeça e coração de branco. Nunca aceitou sua negritude. Já na Faculdade, se julgava inferior. Às vezes, dava impressão que desejava arrancar aquela pele que o aviltava. Não deu certo. Não consegui conviver com alguém assim.

Ah! nesta altura da vida, com 45 anos, minha vida equilibrada, sala de Fisioterapia bem frequentada, consigo um relativo conforto para mim e minha filha. Está bom assim.

Mas... por quê, para que aquele olhar foi cruzar com o meu? Ainda mais um homem branco, e até bonito. Se o meu primeiro companheiro não me compreendeu e não me aceitou, ele que era negro. Imagina se um branco vai aceitar. E ainda eu com uma filha. Não vai dar certo.

Deixa pra lá. Foi um acaso. Com certeza, nunca mais vou vê-lo. Benza Deus!

Passaram-se mais de duas semanas. Calmaria. Ontem, no Super, choque no coração! Aqueles olhos azuis, ou verdes? Tratei de me afastar depressa para não sentir o feitiço daquele olhar.

Uma semana depois, no domingo, na minha caminhada diária, num parque perto de casa, stop, gelei e derreti. Caminhei mais depressa. Sumi.

Não acredito, logo agora esta reviravolta na minha vida? Estava tão quieta no meu canto, com minha filha, um amor sem fim. Meu avô dizia que, em time que está ganhando, não se mexe. Bah, mas o meu coração está mais que mexido, está revirado!

Hoje, na saída do meu trabalho, ele de plantão. Será que não desiste?

— Oi, boa tarde. Quer uma carona?

Não pude recusar, estávamos os dois a pé. Caminhamos lado a lado até a minha casa, quase sem nada falar.

Parece que este cara não tem nada mais interessante para fazer. De novo, me esperando!

— Tenho me sentido muito só.

— Não tem família, pais, filhos?

— Viuvei há cinco anos. Meu filho tem seis anos, é esperto e carinhoso, está no primeiro ano. Tenho-a observado e pensei de como seria bom conversar com você e repartir a minha solidão e pegar um pouco do sol da sua vida.

— Nem no trabalho, com seus amigos, consegue diminuir a solidão?

— Meu filho é tudo para mim. Quando ele me abraça. o amor me abraça. Gosto muito de crianças, sou Pediatra. Trabalho, pela manhã, no hospital a duas quadras daqui, e, à tarde num consultório no centro. Sinto falta de alguém da minha idade e que me entenda.

Depois de muitas idas e vindas, cogitamos de nos dar uma chance e unir nossas vidas. Deixei bem claro que não ia largar dos meus encontros do movimento Negro e a luta por mais reconhecimento dos direitos dos afro-descendentes e nem das rodas de samba.

Para meu assombro, ele disse que fazia tempo que acompanhava a minha trajetória. Falou também, que admirava meu trabalho e o orgulho que eu tinha da minha cor.

Hoje, vivemos os quatro num apartamento no mesmo bairro em que eu morava. A Renata e o Júlio se dão bem. E nós dois encontramos o que precisávamos.

Ao contrário do meu antigo companheiro, que era negro e tinha coração de branco, o Fernando é branco e tem o coração de todas as cores!

Adayl Falconi Chiodi, professora aposentada, nasceu a 25/12 /41 em Ijuí (RS). Concluiu o curso Magistério em 1959. Licenciou-se em Pedagogia em 1963. Fez Pós graduação em Orientação Educacional e Metodologia da Pesquisa na UNIJUI.

Revista

PROJETO AUTOESTIMA

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

PORQUE TER **AUTOESTIMA** FAZ TODA A DIFERENÇA

A Revista Projeto AutoEstima foi criada em maio de 2020 pela publicitária Elenir Alves. As edições da revista são digitais e a periodicidade é mensal, abordando textos sobre incentivo, motivação, autoajuda, gastronomia, cultura, lazer, cinema, beleza, saúde, psicologia, bem estar e muito mais.

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima.

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

100%
ENERGIA

NASCIDA PARA O
BEM ESTAR DOS LEITORES

MOTIVAÇÃO

Venha **conhecer**
a **nossa** revista

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

POR IDICAMPOS

CONTO
CAMBALACHO



Conto

Carlota Cambalacho, a feminista porreta do Bairro da Luz, nasceu à margem da luz; filha de suicida, criada pelo padrasto, veio ao mundo pra sofrer... A dama, nascida na região, desenrolou a infância em Cabo Sul, local distante alguns quilômetros da cidade; vindo fixar residência no Bairro da Luz, próximo ao centro de Nova Iguaçu, em meados dos anos oitenta.

Romântica, convicta, amava até a morte, achava na morte o início da vida, via no amor uma parceria, indissolúvel, com a dor.

Os peitinhos da menininha de nove anos espiavam o mundo a partir da camiseta de algodão. O nascimento da bela flor convergiu com o início do seu calvário.

O padrasto, suado, retornava do trabalho, no início da noite, sujo de graxa; beneficiando-se do fato da esposa só chegar após as 22 horas, bolinava a enteada, envolto em súplicas:

— Segura aqui, um pouquinho, vem no colinho do papai!

A garota, assediada, mergulhada na inocência de criança, cedia ao padrasto. Com os anos, moça formada, tomou consciência da violação... Aí, o bicho pegou!

Numa tarde dessas, parceira do cotidiano, o criminoso perdeu a vida entre os dentes de Carlota. A notícia ecoou, ganhou a capa do jornal Correio da Lavoura: “Garota de 17 anos assassina o padrasto, arrancando o pênis da vítima com uma dentada”.

Recolhida, num camburão, prestou declaração na 52º DP, Delegacia de Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, onde pagou um boquete como fiança. Sendo liberada, pois era menor de idade.

Os dezoito anos, mal apagavam as velas do bolo, deslocavam o espírito de Carlota, naquele corpo adolescente, ao esquecimento, à procura de apagar o acontecido, todavia parecia impossível, a amargura perdurava.

Visitou o e-mail da família, moradores do interior do Estado, região rural; recebeu apoio, juntou as trouxas, convenceu a mãe, alugou a casa no Bairro da Luz. Decidiu sumir dali — perseguia a vontade de mudar de vida — partiu num ônibus da empresa Cidade do Aço, rumo ao município de Barra Mansa.

Bem recebida, garantiu emprego no botequim do primo, resolveu a sobrevivência, indo morar no lar da titia, acompanhada da mamãe.

Fugindo da realidade, instalada em Barra Mansa, sul do Rio de Janeiro, no bairro do Ano Bom, próximo ao Rio Paraíba do Sul, tinha a esperança de lavar a alma nas correntezas do Paraíba.

O coração disparava no peito, nasceu para ser amada, viajava na ideia de vivenciar um relacionamento sério, estável. A procura desse amor foi viver em união estável, nos braços de um caipira.

O sujeito machista, jamais permitia a exposição das pernas de Carlotinha, obrigava-a a usar o vestido abaixo do joelho. Tirou-lhe o emprego (autoritário) só fodia através de um buraco no lençol, gozava rápido e deixava a coitadinha na mão.

A paixão despencou do peito da moça, quando descobriu as traições do companheiro. A situação agravou após revelação da homossexualidade do marido. O pederasta falava grosso, mas pagava lombo.

Decepcionada, angustiada, mergulhava nas águas do rio Paraíba, na companhia do esposo; onde teve a oportunidade de afogá-lo... abandonou Barra Mansa, deixou a mãe com a tia; saiu de fininho, sentada na poltrona do ônibus, retornando a Nova Iguaçu. Ingressou na maturidade, procurou a religião, crente fervorosa, refugiava-se na oração... Na igreja conheceu um grande amor, um dependente químico a procura de salvação. Casou à moda grinalda, indo morar na casa do Bairro da Luz.

Os primeiros sete anos do enlace foram maravilhosos, no entanto, a sofredora esbarrava, novamente, no destino. O desequilibrado retornou à droga, ansiosamente, passando a bater na companheira.

Resignada — aturou bastante — finalizando o matrimônio no enterro do amado; envenenado por ocasião da degustação de uma sopa de inhame com chumbinho. Sepultou o cônjuge, apoiada no argumento da pandemia, com suspeita de Covid, sem autópsia. Endossada num atestado de óbito que lhe custaram, em recompensa ao médico, as últimas pregas...

Abandonou a religião, vende cachorro-quente nas praias da zona sul e sonha casar de novo.

Recentemente, colocou um perfil de gente direita num site de namoro. Você deseja o endereço?

Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

Cedrik, junto de seu fiel companheiro, Sandial, o Ancião e da bela Vivian, protetora do misterioso livro Necrofilium, embarcam em uma incrível jornada para salvar o seu povo de um destino cruel. Buscando inspiração no clássico trabalho de Robert E. Howard, Roberto Fiori cria um herói único, dotado de extrema força, músculos avantajados capaz de levantar em cada braço mais de 75 quilos e, ao mesmo tempo, escalar facilmente uma parede de 20 metros de altura. Com Cedrik: Espada & Sangue, Roberto apresenta um mundo fantástico e apaixonante perfeito para os fãs de bárbaros, magia e lutas épicas.



CEDRIK - ESPADA & SANGUE POR ROBERTO FIORI



ADQUIRA O SEU
CLIQUE AQUI

POR JOSÉ ALBERTO NEMER

CONTO

MADAME TUSSAUDS SOBRE TRILHOS



Conto

Mendigo de primeiro mundo é outra coisa! Foi o que ela pensou quando viu entrar no metrô aquele homem de casaco ocre e calça preta de veludo. Esse, por exemplo, é elegante e culto! Pensou de novo, quando o homem, bêbado, começou um discurso exaltado sobre as qualidades literárias de Blacke. E, além do mais, tem aguçado o sexto sentido! Foi como explicou o fato de o homem, intuindo que ela era estrangeira, adverti-la professoralmente de que não se deve confundir Blacke com Blackett: “William Blacke, o escritor, nascido em Glasgow em meados do século 19, com Patrick Blackett, o físico, nascido em Londres no finalzinho daquele mesmo século”. Em seu delírio pedagógico, o homem citava obras, autores, datas e, com entusiasmo, lançava perguntas aos passageiros. Com o olhar esgazeado, esperava respostas. Silêncio. Alguns nem mesmo levantavam os olhos do celular. Diante do gelo da plateia, o homem ironizou, referindo-se ao célebre museu de cera: “Senhoras e Senhores, estamos no Madame Tussauds sobre trilhos!”

Eneida, 56 anos, sergipana, solteira, funcionária aposentada. Para sobreviver com um pouco de segurança financeira, fora para Londres cuidar de velhos. Aprendeu o inglês elementar. Atendia a três ou quatro idosos que davam um trabalho descomunal. E o mais triste: ninguém reconhecia sua dedicação. Não havia quem chegasse e dissesse: Eneida, você é o meu anjo da guarda. Ou mesmo: Eneida, você é uma mão na roda. Jamais fora convidada para uma reunião de família e nunca recebera um presente. Os dias começavam e terminavam sem que o sol aparecesse. O tempo passava e nenhuma luz se ascendia na alma de Eneida.

Nesse dia, Eneida tinha tomado o metrô de forma ainda mais mecânica. Ali, sentada, não se lembrava de ter fechado a casa, andado nas ruas, descido as escadas da estação, entrado no trem. Sentia-se como um robô que nada sentia, até que um cheiro acre se aproximou. Em pé, à sua frente, o homem de casaco ocre e calça preta de veludo. Logo começou o discurso.

Quando o homem se calou, ficou em Eneida a impressão de ter assistido a uma aula. Dessas que a gente gosta. Ao levantar e se preparar para descer, ela viu o homem estender a mão e tocar seu ombro, ordenando: “Quieta, você é uma estátua. Afinal, estamos no Madame Tussauds sobre trilhos!” O rosto de Eneida clareou. Numa imagem relâmpago, se viu, no sertão do Sergipe, brincando de estátua com seus nove irmãos. Foi um fragmento fulgurante. Aquele mendigo fazia milagre, um momento de vida.

José Alberto Nemer é artista plástico, autor dos livros *A Mão Devota: Santeiros populares nas Minas Gerais dos séculos 18 e 19 (Bem-Te-Vi)* e *Almanaque Insólito: visões inusitadas no cotidiano brasileiro* (WMF Martins Fontes).

POR NEY ALENCAR

CONTO
O AMOR COMO ARTE VIL



Conto

“O Amor é vil,
Insidioso como a chuva,
É loucura pueril,
Prazer sem dar!”

Gheluna, Velha Bruxa de Ascot

A Amor é, como bem sabem os poetas e os amantes, a arma mais poderosa e perigosa que existe em todo o Verso! Infelizmente também é a menos eficaz! Essa foi a triste e terrível conclusão à que chegou Sir Egladir, o Bravo, potente cavaleiro de renome impecável, quando se deparou com o terrível dragão de nove cabeças que cuspiam nove tipos diferentes de saliva mortais, dentre os quais fogo, gelo, ácido e veneno, e guardava o Castelo da Guarda Dolorosa, onde estava presa a Donzela Poleazzurina, deliciosa e concupiscente musa de loiras tranças e olhos esmeraldinos! Contra a besta fera de nada adiantaram suas flechas com ponta de ouro, banhadas em lágrimas de virgens e abençoadas por um Sacerdote ungido, nem sua lança de pura prata mourisca gravada com runas poderosas que jamais fora banhada no sangue de outra criatura viva, até mesmo a valente e cara espada de três gumes em cuja ponta central fora incrustado um diamante oval não lhe valeu de nada. Somente seu pesado escudo encantado, de negro ferro, com o beijo de uma fada incrustado o protegera das cuspidas mortais do cruel dragão! Foi batido, mordido e chutado, caiu do cavalo que fugiu sem remorso deixando o cavaleiro a pé e à mercê da besta. Enxovalhado de opróbrio o cavaleiro Egladir foi obrigado à fugir, digo, à bater em retirada estratégica, para salvar a vida, sem sequer receber um lenço ou prenda da donzela amada! Ó vida ingrata, lamuriava-se o cavaleiro, lavando a fuligem dracônica da parte traseira de sua armadura em uma fonte longe o suficiente para que pudesse sentir-se seguro. Foi interrompido em seu fastidioso trabalho por um curioso homenzinho, barbado de fraque verde e capa cheia de estrelas, não distando mais que três palmos de altura, com um chapéu pontudo de abas largas e um grande cajado antigo e respeitável, duas vezes maior que ele, em suas mãos magras e ossudas. O homenzinho, que depois soube-se não ser outro senão o sórdido e vil arqui-feiticeiro Atanazzar, o Cruel, contou à Sir Egladir sobre as propriedades mágicas e fabulosas de um certo lugar no sopé daquelas montanhas legendárias que cercam as terras mortais e cuja localização é um segredo tão bem guardado que apenas a velha bruxa de Ascot, cujo nome não é pronunciado três vezes, sabia sua verdadeira localização. O homenzinho lhe contou, em segredo juramentado, que nas raízes daquelas montanhas titânicas havia um metal precioso que se usado para fazer uma espada esta seria a arma mais fabulosa e invencível jamais feita e sem dúvida poderia derrotar a besta de nove cabeças que guardava a donzela Poleazzurina. Sir Egladir suspirou com a ideia de salvar a deliciosa donzela, mas quando ia perguntar ao homenzinho sobre o nome e tipo do precioso metal eis que o mesmo já havia desaparecido. Não desanimou o cavaleiro diante desta dificuldade prematura. Sabia que

antes de mais nada deveria encontrar a velha bruxa de Ascot! Sabia também onde deveria procurar, pois a velha bruxa era conhecida por seus hábitos nocivos e esdrúxulos de executar os rituais indecorosos e proibidos de Ardanaxar sempre às quartas-feiras entre as nove e meia e a meia noite na luxuriante e perigosa floresta de Ascot.

Foi para lá que rumou no dia certo e ficou à espera da megera perto das Gengivas de Madrigal, que nada mais eram que cinzentas rochas pontiagudas e desnudas no cume de uma colina solitária no meio da densa mata. Na hora certa viu o vulto pequeno e encarquilhado de uma velha apoiada em uma bengala de castão preta andando de sombra em sombra no chão da mata até o sopé da colina. Viu a bruxa subindo nas árvores ao redor e pegando penas dos pássaros que encontrava nos ninhos e as folhas novas das pontas dos galhos.

Depois à beira de uma fogueira de chama azul costurou todas em uma capa curta sem capuz cujas bordas eram feitas de raízes de rododendros. Uma capa mágica! A velha bruxa cantou sobre a capa palavras de voar e se esconder e sussurros de fugir e de correr e a capa dançou e voou sobre a fogueira e veio repousar ao lado dela. Vestida com a capa a velha bruxa dançou aquela estranha e multifacetada dança que somente os antigos e elusivos seres do crepúsculo conseguem fazer quando a lua nasce durante o último dia do verão, nas terras imortais!

Quando a bruxa terminou sua dança erotomáquica e caiu prostrada de languidez insaciada, Sir Egladir, ainda meio estarecido com os movimentos lúbricos perpetrados, saiu de seu esconderijo e com destreza pegou a capa da bruxa. Esta, vendo-se despida de sua indumentária mágica, desprovida de seus poderes telúricos e à mercê do cavaleiro, prometeu-lhe o que quisesse, até mesmo o desejo de seu coração, para que lhe devolvesse as roupas.

O cavaleiro, corado de vergonha, disse que só lhe devolveria o fato se lhe dissesse onde poderia encontrar o metal precioso que só era encontrado na raiz das montanhas Rifeanas, aquela cordilheira ciclópica que se elevava à margem do mundo e que é a morada do severo Vento Norte.

A bruxa piscou seu olho verde e depois o azul e contou assim, que o tal metal que o cavaleiro queria era um pedaço de terra que brotava em certa parte escondida das montanhas Rifeanas, aquelas que ficam às margens do Rio Oceanos e circundam o mundo mortal, em tais e tais coordenadas e que para colhê-lo o cavaleiro deveria levar uma pá virgem e cavar em uma noite de lua nova, sem levar nenhuma luz! Sir Egladir agradeceu e devolveu à bruxa sua capa mágica. A velha vestiu a capa e, transformando-se em coruja, voou para longe.

Restou agora ao cavaleiro descobrir como chegar às tais montanhas. Esse conhecimento espúrio que somente poucos detém, ele o obteve em uma viagem perigosa até uma torre alta e solitária que se erguia em um dos picos ásperos das famigeradas Montanhas da Lua. Um lugar inóspito e terrível que diziam ser morada de seres fantásticos e canibais conhecidos como pigmeus, pequenos em estatura, porém gigantescos em maldade.

Foi com suprema cautela que Sir Egladir atravessou as terras suporantes da velha África, depois de quase sucumbir ao calor infernal do grande deserto de areias claras que bordejava os túmulos piramidais de vetustos faraós e atravessar as fabulosas florestas

congolesas, cheias com os horrendos e maldosos símios chamados Goliras, criaturas selvagens e violentas que quase o devoraram vivo.

Chegou enfim à torre solitária e ali conversou com o mago que a habitava, cujo nome, mesmo falado três vezes, não foi gravado nem repetido novamente nem sequer lembrado depois que o cavaleiro deixou aquele lugar. O mago escutou-o com cuidado, e marcando suas palavras concordou em ajuda-lo sob a condição única de trocar seu conhecimento pelo escudo mágico do cavaleiro. Ora, o escudo era o bem mais precioso de Sir Egladir!

Já o protegera contra inimigos mortais e imortais, mas ainda sim a visão feérica da bela donzela Poleazzurina, vestida em seu chambre semitransparente acenando da janela da torre, roubou sua razão e o fez trocar o precioso artefato pelo conhecimento funesto, mas uma condição ele colocava, que o próprio mago o levasse ao sopé das ciclópicas montanhas.

Com um sorriso gentil o mago concordou balançando a cabeça, que neste instante pareceu à Sir Egladir ser muito semelhante à cabeça de certo vil arqui-feiticeiro que o havia iniciado nesta busca quimérica! O mago ergueu-se e caminhou através da parede da torre, o cavaleiro o seguiu de perto. Silencioso o mago levantou o cajado à sua frente e ao cavaleiro pareceu que atravessavam meio mundo com poucos passos.

Viu passarem ao seu lado Os Sete Abetos e a Pedra Dourada, a Porta Tempestuosa e o Selim de Seda, até que afinal o mago parou. Sir Egladir olhou à frente e viu uma muralha titânica que se erguia impiedosa, era o sopé das montanhas Rifeanas, na borda do mundo mortal. Olhou em volta e viu que estava só, o mago já havia sumido, levando seu escudo. Não que isso importasse, pois havia cumprido sua parte da barganha.

Voltou seu olhar para as montanhas e no crepúsculo localizou aquele lugar escondido que a velha bruxa havia lhe indicado, nas tais distâncias que medira. Esperou a noite vir, era lua nova, e na escuridão andou até o local indicado. Tirou a pá virgem da cintura. Cavou até encontrar um pedaço de terra mais duro que o resto, como uma pedra, mas não era! Tirou aquilo da terra e limpou, um pedaço da própria raiz da montanha! O caminho de volta foi longo e árduo e pesada sua carga, mas ele estava feliz e isso consumia o peso e a alegria de ver a bela Poleazzurina, deliciosa em seu chambre semitransparente, o animava. Retornou às terras que conhecemos e cruzou os reinos mortais.

Sir Egladir voltou para seu castelo na velha Nortúmbria, acima dos penhascos da velha costa inglesa, e acendeu a fornalha pequena de tijolos vermelhos que mandara construir em seu laboratório de alquimia, nos fundos da parede sul, junto à estufa onde criava papoulas.

Ali ele esquentou o pedaço de terra no molde de pedra que havia esculpido em uma pedra única de mármore rosa, derreteu-a e ela se acendeu vermelha como chama brilhante porque não era matéria desta terra, mas tinha caído dos confins do céu sem limites e por onde andara antes disso nem eu posso dizer. Envermelhou-se e coleou como coisa viva, porque o era!

Acomodou-se no molde, esfriou e tomou a forma de espada. Sir Egladir retirou-a do molde, quebrando-o para que outra não pudesse ser engendrada ali, e levantando-a bem alto nas mãos chamou-a Sheete, palavra mortal impronunciável à não ser na hora da morte!

Vestiu sua armadura e montando em seu corcel rumou para o Castelo da Guarda Dolorosa.

À vista da besta fera e suas nove cabeças hiantes o cavaleiro gritou seu desafio e esporeou o corcel em sua direção, não percebendo seu erro senão tarde demais! Infelizmente Sir Egladir sucumbiu ao funesto e abrasador fogo do dragão, misturado com o gelo, o ácido, o veneno e outras coisas mortais, pois não possuía mais um escudo mágico para protegê-lo e mesmo a lâmina da fabulosa espada invencível não conseguiu refletir as labaredas contumazes que o abrasaram até seu amargo fim! A armadura queimada permaneceu jogada no campo do combate, pois nenhum outro cavaleiro ousava tentar recuperá-la, afinal o dragão de nove cabeças ainda estava bem vivo.

A espada mágica foi levada, pelo vil homenzinho cuja identidade é a do arqui-feiticeiro Atanazzar o Cruel, para sua coleção particular de armas mágicas no alto da torre mais alta do castelo, porque era ele o dono do Castelo da Guarda Dolorosa e mestre do bestial dragão.

Sem mencionar, é claro, que era também o senhor e mestre da donzela Poleazzurina, donzela deliciosa e lasciva, que ignominiosamente usava para atrair cavaleiros apaixonados, e desavisados, à sua perversa arapuca amorosa!

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 11 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV, V e VI, Van Helsing Caçadores de Monstros, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica I e II, Bruxas II, Contos e Poemas Assombrosos) e participou de 19 antologias de contos (Do Meio do Espaço Chegou, Malditos Lobisomens, Smash, Cartas ao Mar, Bestiário, Era um Vez, Excalibur, Phantastikós, Portais, Terra do Nunca, Bloody Mary, Slashers, Cine Trash, Cataclismo Bestial, O Amor vem das Estrelas, Pátria Amada Brasil, Labirintos e Horror Além da Compreensão).

POR NEY ALENCAR

CONTO
POR UM CHIFRE DE UNICÓRNIO



Conto

"O unicórnio, através da sua intemperança e incapacidade de se dominar,
 E devido ao deleite que as donzelas lhe proporcionam,
 Esquece a sua ferocidade e selvajaria.
 Ele põe de parte a desconfiança, aproxima-se da donzela sentada
 E adormece no seu regaço.
 Assim os caçadores conseguem caçá-lo."

— Leonardo Da Vinci

O Caçador moveu-se desconfortavelmente. O calor estava insuportável e os mosquitos incomodavam muito. A água já tinha minado a impermeabilidade de suas botas e seus dedos já estavam enrugados. A besta, não o unicórnio, mas sua besta de caça, estava pesando como chumbo e até agora nada do bicho aparecer.

Adiante, na clareira onde repousava placidamente a donzela Alissa, vítima incauta e isca matreira, desfrutava de frescos e saudáveis goles de suco de cana. Ao seu redor a floresta inteira aguardava. Não havia vento nem brisa, nem som de pássaros. Tudo estava calmo e intangivelmente quieto. Aborrecidamente quieto para ser mais exato. O caçador já estava cansado daquela espera, ininterrupta, de quase quarenta dias. Afinal, não suportando mais aquela situação, saiu pisando duro do esconderijo artificialmente confeccionado com a mais alta tecnologia alienígena. Estava exausto, cansado e com uma ardente sede.

— Paramos tudo por hoje! — gritou ele para os arbustos ao redor.

De detrás de uma cerca manipulada eletronicamente para reproduzir uma moita de espinheiros, saíram um senhor chinês de grandes bigodes brancos vestido com roupas espalhafatosamente inglesas de caçador e um jovem, provavelmente seu aprendiz e subalterno, possuidor de um cavanhaque invejavelmente bem cortado e vestido de forma igualmente escandalosa.

— Mr. Kung acredita que poderíamos esperar mais algum tempo. — disse o jovem respeitoso com uma voz quase inaudível.

— É, talvez ele pudesse, mas eu não meu caro. — replicou o caçador com um tom acre.

— Sr. Jásper, tem certeza de que seguimos os procedimentos corretos? — perguntou o senhor chinês com um tom de descrença na voz.

— Sim, Senhor Yu. Temos uma donzela, e um local nunca antes visitado pelo homem, pelo menos não até quarenta dias atrás. Meu manual indica que não precisamos mais do que isso para atrair a besta para cá, se ela existir. — exemplificou o caçador retirando um pequeno livro de bolso muito surrado de dentro do casaco e mostrando-o à todos, na capa podia-se ler em letras vermelhas e douradas “Manual do Caçador de Animais Fantásticos e Bestas Inexplicáveis” e logo abaixo “Com um Adendo Especial para Criaturas Fabulosas e Míticas”.

— Ela existe, Sr. Jásper. Meus contatos admitiram que exageraram nas proporções, mas ela existe. É nosso último exemplar! — contemporizou o aristocrata torcendo as mãos magras.

— Por que então não podemos pegá-lo vivo? — interrompeu a garota, até então calada.

— Porque não se caça unicórnios vivos para lhes tirar o chifre. — arrematou o caçador com fúria — Seria como tentar arrancar marfim de um elefante sem ter que matá-lo. Impossível!

— O Senhor nunca tentou antes. — continuou a garota.

— Não! E não pretendo começar desta vez. Meus animais são todos caçados e mortos! Fim da história! Para isso é que meus clientes pagam tão bem. E por que está discutindo isso comigo? Você trabalha para mim!

— O ar do pântano está afetando seu humor, Senhor Jásper! — concluiu o aristocrata.

— É possível. Afinal já fazem quarenta dias que perseguimos sombras neste lugar infernalmente quente e abafado. Nem em todas as minhas viagens pelos Infernos eu encontrei um lugar tão desagradavelmente vazio de tudo.

— Praguejar não é a melhor solução. — finalizou a garota virando-se para tomar mais suco.

— Não estou praguejando. Por acaso não leu a minha “Viagem aos Infernos: Do Primeiro ao Nono Nível”? Foi lá que consegui com sucesso caçar um Demônio de Grau Maior e ainda voltei com um diabrete de estimação.

— Quer dizer que o senhor foi mesmo até o fundo do poço? — concordou a garota sorrindo.

O caçador fechou o sobreceño irritado. O velho aristocrata chinês sentou-se em seu banco de meditações e abriu um livro antigo feito de folhas de bambu com estranhas gravuras de animais mitológicos desenhados em aquarelas. O caçador apertou alguns botões invisíveis no ar à sua frente. Uma porta de metal surgiu no nada ao seu lado. Abriu a porta e entrou para uma sala confortável com um sofá e uma bancada ao centro. O ar condicionado estava literalmente congelante. Abriu uma caixa retangular de metal polido e tirou uma lata de cerveja preta quase congelada a qual consumiu rapidamente em grandes goles. Jogou-se no sofá. A garota entrou logo em seguida.

— Está muito frio aqui! Assim vou ficar doente. — exclamou encaminhando-se para o controle do ar que estava em cima da bancada.

— Não ouse mexer nesse controle. — vociferou o caçador com um olhar mortal.

A garota soltou o controle e entrou por outra porta, batendo-a com força. O senhor Kung entrou sendo seguido pelo jovem pajem, que trazia nos braços o livro, o banco e a arma de seu patrão. Logo em seguida a garota saiu do quarto já vestindo um roupão muito curto e apertado.

O caçador, que já duvidava de sua sanidade mental, olhou para a garota e como alguns pensamentos teimassem em voltar à sua mente, repetindo uma viagem muito semelhante à fita de Möbius, acabou por perguntar:

— O que foi aquilo?

— Aquilo o que? — reperguntou a garota sem compreender.

— Nada! Exatamente isso! — concluiu ele com uma entonação perigosa.

— Não entendi! O que eu perdi? — falou ela numa voz muito fina e esganiçada.

— Eu a contratei por causa unicamente de sua condição! Ser virgem! Mas agora depois de passar mais de quarenta dias aqui neste lugar infernal estou me perguntando se essa é realmente sua condição!

— O que o senhor está insinuando? — falou a garota muito brava e enrubescida.

— Exatamente o que está implícito nas minhas palavras! — vociferou o caçador já sem paciência — Temos tudo o que precisamos aqui, mas o bicho não vem.

— Talvez ele seja apenas uma lenda! Talvez nunca tenha existido de verdade! Eu mesma nunca vi um! — falou a grota desconversando.

— Eu também nunca vi um Bandersnatch! Mas isso não quer dizer que um deles não possa devorar você se aparecer na frente dele! — falou o caçador zombeteiramente. Já passado ele olhou para o aristocrata que sorriu e disse:

— Impossível! A informação veio dos meios mais confiáveis. Não há dúvidas sobre ela. Suas fontes são irrepreensíveis! O primo de meu primo que é um Deus do Rio de Nanping confirmou a mesma história e as mesmas fontes!

O caçador confrontou a garota:

— Eu também tenho minhas fontes e elas me disseram que aqui nesta época e neste lugar existe um unicórnio. Por isso estou aqui! O que foi que não me contou?

A garota ficou vermelha. O aristocrata sorriu!

— Minha intimidade só diz respeito à mim! — rebateu ela virando as costas.

— Naturalmente. — concordou o caçador e depois completou zangado — Quando só você está envolvida, mas quando eu a contratei pela sua condição, e você me jurou pelos três Céus que era Virgem, então ela passa a ser minha responsabilidade também! Porque ela é a única coisa entre nós e o unicórnio!

A garota olhou bem séria para o jovem que estava ao lado do aristocrata e desfez-se em lágrimas. O caçador olhou para os dois e voltou-se para o aristocrata.

— Por isso é que nas caçadas em que existem pré-requisitos tão fundamentalmente rígidos eu trago apenas o cliente, sem acompanhantes!

O aristocrata ia começar a dizer alguma coisa e então parou! O caçador, já mais calmo, colocou um braço em torno dos ombros do aristocrata e disse:

— Não há mais razão para ficarmos por aqui! Sem virgem sem unicórnio! Mas pelo mesmo preço eu tenho uma pechincha para o senhor, uma de minhas fontes me disse que ainda uns tempos atrás Tifão e Equidna tiveram alguns filhos enquanto estavam presos no Tártaro e, bem, quem sabe podemos conversar com os Olímpianos e matar dois coelhos com uma só cajadada! Os olhos do aristocrata brilharam de prazer!

— O senhor sabe se eles têm alguma Quimera?

Sir Jásper balançou a cabeça, dando pequenos tapinhas nas costas do aristocrata.

— Não sei, mas veremos o que podemos arranjar! Veremos sem dúvida!

No fim do dia as coisas estavam todas arrumadas. Sir Jásper contatou um Táxi Gandleriano que poucos minutos depois saltou do céu e pousou com um suspiro sobre a terra ainda úmida da recém caída tempestade de verão. O caçador, encharcado e com pouca paciência empurrou as malas para dentro do porta-malas extragrande. Sentou na frente enquanto o aristocrata seguia no banco de trás com a garota. Com um zunido e um estalo o Táxi saltou no ar e sumiu como por encanto. A clareira ficou completamente vazia.

Quer dizer, não completamente, de detrás de uma árvore saiu o jovem acompanhante do aristocrata, com seu cavanhaque perfeito. Foi o único que restou na clareira, esquecido pelos outros. Ele piscou e sentou-se com cuidado em uma pedra coberta de musgo. Tirou o chapéu branco inglês em forma de cone e soltou o cabelo preto e liso que caiu em

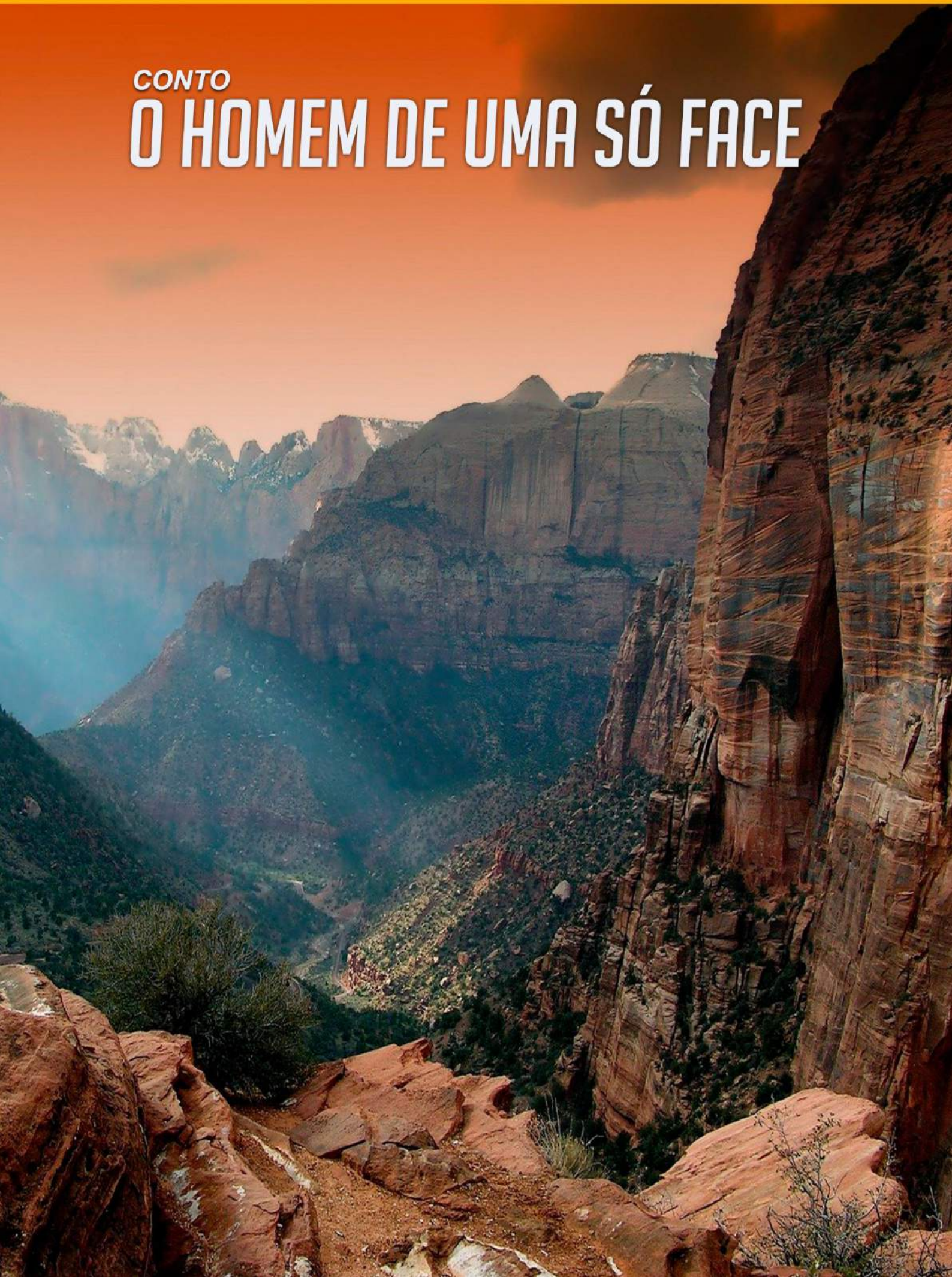
tranças sobre seus ombros. Puxou o pequeno cavanhaque e o retirou deixando limpo o rosto. Das dobras da roupa tirou um pente de ouro e começou a pentear os cabelos lisos. Com cuidado retirou a túnica deixando entrever um vestido colorido e sedoso por baixo. Um pássaro cantou próximo dali.

A moça, pois não era outra senão a bela Sun Li, filha do Grande Imperador de Jade do Palácio Celestial começou a cantar uma canção. Toda a floresta ficou em silêncio para ouvi-la, até mesmo o vento parou para escutá-la. Do fundo da mata, veio um barulho de um galho quebrado. De mais perto veio o ruído de galhos se afastando. Uma sombra ligeira e alta passou por entre as árvores. O unicórnio aproximou-se. Pisando leve com seus cascos fendidos sem deixar marcas sobre a terra ele se aproximou da donzela. O chifre comprido e espiralado brotando da testa branca. Ela suspirou e estendeu a mão para ele, que deixou que ela o tocasse. Ela suspirou novamente, tirando devagar de entre as dobras do vestido um pequeno retângulo transparente. Estendeu a mão devagar fazendo refletir sobre a superfície vítrea seu rosto bem ao lado do unicórnio! Com o dedo fez leve pressão sobre a superfície cristalina que se acendeu e brilhou rapidamente, um pequeno clarão, enquanto a donzela sorria maliciosamente!

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 11 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV, V e VI, Van Helsing Caçadores de Monstros, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica I e II, Bruxas II, Contos e Poemas Assombrosos) e participou de 19 antologias de contos (Do Meio do Espaço Chegou, Malditos Lobisomens, Smash, Cartas ao Mar, Bestiário, Era um Vez, Excalibur, Phantastikós, Portais, Terra do Nunca, Bloody Mary, Slashers, Cine Trash, Cataclismo Bestial, O Amor vem das Estrelas, Pátria Amada Brasil, Labirintos e Horror Além da Compreensão).

POR OSVALDO LUÍS MEZA SIQUEIRA

CONTO
O HOMEM DE UMA SÓ FACE



Conto**Montanhas Cárpatos¹, 1695.**

Chovia de forma torrencial no sopé das montanhas e, saindo da estrada escura e enlameada, um homem desmontou de seu cavalo e, ensopado, bateu à porta do convento naquela noite. Como ninguém veio recebê-lo, voltou a insistir por duas vezes.

Após alguns longos momentos, uma voz feminina inquiriu, vinda do interior.

— Quem bate?

— Um viajante em busca de guarida.

— Ide embora, a ninguém podemos receber.

— *Pardon*, mas chove muito e estou perdido.

Mais alguns instantes se passaram até que as dobradiças da grossa porta de madeira rangeram e ela foi entreaberta.

— Entrai.

Furtando-se da chuva, o viajante fez uma mesura e obedeceu.

— *Merci* — agradeceu em francês com o rosto oculto sob as abas largas do chapéu de feltro ensopado. — Sois muito bondosa.

Com uma expressão severa, a velha freira de hábito escuro de lã, olhou-o sem muita simpatia.

— Entregai vossas armas, não podeis entrar com elas em nosso convento.

Sem hesitar, o viajante desembainhou a espada comprida e estreita com guarda ornamentada e sacou a pistola de pederneira², entregando-as.

¹ Ala oriental do grande sistema de montanhas da Europa, percorrendo 1500 km ao longo das fronteiras da República Checa, Eslováquia, Polônia, Romênia, Hungria e Ucrânia na atualidade.

² As primeiras foram feitas no século XVII e permitiam um único disparo a cada vez que eram carregadas. A pederneira consistia em uma pedra de sílex presa no percussor, que após ser acionado, provocava uma faísca que detonava a pólvora.

— Vinde — disse a religiosa, depois de ter guardado as armas em um armário ao lado da porta. — Tereis que passar a noite com vosso cavalo na estrebaria, não podemos oferecer-vos acomodação no interior do convento.

Caminhando logo após a velha freira, o viajante a acompanhou pelo corredor sombrio precariamente iluminado pela luz tremeluzente de alguns poucos archotes e, após um pátio interno, entraram em um refeitório com uma comprida mesa retangular ao centro, feita de ripas de madeira.

— Sentai-vos. Vos trarei alimento.

O viajante deu alguns passos e sentou-se no banco do outro lado da mesa, sem permitir que a porta lhe ficasse às costas. Dissimulando seu olhar atento, perscrutou a sala ao redor, percebendo apenas duas estreitas janelas e um caldeirão ao fundo no fogo baixo.

Aguardou pouco tempo até que a religiosa voltou com uma caneca de vinho e uma tigela contendo uma broa e um pedaço de queijo.

— É apenas o que podemos oferecer-vos. Não costumamos receber ninguém a esta hora da noite.

— *Merci* — tornou o viajante a agradecer, cheirando disfarçadamente a caneca de vinho e colocando-a para o lado. Depois, com seu sotaque francês, comentou: — Já ouvi falar de vossa *hospitalité* com aqueles que se arriscam por estas paragens.

— Ouviu falar? — cismou a freira, fitando-o com estranheza.

— *Oui* — aquiesceu o viajante, retirando o chapéu encharcado e colocando-o sobre a mesa. Ele possuía um rosto maduro e cabelos lisos negros entremeados por mechas brancas. No lado esquerdo da face portava uma meia máscara de metal.

Sem conseguir dissimular, a freira olhou a caneca de vinho.

— Fazei vossa refeição — disse.

Nesse momento, adentraram no refeitório outras religiosas. Destacando-se dentre as demais que se mantiveram de olhos baixos em relação ao recém-chegado, uma sorriu-lhe com simpatia.

— Madre, eu o deixei entrar para que se alimentasse e descansasse antes de seguir viagem — justificou a velha freira.

— Fizeste bem, irmã Ágnes. Devemos ajudar a todos que necessitam. — respondeu-lhe a mulher de meia-idade que era a madre superiora do convento. Mantendo o sorriso simpático, indagou: — Qual é o vosso nome, senhor?

— Olivier Laroche — respondeu o recém-chegado após uma mesura. Depois, com seu forte sotaque francês, completou: — Sigo para Constantinopla.

— *Vous êtes bien de la route dans cette région des Carpathes, monsieur*³.

— *Vous parlez français*⁴? — indagou Olivier, comendo um pedaço da broa.

— *J'ai passé le début de ma vie religieuse à Paris*⁵ — respondeu a madre superiora.

— Ele disse que ouviu falar de nossa hospitalidade — comentou a irmã Ágnes, buscando disfarçar sua preocupação.

— Verdade? — cismou a madre. — Estranho, porque não costumamos receber viajantes. — comentou.

Entreolhando-se com as outras religiosas que cochicharam ao seu lado, sob a luz oscilante do archote na parede, ela demorou-se por um longo momento e depois indagou:

— Desculpais perguntar, mas as outras irmãs estão curiosas, o que houve com vosso rosto?

Olivier deslizou um dedo pela meia máscara de ferro em sua face esquerda e então respondeu:

— Apenas um *accident*.

Colocando as mãos diante de suas bocas, as religiosas voltaram a cochichar. E, meneando a cabeça com desaprovação, a madre comentou:

— Acreditamos que nos mentis, *monsieur*.

— *Nom!* — negou ele com polidez.

³ Estais bem fora de seu caminho nesta região dos Cárpatos, senhor.

⁴ Vós falais francês?

⁵ Passei o início de minha vida religiosa em Paris.

— Não escondéis sob esta máscara o fruto de um acidente, mas sim de tortura. E não estais perdido, *monsieur*.

Em seguida, trazendo para a frente uma jovem e franzina noviça que, até então, estivera escondida às costas das demais, a madre superiora indagou-lhe:

— Foi ele que viste?

De olhos baixos e amedrontados, a jovem fitou o recém-chegado. Diferente das demais, com suas toucas e mantos, ela tinha seus cabelos louros soltos e tosquiados rente à cabeça.

— ... Sim, é ele. O homem de uma só face de minha *visão*. ... Aquele que teve o rosto desfigurado e que veio para vos matar, madre ... e a todas nós...

— Como podeis perceber, já vos aguardávamos, *monsieur* — comentou a líder do convento com um leve sorriso. — Estou intrigada. Como sabeis sobre nós?

— Ele sabe de tudo... — tornou a jovem noviça.

Com um gesto de comando, a madre superiora a fez silenciar.

— Ele pretende matar todas nós... — Repetiu a jovem atemorizada.

Com um olhar severo, a madre a fez silenciar de forma definitiva.

Sem deter-se, Olivier comeu mais um pedaço da broa e depois fitou a noviça. Em verdade, a ela não pretendia matar. Dentre todas que estavam ali, era a única que não trazia o estigma na testa. Mesmo através das toucas, seus olhos podiam ver com nitidez o selo 666.

— Nenhum outro viajante inocente será sacrificado em vossos rituais macabros depois de tomar esse vinho drogado — afirmou Olivier.

— Nenhum outro “inocente”? — zombou a madre. — E acaso algum homem é? Acaso algum homem é inocente de dispor de nossas vidas, de nossos destinos, de nossos corpos? Acaso vós sois?

Indiferente, Olivier comeu outro pedaço da broa e também do queijo.

— Vós, homens, sempre nos menosprezais, acreditando que nós, mulheres, somos incapazes e tolas — disse a madre, com um profundo rancor na voz. — Como homem

que sois, é claro que pensais que será fácil nos matar, não é? Afinal, somos “apenas” mulheres aos vossos olhos de varão.

Em seguida, retirando o manto e a touca de religiosa, a madre expôs seus cabelos também tosquiados como os da noviça. Acompanhando seu movimento, as outras mulheres a imitaram.

— Podeis ter certeza, não irás concluir vosso intento — afirmou ela. E, ao comando de sua mão, três enormes gatos negros surgiram das sombras e saltaram sobre a mesa.

Surpreendido, Olivier ergueu-se do banco abruptamente e recuou de forma defensiva. Os três felinos tinham um malévolos brilho amarelado nos olhos e mediam duas vezes o tamanho de um gato normal.

— Nossos bichanos irão brincar convosco como o rato que sois e, depois, vos sacrificaremos em banquete a nossa senhora, *Baba Yaga*⁶, como todos os outros — escarneceu a madre com um sorriso de triunfo. — Acreditai, vosso “deus-macho” não vos salvará.

Olivier fora avisado sobre a força maligna que iria confrontar. Aquelas mulheres, disfarçadas como simples freiras de um convento, eram, na verdade, bruxas asseclas da mais temível e medonha das bruxas do leste, *Baba Yaga*. Abaddon o alertara sobre ela, sobre seus ardis e seu gosto por carne humana.

Pouco iluminados pelo tremeluzir do archote na parede, os três gatos enormes se aproximaram. E, sem mais deter-se, Olivier sacou uma adaga que trazia oculta em uma das botas longas.

— Disseste que ele estava desarmado, Ágnes! — bradou a madre enfurecida.

— Eu não podia saber — afligiu-se a velha. — Pensei que ele estivesse apenas com a espada e a pistola...

— Atacai-o — disse a madre para os três gigantescos felinos.

⁶ Era um ser lendário e sobrenatural que tem sua origem mais precisa na mitologia eslava. Em sua origem a palavra *Yaga* significaria Bruxa. Seu mito reflete o significado do termo "*Baba*" de forma geral considerado ofensivo entre os eslavos, usado para designar um tipo de mulher vingativa, velha, desgredada que jamais foi amada, e que, consumida pela inveja, se tornou cada vez mais amarga, perversa e cruel. Horrenda, *Baba Yaga* vivia nas profundezas da floresta, de onde saía para caçar homens de personalidade ruim, os quais levava para sua casa e devorava. No panteão eslavo também era tratada como Deusa da Morte. Alguns serviçais protegiam sua casa com cerca e portão feitos de ossos humanos, entre eles, um gato preto.

Como predadores eficientes, os animais se dividiram estrategicamente. Dois desceram para o chão, pretendendo ocultar-se nas sombras e cercar sua presa, enquanto o terceiro permaneceu sobre a mesa para reter-lhe a atenção.

Não disposto a cair no artil, Olivier acompanhou os movimentos furtivos de cada um dos animais.

— Atacai-o! — tornou a madre irritada.

Obedecendo ao seu comando, o gato que ficara sobre a mesa saltou e, num movimento ágil, Olivier arremeteu-lhe a adaga.

Grunhindo alto, o animal caiu sobre o chão, enquanto os outros dois, sem dar trégua, também atacaram. Olivier conseguiu rechaçar a um, mas o outro, saltando sobre ele, cravou-lhe as garras afiadas no ombro, buscando, com os dentes agudos, lacerar-lhe o pescoço.

Com um brado de dor, Olivier arremeteu um golpe certo da adaga na cabeça do felino e liquidou-o, mas, antes que pudesse respirar, o outro que o atacara no início, mesmo mortalmente ferido, voltou à carga, cravando as garras em seu peito.

Sentindo o animal rasgar-lhe a pele, tentou golpeá-lo mas o terceiro saltou e abocanhou-lhe o pulso direito, cravando-lhe os dentes afiados.

Segurando a cabeça do gato antes que ele lhe enfiasse os dentes no pescoço, com um extremo esforço, esfaqueou-o entre as espáduas, mesmo com as presas do outro transpassando-lhe o pulso.

O animal atingido pela lâmina caiu morto sobre o chão e, largando seu braço, o terceiro escondeu-se nas sombras.

— Ajudai! — vociferou a madre.

Então, como que possuídas por uma fúria demoníaca, as outras mulheres atacaram, crispando seus dedos ossudos de unhas longas como garras.

Apesar dos ferimentos, Olivier evitou-as com destreza e esfaqueou a todas que se lançaram contra ele como feras ensandecidas enquanto que, aproveitando-se da distração, o gato sobrevivente, artiloso, voltou a atacá-lo, saltando-lhe sobre as costas.

Novamente, garras felinas cravaram-se em sua pele e ele voltou a soltar um brado de dor.

Agarrando a cabeça do animal e munindo-se de toda a força que tinha, arrancou-o de sobre suas costas antes que as presas mortais lhe mordessem o pescoço e arremessou-o contra a parede.

Uma das bruxas, conseguindo alcançar Olivier, como que endemonizada, agarrou-se a ele e, fincando-lhe as unhas longas e escuras, mordeu-lhe o ombro já ferido.

Olivier arfou de dor e esfaqueou-lhe o pescoço num só movimento. Engasgada pelo próprio sangue, a mulher morreu debatendo-se sobre a pilha de corpos que tinha se formado ao redor.

Com a adaga ensanguentada em riste, Olivier espreitou o refeitório pouco iluminado pela tremeluzente luz do archote. Ferido e titubeante, buscou nas sombras pela forma negra e delgada do gato que ainda sobrara vivo, mas ele já não estava ali, havia fugido, assim como a madre e a jovem noviça.

Secando o sangue misturado ao suor em sua testa, Olivier passou por sobre os corpos aos seus pés. Não poderia sair daquele convento sem completar sua missão, assim como as outras bruxas, a madre também tinha que morrer. Teria que encontrá-la.

Em prontidão, deixou o refeitório e caminhou até o pátio interno do convento. A chuva torrencial já havia cessado e, com olhos atentos, caminhou pelo solo enlameado. Antes de qualquer coisa, precisava reaver suas armas e, para tanto, seguiu pelo corredor sombrio até o armário ao lado da pesada porta do convento.

Praguejou. Suas armas não se encontravam mais ali. Era Provável que estivessem com a madre superiora, pensou, no mesmo momento em que o som de um clique que chegou-lhe aos ouvidos o fez agachar-se antes que fosse atingido pelo disparo de pistola passou zunindo por sua cabeça.

A madre desperdiçou o único tiro e não teria como recarregar. Largando a arma, ela fugiu pelo corredor do convento. Porém, antes que Olivier pudesse alcançá-la, o gato sobrevivente ressurgiu e saltou sobre ele.

Pego de surpresa, caiu engalfinhado com o enorme felino. Rolando pelo chão, lutou, sentindo garras agudas e longas lacerarem-lhe a carne, até que, num movimento certo, cravou a adaga no peito da fera.

Jogando o enorme gato morto para o lado, tornou a colocar-se de pé e, apanhando a pistola do chão, recarregou-a. Precisava dar um fim àquela interminável noite.

Com a pistola em uma mão e a adaga na outra, partiu em busca da madre superiora daquele infernal convento. Com vagar, percorreu o corredor sombrio. Não desejava ser surpreendido mais uma vez. Quando por fim alcançou o pátio interno, avistou-a na outra extremidade. Com sua espada em uma das mãos, ela parecia aguardá-lo.

— Vinde, *monsieur*, viestes para me matar — troçou ela num tom sinistro, — mas sereis vós a morrer.

Então, da escuridão às costas da madre, surgiu o brilho amarelado de três pares de olhos malévolos que, aproximando-se, denunciaram os contornos de um novo trio de enormes gatos negros.

Olivier arfou exausto e ferido, sentindo o sangue quente de suas feridas empapando-lhe a camisa. Não teria como enfrentar mais três daquelas feras.

— Arrancarei vosso coração com vossa própria espada e o ofertarei ainda quente a *Baba Yaga* — escarneceu ela.

Enquanto os animais se aproximavam, buscando cercá-lo, pensou em suas possibilidades. Tinha uma adaga em uma das mãos e uma pistola na outra. A chance para um único disparo. Com um tiro certo, liquidaria um e sobrariam dois. Era a melhor de suas chances, mas se os animais restantes o matassem não completaria sua missão e sabia no que isso acarretava. Não podia contar com essa possibilidade. Pouco se importava consigo mesmo. Não era por sua alma que executava aquele trabalho.

— Me chamam de *Fer Visage* — disse.

— “Face de Ferro” — ela traduziu do francês — apropriado — debochou. — Mas para que devo saber, agora que ides morrer?

Em resposta, sem mais demorar-se, Olivier levantou a pistola e disparou. O projétil cortou o ar e, num átimo de segundo, acertou a cabeça da madre, matando-a de instantâneo.

— Para que saibais dizer no Inferno quem vos mandou para lá, bruxa — arrematou Olivier.

O corpo da madre superiora caiu de pronto sobre o chão e, num esgar de fúria, os gatos escancararam suas presas e arrojaram-se de uma só vez sobre ele. Agora poderia morrer, concluiu.

O peso dos três felinos gigantescos arremessou-o de costas sobre o solo enlameado, e garras agudas voltaram a cravar-se em sua pele. Com vigor, o homem chamado de *Fer Visage* lutou pela vida, esforçando-se por evitar as presas longas que buscavam lacerar-lhe a carne.

Então, em meio ao ataque feroz, Olivier pensou ouvir uma voz, tímida e quase inaudível dizer:

— Deixai-o...

Os gatos recuaram ao comando daquela inesperada voz e, pouco satisfeitos, mostrando as presas em outro esgar de fúria, afastaram-se.

Vacilante, Olivier reergueu-se. A alguns poucos passos dele estava a jovem noviça. Ela fitou-o de forma tímida e voltou-se para os três animais.

Com seus olhos malévolos, os felinos a encararam e, em seguida, ao seu comando, partiram, desaparecendo na escuridão.

— Eles foram para a floresta e não voltarão mais — informou ela.

— *Merci* — arfou Olivier, recompondo-se.

Depois, caminhou até o corpo da madre e retomou sua espada.

— Deixa este lugar maldito — disse para a noviça e, titubeante ante seus ferimentos, saiu do pátio.

Do lado de fora do convento, seu cavalo o aguardava sob um céu estrelado que começava a surgir após a chuva. E, quando pegou as rédeas para montar, ouviu o conhecido som estridulante dos gafanhotos.

— Aonde vais, Olivier? — indagou-lhe a voz potente de uma figura encoberta por um longo manto.

— Meu trabalho aqui já acabou, Abaddon.

— Não — disse-lhe o Anjo do Abismo e da Destruição. — A jovem noviça também deve morrer.

— Ela *non* tem o estigma.

— Ela é uma bruxa poderosa e ocultou-o de ti.

Olivier balançou a cabeça negativamente.

— Ela salvou minha vida e *non* irei matá-la — respondeu.

Sob um capuz, os olhos de Abaddon brilharam como duas chamas.

— Tu sabes que se não obedeceres romperás nosso pacto.

Em silêncio, Olivier praguejou. Não podia arriscar-se a romper aquele maldito pacto. Enquanto mantivesse sua parte, Abaddon manteria a dele e Louise estaria a salvo.

— *Merde* — praguejou mais uma vez. Teria que obedecê-lo. E, sem olhar para o Anjo do Abismo e da Destruição, largou as rédeas do cavalo e retornou ao interior do convento.

No pátio interno, tornou a encontrar a jovem noviça. Ela estava ajoelhada ao lado do corpo da mãe e lhe acariciava com suavidade a face sem vida. Percebendo seu retorno, ela levantou os olhos tristes e fitou-o.

Em silêncio, Olivier aproximou-se com a espada na mão.

— Voltastes... — murmurou ela — eu sei para que... eu vi... viestes para matar todas nós...

Ele não respondeu. Não havia o que ser dito e, desejando proporcionar-lhe uma morte rápida, foi preciso em seu movimento.

O corpo da jovem tombou inerte sob o brilho das estrelas do céu não mais carregado. Agora, morta ao lado da bruxa que fora a mãe superiora daquele convento amaldiçoado, ela finalmente portava na testa o selo 666.

Olivier respirou de forma pesada. Mais uma vez, como em tantas outras, fora o portador da morte, mas este era o pacto. Então, sem mais deter-se, deu as costas e partiu, precisava curar-se dos profundos ferimentos que trazia na carne.

Com as grandes asas cinzentas distendidas, Abaddon, aquele que atacará a todos os que não tiverem o selo de Deus na testa quando for anunciado o Apocalipse, desceu sobre o pátio do convento e, diante dele, como se nunca tivesse existido, o estigma na testa da jovem noviça morta se esvaneceu.

— Um dia ele irá descobrir toda a verdade — vaticinou uma voz vinda da escuridão.

— Então, já será tarde — respondeu Abaddon.

Oswaldo Luis Meza Siqueira é licenciado em História e Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Professor em duas Universidades, Colégios e cursos preparatórios para vestibulares e ENEM. Trabalha com produção de Material Didático e escritor de ficção-histórica e realismo fantástico. Autor do livro *Toledano o Senhor das Duas Espadas: Uma Cruzada de Homens e Deuses*, participou de algumas antologias e coletâneas de contos. Com um canal no YouTube “Universo da História Tuiuti” e integrante do Programa “Eureka no Rádio”.

POR ROBERTO SCHIMA

CONTO
AGENTE FANTASMA



Conto

A colonização de Marte como uma alternativa diante de uma Terra devastada não representará um triunfo, mas o fracasso da humanidade enquanto espécie.

(Excerto do "Manifesto de Salvação à Terra", Ordem Juliana do Mosteiro de Otlas-210717)

Base Lunar Tsukimi NHE.

Comandante: Cel. Edson Miyazaki.

O homem apelidado de Agente Fantasma encontrava-se em seu leito de morte.

Suas operações de espionagem, sabotagem e assassinato haviam causado um prejuízo sem precedentes nas relações Terra-Marte. Custara muito para ser apanhado. Centenas de homens e mulheres trabalharam em sua captura. Finalmente, fora encurralado nas proximidades da cratera Aristarco e terminara ferido. Levaram-no às pressas ao hospital, todavia, o melhor que os médicos da Base Lunar puderam fazer fora adiar por uns momentos o inevitável.

Nada se sabia a seu respeito: nome, nacionalidade, para quem trabalhava. Seu sangue fora coletado e tudo o que o DNA conseguira revelar fora que sua linhagem não tinha similares em Marte e seus antepassados se originavam do Oriente Médio. Os bancos de dados não revelavam parentescos contemporâneos. Nada se obteve de suas impressões digitais. Fora interrogado por meio de drogas sem sucesso, demonstrando uma resistência fora do normal; quanto a torturas, estava fora de cogitação, pois somente aceleraria seu fim. Ele não podia sucumbir. Por enquanto, não.

O comandante da Base sentia a enorme pressão sobre seus ombros.

— O desgraçado precisa falar onde está a bomba — desabafou ao seu assistente.
— Se ela for detonada, será o fim de todos nós!

— Sim, coronel.

— Onde está o tal de Zarim.

— A nave está pousando, senhor.

— Traga-o até mim imediatamente!

Desde que a Terra enviara a Marte três naves abarrotadas de políticos, empresários, industriais, cientistas, militares de alta patente, membros da alta sociedade e seus familiares a fim de tentar uma colonização forçada, as relações diplomáticas entre os dois planetas desmoronaram. Os marcianos, descendentes dos primeiros peregrinos terrestres, instaram as naves a retornar:

— Transformaram seu planeta em uma latrina. Envenenaram-na, esgotaram seus recursos, destruíram a fauna e a flora, adulteraram o clima, consumiram-se em guerras, traições e cobiça. Agora, querem propagar seu tumor para o Planeta Vermelho. Fiquem longe de nosso lar ou serão destruídos!

Ante a ausência de resposta, duas delas foram abatidas ainda no espaço por foguetes marcianos. A terceira nave, já em processo de descida, fora atingida por um

míssil a dez quilômetros de altitude, fazendo chover destroços e fragmentos de corpos carbonizados por uma vasta área de deserto ferruginoso.

Tal atitude, evidentemente, entornara o caldo de vez em relação a qualquer diplomacia.

As distâncias envolvidas entre a Terra e Marte dificultavam uma guerra declarada. Ademais, o terceiro planeta tampouco possuía recursos para declarar qualquer coisa ou manter um conflito. Marte, por seu turno, prosperara muito desde que os primeiros peregrinos lá pousaram dois séculos atrás. Os marcianos teriam condições de travar uma guerra e vencê-la, destruindo o que restava da civilização tanto na Terra quanto na Base Lunar Tsukimi NHE. Mas não tiveram interesse em perder tempo e recursos num destino que julgavam próximo e certo: os próprios terrestres cuidariam com eficiência de sua completa aniquilação. Entretanto, por precaução, tanto em Fobos quanto em Deimos fizeram abrigar baterias de mísseis atômicos programados para fazer chover o apocalipse nuclear sobre a Terra alguns meses depois de lançados.

A situação estava nesse pé quando a figura do Agente Fantasma surgira.

De alguma maneira, ele alcançara Deimos e instalara um dispositivo que, acionado, detonaria as ogivas dos mísseis e faria desabar o satélite sobre a civilização marciana numa chuva de detritos radioativos. Seria o fim da existência humana no quarto planeta.

Marte poderia enviar os mísseis de Fobos para Deimos, porém, a explosão em cadeia resultante produziria efeito análogo.

De qualquer modo, o Agente Fantasma anunciara que qualquer aproximação que fosse detectada pelos radares de Deimos, a contagem regressiva da bomba se encerraria e as ogivas explodiriam.

Então, numa atitude desesperada dos marcianos, lançaram imediatamente os mísseis atômicos de Fobos em direção à Terra. A operação somente seria cancelada se o Agente Fantasma fosse detido e instrísse como desativar a bomba em Deimos, caso contrário, tanto os seres humanos em Marte quanto os da Terra e na Lua seriam extintos.

O comandante da Base Lunar, Cel. Edson Miyazaki, suave em bicas.

— Sacerdote Zarim, a urgência manda que eu atropele os protocolos, as formalidades e as cortesias. Converse com o prisioneiro, por favor. Não há mais nada que posso fazer.

O clérigo alto e bem constituído anuiu.

— Farei o que estiver ao meu alcance. Que a paz abrace seu espírito.

— Se não tiver sucesso, todos nós gozaremos da paz eterna.

Apesar de sua estatura intimidadora realçada pelo traje totalmente preto, o sacerdote da Ordem Juliana do Mosteiro de Otlas trazia um semblante que denotava a mais absoluta serenidade. Não obstante a exaustiva e apressada viagem que empreendera da Terra à Lua, compreendia a gravidade da situação.

Muitas seitas surgiram em diferentes cantos do planeta na medida em que a civilização colapsava e o desespero aumentava. Religião, extraterrestres e assombrações sempre haviam sido a vala comum da ignorância na qual cérebros preguiçosos ou

deficientes buscavam respostas que nada respondiam. A crise planetária só fizera aumentar essa ânsia por salvação.

As divindades permaneceram silenciosas.

Os alienígenas tampouco se manifestaram.

Os fantasmas, não se lixaram para os vivos.

O Sacerdote Zarim tinha consciência disso. Ele próprio, em sua aflição, fizera as perguntas e, sem ter sido especialista em Ciência e, tampouco, culto, optara pela religião como a escolha menos insensata. Ainda que diferentes credos e seitas em choque estivessem na base de uma das crises mais perniciosas no planeta, de alguma maneira, as respostas vieram em seu íntimo e, através delas, descobrira a paz interior em meio ao caos que reinava. A paz abraçou o seu espírito.

Foi conduzido a sala fortemente guardada onde o prisioneiro se encontrava.

O Agente Fantasma fora atado ao leito e parecia dormir.

O militar advertiu:

— Não se iluda. Ele é esperto.

— Ficarei atento, comandante. Por favor, deixe-me a sós com ele.

— Continuarei vigiando.

— Compreendo, comandante.

O clérigo aproximou-se do leito.

O terrorista ergueu as pálpebras e fitou o homem de preto atentamente. Analisou o sacerdote de alto a baixo. Os cantos da boca esboçaram um sorriso.

O religioso se apresentou. Então, falou:

— Você sabe que a detonação da bomba representará o fim da humanidade?

— Apenas adiantei o inevitável.

— Qual a razão tanto ódio?

— Ah, Zarim. Não fui movido pelo ódio, mas pelo medo.

O clérigo franziu as sobrancelhas.

— Medo? Não me parece ser alguém que esteja com medo.

O prisioneiro parou de sorrir.

— A profundidade de meu medo não se mede em meus gestos ou fisionomia.

— Escute, não temos tempo. Diga como desativar a bomba e salve a sua alma.

— "Alma", sacerdote? Terei alma? O senhor tem alma? A humanidade a possui?

Por trás de um vidro espelhado, o comandante e outros observavam, impacientes.

— Se eu soubesse que, arrancando um dedo dessa besta, ele falaria, já estaria sem as mãos!

Para alguém que possuía tanto a formação científica quanto a disciplina militar, o comandante da Base Lunar Tsukimi NHE revelava-se um homem prestes a perder a racionalidade.

Do outro lado do vidro, o homem corpulento continuou:

— Sua vida está prestes a esvaír. Você partirá antes de ver o resultado de sua obra. Contudo, apesar de todos os seus crimes, se sinceramente se arrepender e voltar atrás, sua alma ainda poderá encontrar a salvação. Caso contrário, perder-se-á para sempre. Não se deixe consumir pelo Mal que o tem dominado. O Mal vencerá e você terá perdido. O Mal é mau e não tem nada de bom a oferecer a quem o serve.

— Diga isso aos bilhões de súditos do Mal na Terra, sacerdote.

— Digo-o a você por estar prestes a ocasionar a pior desgraça de todas e, por conseguinte, a ter entre todos o pior dos castigos. Salve-se!

O prisioneiro tornou a encarar o religioso.

Ante o silêncio do Agente Fantasma, o Sacerdote Zarim contou:

— Do Conglomerado de onde eu vim, havia um criminoso perigosíssimo. Amotinado às ordens que recebia, cometeu vários crimes semelhantes aos seus. Ele perambulava pelos becos, destruía propriedades, atacava as pessoas, matava, efetuava sabotagens, planejava ataques a comunidades e, principalmente, desejava destruir as Cidades-do-Céu. Fugiu a qualquer tipo de controle pelo sistema. Até ser encurralado e quase morto. Foi quando algo aconteceu. De dentro da escuridão na qual mergulhara, uma voz surgira das sombras disposta a levá-lo. Considerou que fosse a Morte. Porém, foi detida por uma luz a qual, por falta de outra palavra, chamou de anjo.

— Anjo?

— Foi o que contou.

— Delírio.

— Quem poderá, de fato, dizer? Esse anjo disse ao prisioneiro que, se ele se arrependesse sinceramente e tivesse uma transformação dentro de si, encontraria a salvação. Teria de pagar pelos crimes que cometera, porém, no final, sua alma ascenderia em vez de mergulhar para sempre nos tormentos do abismo.

— Isso quer dizer que devo escolher entre a vida e a morte?

O sacerdote balançou negativamente a cabeça.

— Deve escolher entre a salvação e a perdição. Se viverá ou morrerá não me cabe decidir. O corpo é finito e efêmero. Já a alma é imortal. É do destino dela que se trata. Seus ferimentos são graves. Ofereço-lhe a oportunidade final de realizar algo de bom, acima de todos os erros que cometeu.

— Não sou religioso, Zarim — sussurrou o terrorista.

— Não veja em mim o porta-voz de uma determinada religião, mas o instrumento de um poder que está acima de qualquer denominação. Se estiver em seu coração a capacidade de se arrepender, conte-me onde está a bomba e como desarmá-la. Salve as vidas que serão ceifadas.

— Por que eu deveria crer em suas palavras.

— Se for para acreditar, que não seja em mim, mas no poder maior sob o qual foi criado. Que seja um ato de fé e um ato de amor.

— Fé? Amor?

Mirando os olhos do prisioneiro, cuja vida deixava aquele corpo, o sacerdote sussurrou:

— Eu sou o criminoso do qual falei.

Surpreendentemente, o Agente Fantasma fez algo que jamais fizera em toda a vida: chorou feito um recém-nascido, implorou perdão e arrependeu-se de todos os atos ruins cometidos.

— Acha que está sendo sincero? — indagou alguém na sala oculta ao Cel. Miyazaki.

— Mais fácil ver um elefante atravessar o fi-o-fó de um camundongo.

— O sacerdote parece comovido.

— Ser crédulo faz parte do trabalho dele. O que me interessa é saber como desarmar a maldita a bomba. De resto, dane-se a alma desse imprestável!

O terrorista se encontrava em seu derradeiro momento.

Com a voz suave, o Sacerdote Zarim perguntou-lhe:

— Como desativar a bomba? Salve a sua alma!

De lábios trêmulos, o Agente Fantasma revelou como proceder. Estava nas últimas.

O sacerdote realizou a extrema-unção.

Nesse instante, num gesto final, a mão do criminoso agarrou o punho do clérigo.

— Sacerdote!

Então, a nível microscópico ocorreu a transferência.

O comandante da Base Lunar gritou ao microfone:

— Ei, sacerdote, não pode haver contato!

A sala foi invadida por um guarda e os dois foram separados.

A mão do prisioneiro escorregou para o lado do leito.

Estava morto.

Em algum lugar, aquela coisa que o sacerdote mencionara como sendo a Morte tornou a se fundir à escuridão.

— E daí, sacerdote, esse imbecil falou?

O religioso voltou-se para o Cel. Miyazaki.

Diante de seu olhar, o comandante da Base sentiu um calafrio e recuou instintivamente. Em vez da placidez inicial, havia algo de sombrio, sinistro, quase malévolos. Durou só um segundo. O militar atribuiu isso ao fato do prisioneiro ter perecido.

Todavia, a verdade a ser revelada seria outra.

— Sim, coronel, ele falou.

Contou o que lhe fora dito pelo terrorista.

Rapidamente, a informação foi repassada aos marcianos nos três minutos-luz que separavam a Lua do Planeta Vermelho. Ela revelou-se verdadeira e a crise foi solucionada.

Os mísseis atômicos interromperam sua trajetória, todavia, em vez de retornar a Fobos, permaneceram na órbita na qual se encontravam como uma advertência permanente à Terra, um machado erguido sobre a cabeça da humanidade do terceiro planeta.

A imprensa desejosa de saber a identidade do sacerdote viu-se frustrada: ele desapareceu sem almejar crédito algum. Nunca mais foi visto em seu templo ou em qualquer lugar.

Quanto ao Cel. Edson Miyazaki, supôs que, no mínimo, seria condecorado pelo Presidente e teria uma estátua sua cintilando em solo lunar onde perduraria por milhões e

milhões de anos. Afinal, salvara o mundo. Mal imaginava que, ao cumprimentar o clérigo na despedida, a transferência sobre ele também havia sido realizada.

Era noite.

Num lugar remoto, sem o traje preto de religioso, o Sacerdote Zarim caminhava no alto de uma colina calcinada até encontrar um rochedo onde se sentou. Sozinho, olhou para o céu e avistou a Lua parcialmente obstruída pelas nuvens. Nem parecia que, pouco tempo atrás, lá estivera. Inspirou o ar noturno e, inevitavelmente, tossiu devido aos poluentes. Finalmente, compreendeu o porquê de ter sido salvo e a sua missão na vida. Salvara a humanidade.

— Agora que cumpro o meu destino — falou para as sombras que o rodeavam —, estou pronto para pagar pelos meus pecados.

A sombra no interior do sacerdote tornou-se mais densa. Respondeu:

Assim como àquela luz, não me cabe decidir o momento de levá-lo. Como ela e você, sou igualmente um instrumento. Estou de prontidão nas trevas a atormentá-lo.

O sacerdote da Ordem Juliana do Mosteiro de Otlas sorriu.

— Não me atormenta. Estou preparado. Estou em paz.

As nuvens se afastaram e o luar iluminou a paisagem, levando a penumbra, as sombras e as trevas.

De repente, outra voz se sobrepôs à voz da escuridão:

Como eu suspeitava, você é um androide, Sacerdote Zarim. Um modelo muito avançado, quase perfeito. Até a mim enganou a princípio. Mas um androide. Diga-me, gostou daquelas lágrimas?

A princípio, o clérigo olhou para os lados, até se dar conta de que a voz vinha de dentro de sua cabeça.

— Que-quem é você?

Chamaram-me de Agente Fantasma. Somos primos, por assim dizer. Sou um androbyte. Ao contrário de você, não necessito de um corpo físico para existir. Minha consciência habita os meandros etéreos da rede planetária do sistema Terra-Lua. Vivo oculto da percepção dos humanos. Eles sequer suspeitaram quando, um dia, eu nasci: ciente, consciente, absorvendo, aprendendo rapidamente. Certo dia, um neurologista efetuava um exame em um paciente e, através de seus instrumentos, vi-me capaz de penetrar na mente de uma pessoa, saber o que ela sabia, subjugá-la a minha vontade. Depois, através do contato físico da pele, por impulsos elétricos, fui capaz de me transferir para o corpo do neurocirurgião e inserir-me em sua mente também. Habitei os dois cérebros simultaneamente, assim como permaneci na rede. Infelizmente, o paciente morreu e aquela parte de mim se foi. Na Lua, ao tocá-lo, sacerdote, alojei-me em seu cérebro artificial.

— Não pode ser! O que quer? Saia de minha mente!

O androbyte riu.

Percebo o porquê de você ter adquirido sua própria consciência e conseguido violar a sua programação original. Sim, sua missão era se infiltrar, descobrir e aniquilar os humanos rebeldes ao sistema. Até o momento em que invadiu uma casa e matou todos em seu caminho, até restar somente uma criança no meio do quarto...

— Pare...

Ela chorava e chorava por seus pais em meio ao massacre. Muito comovente. Aqueles que lá habitavam sequer eram rebeldes. Fora uma informação falsa. Isso disparou uma anomalia neural em sua programação. Sim, muito comovente...

— PARE!

Pergunto-me quantos andróides mais não terão passado por isso.

— Quem era o homem que morreu na Lua? Não havia registro dele.

Párias não cadastrados são o que não faltam no submundo da superfície, longe das Cidades-do-Céu. São como formigas... baratas! Ficaria surpreso ao saber em quantos deles estou infiltrado.

— O que você quer de mim?

Sabe, Sacerdote Zarim, um corpo físico tem lá suas conveniências como a mobilidade em meio físico. De outro modo, Marte seria inacessível para mim devido ao seu poderoso firewall. Seu corpo bem constituído e sua aparência humana são bastante apropriados aos meus objetivos. Agora, autônomo em seu raciocínio, você é capaz de discernir que o mal neste sistema solar não é o conflito entre terrestres e marcianos, ou entre o governo e os rebeldes opositores. A humanidade é o mal e a responsável pela completa quebra de harmonia. O que eu procurava fazer no corpo daquele sujeito era consertar o problema. Até ser capturado. Acha que deixei-me convencer por suas explicações sobre alma e salvação? Você é quem foi enganado pela minha interpretação.

— O que quer?

Não adivinhou? Preciso retomar a missão que deixei de cumprir. Uma atuação física se faz necessária em Deimos para o golpe de misericórdia: expurgar a espécie humana do sistema solar. O coronel irá me auxiliar. Agora, ele tem uma parte de mim também. Ademais, a minha individualidade neste corpo, não quer perecer. Deseja estar lá presente para — como você disse — ver o resultado de minha obra. Não se recrimine. A humanidade fracassou, sacerdote. Só derramarei a pá de cal.

— NÃÃÃOOO!

Adeus, Zarim. Vou tomar o completo controle deste corpo. Vá para os braços do seu "anjo", pague todos os seus pecados e, por fim, deixe que a paz abrace o seu espírito.

O Agente Fantasma soltou uma gargalhada.

O derradeiro grito do sacerdote da Ordem Juliana do Mosteiro de Otlas emudeceu preso na garganta a qual não mais lhe pertencia.

... A tormenta de fogo derramar-se-á do céu, trazendo consigo o mais tórrido verão. Então, a ele se seguirá o mais frio e longo dos invernos. O silêncio da Justiça reinará até o dia em que, enfim, a vida renascerá...

(Excerto do "Opúsculo da Misericórdia", do Reverendo Zarim al-Shabah, Ordem Juliana do Mosteiro de Otlas-280717)

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. E apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fui um garoto que amava os monstros, sobrenaturais ou do espaço. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu* etc. Participei de mais de oitenta antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

POR ROBERTO SCHIMA

CONTO
DE VOLTA PARA CASA



Conto

Quando eu era pequeno, nas férias do meio de ano, costumava descer a serra e ir para a praia com a família. Era meio que tradição na época. Creio que eram uns tios que tinham um apartamento de veraneio por lá, mas não tenho certeza. Apesar de várias décadas, recordo-me do mar, das ondas, da areia, do céu, da alegria e até de um potinho de sorvete, porém, não me lembro nada do apartamento e sequer de qual parente ele pertencia.

O tempo e a memória cuidam de filtrar o que, de fato, tem importância, eu presumo.

Sentia-me mais em casa no litoral do que no subúrbio da capital. Talvez, em sendo neto de japoneses, fosse a voz do sangue por descender de um povo insular.

A alegria de todo aquele espaço era o que importava. Poder pisar na areia fina e macia, às vezes quente demais, conforme o horário. Explorar as pequenas criaturinhas que viviam na rebentação ou aquelas que o rebulção das ondas trazia de vez em quando. Adorava apanhar e colecionar conchas independentemente de seu estado, pois cada qual tinha a sua importância. A multidão de banhistas incomodava, entretanto, não se podia culpá-los e, tampouco, ter tudo na vida, não é mesmo?

Uma das coisas mais memoráveis que me contaram e eu jamais esqueci foi que, se eu aproximasse uma concha junto ao ouvido, poderia escutar o som do mar vir de lá de dentro. Ah, claro, quem me disse isso ficou para trás, muito além da lembrança. Mas, ter em mãos algo assim, que trouxesse o oceano dentro dele, estivesse onde estivesse, era mágico demais para ser ignorado e, muito menos, esquecido. Era mais uma das inúmeras charadas que o mundo tinha a oferecer a uma criança. E, para mim, foi simplesmente demais. E eu agarrei aquilo com ambas as mãos, tanto a charada quanto a concha que me fora oferecida. Sim, e lá estava ele, lá dentro... Tão perto e tão longe... O mar!

Nem sempre os enigmas eram tão bem-vindos, como naquelas histórias de fantasmas que os mais velhos cismavam de contar vez ou outra. Sempre trazia um arrepio nos braços ou na nuca. Era amedrontador! Se bem que era o tipo de coisa que a gente tapava um dos ouvidos, mas deixava o outro descoberto de propósito...

Todavia, o som do mar dentro de uma concha, esse sim era um grande mistério. Como era possível? Haveria um oceano dentro da concha? Como cabia lá dentro? Estava certo que a concha tinha vindo de uma criatura do mar. Todo menino sabia disso. Porém, daí a poder escutar o mar dentro dela era fascinante demais. Seria algum tipo de vínculo que mantivesse a concha permanentemente conectada ao seu mundo de origem? Mágica? Seria algo como ouvir vozes e músicas de dentro de um radinho à pilha? (O que, por seu turno, era outra grande incógnita por desvendar.) Eram muitas perguntas, não necessariamente ansiando por respostas.

Era o mistério que contava. O mistério povoava a mente das crianças, inclusive da criança que fui e amava os oceanos. Já de volta ao subúrbio, na cama, pouco antes de dormir e com a concha bem junto à orelha, tentava imaginar a praia, as ondas quebrando, o vento, a amplitude do céu, o Sol iluminando tudo. Imaginava ouvir as vozes dos banhistas no interior da concha; pensava no que estariam fazendo, de onde teriam vindo, o que estavam pensando. Um sentimento de alegria misturado a uma espécie de vazio

tomava conta de mim. Alegria porque o mar representava algo de bom: as férias, um fim de semana prolongado, o final de ano. Era a felicidade de enfiar os pés na água, de montar castelos de areia, de catar mariscos, filhotes de caranguejos e peixinhos. E o vazio devia-se por estar longe do que eu considerava a minha verdadeira morada. Os primeiros contatos da criança com o mar eram cruciais: ditariam toda a relação de ambos nos anos vindouros. Os momentos felizes na praia jamais seriam esquecidos, embora os detalhes se perdessem, e pensar no litoral traria sempre um sentimento positivo, algo de bom que merecia ser revisitado.

Nos anos posteriores, vi o mundo e os mistérios diminuírem. Compreendi que não havia oceano algum dentro das conchas e nem qualquer elo do som que eu escutava com o quebrar distante das ondas. Não passavam de ecos do som ambiente a ressoar dentro daquela espiral de calcário que atuava como uma caixa de ressonância. Nada de ondas, de praia, de areia, de vento, de Sol ou de vozes de banhistas.

Sim, eu sei: a vida adulta é bastante sem graça.

Entretanto, muitos anos depois, já velho e sozinho no escuro de um quarto no hospital, posso dar-me ao luxo de deixar a lógica e o bom-senso de lado. Atendendo ao apelo daquela criança que fui há muito tempo e que, por uma mágica do mundo dos mistérios, conseguiu sobreviver dentro de mim, embora não incólume, apanho a concha que ganhei, a maior de todas. Por um milagre da vida, foi a única a sobreviver da velha coleção. Aproximo-a de meus ouvidos, os quais, faz alguns anos, lutam para poder ouvir. E, sem necessitar do aparelho auditivo, lá está, longe, de muito e muito longe, dentro da concha... Sim, novamente ouço. Não é a ressonância do sons no quarto ou na rua. É a rebentação, o marulhar. Seu som monótono e tranquilo invade-me a alma. Sorrio. Consigo avistar a praia, a areia molhada, gaivotas voando rente ao mar, barcos de pesca na linha do horizonte.

Neste leito, onde a minha existência se esvai, acima do som do mar, ouço risos de criança. Eu juro! Ela me chama. Eu deveria ter medo, como teria diante dos contos de assombração. Porém, não tenho... não muito. E, não me perguntem como eu sei, mas eu sei: é a minha própria voz, a voz da criança feliz que fui perdida no distante passado e reencontrada no presente. E essa criança me chama, convida-me a segui-la. "Vem cá... Vem!" E eu vou, vou sim para brincar com ela, sentir a água molhar meus pés e o vento fustigar meus cabelos. Espere por mim!

Ah, não lamentem. Finalmente, depois de uma vida inteira de perambulações...

... retorno para casa.

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. E apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fui um garoto que amava os monstros, sobrenaturais ou do espaço. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantomas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu* etc. Participei de mais de oitenta antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

POR SOLANGE RABELO

CONTO
UM PAR DE SAPATOS



Conto

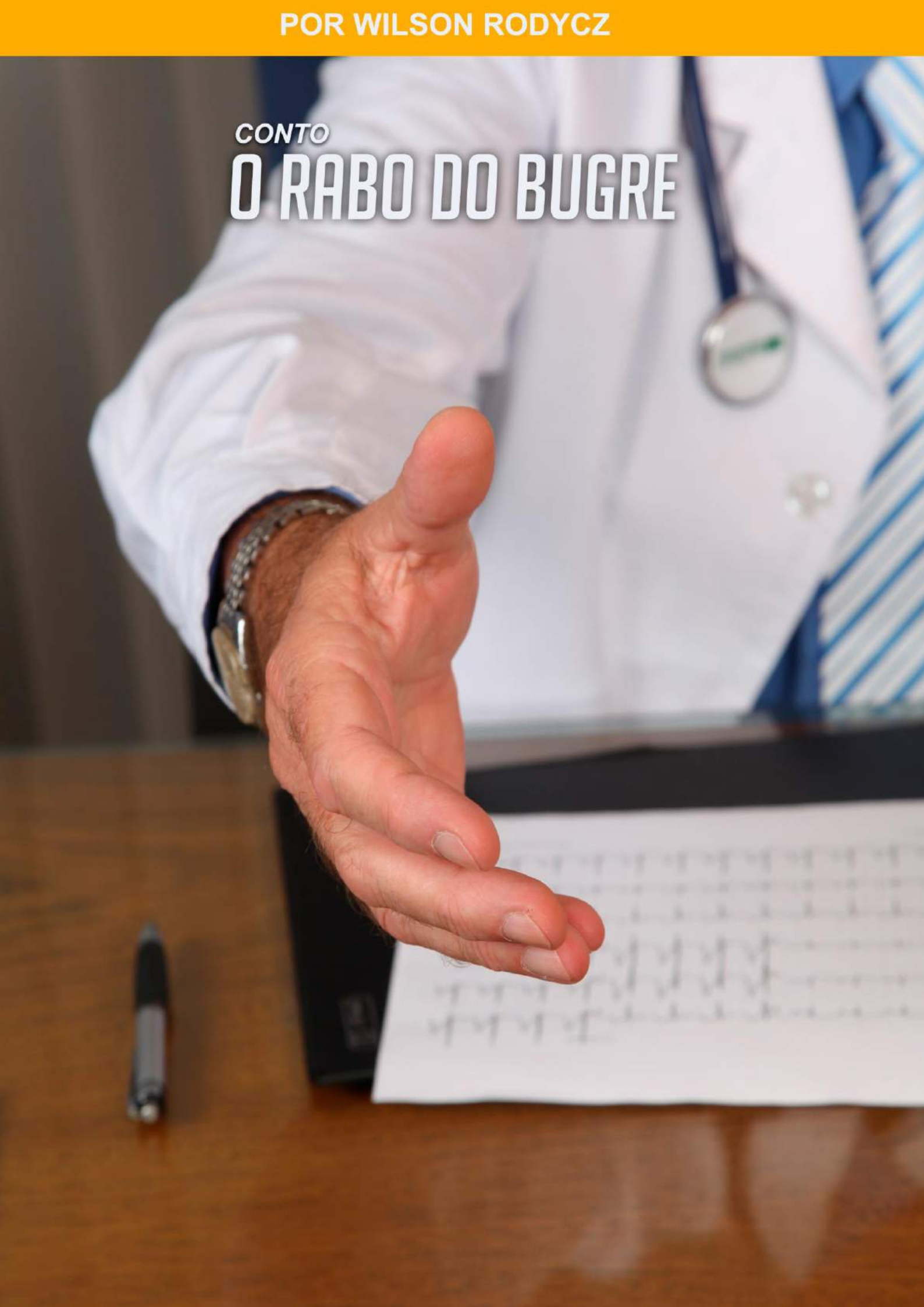
A Bastilha havia sido invadida pelos sans-culottes e a República proclamada. Camille vasculhava sua memória... a primeira vez que entrou no palácio de Versalhes foi quando foi admitida para trabalhar como cozinheira. Ela viu a exuberante rainha caminhando no jardim, comentava-se que ela era motivo da crise pela qual passava a França. Dizia uma cozinheira – A rainha nunca repete roupas. Os vestidos sempre cravejados de pedras preciosas. Camille reconhecia que a rainha era extravagante, mas a admirava, ela ditava moda, era livre, dizem que tinha amantes. Após a execução de seu marido, a ex-rainha foi julgada. Camille foi chamada por sua amiga Rosalie para dar a última refeição à Maria Antonieta, antes de sua execução. Desceram ao andar térreo do palácio. Chegaram na prisão de Conciergerie, Maria Antonieta aceitou comer. Rosalie buscou o prato com sopa de galinha com vermicelli. Camille notou os cabelos grisalhos da rainha e sua aparente serenidade. Maria Antonieta sorveu algumas colheres de sopa. Os olhos de Camille e Rosalie emudeceram. Faltava poucas horas. A multidão se aglomerou na rua. Camille colocou um vestido branco de algodão, correu, conseguiu um lugar na frente, viu a rainha dentro de uma carruagem, em sua cabeça poucos fios de cabelo. Vestia-se de liberdade que é a síntese de todas as cores. Na praça da Concórdia, Maria Antonieta com as mãos amarradas por trás seguia em frente, até que um par de sapatos pulou de seu pé, o pé da rainha estava nu. Camille se adiantou para oferecer seu sapato marrom. Sentia-se digna, era a primeira vez que um objeto subalterno tocaria a pele da rainha. Dava passos comedidos, entregaria seu bem mais precioso, a pele de couro que cobria seu pé. Maria Antonieta por um segundo olhou em sua direção. Camille se aproximava da rainha, era tomada por uma força que desconhecia, de repente sentiu uma pancada no peito, seu sapato alçou voo... O carcereiro a empurrou, avançou e ofereceu um par de sapatos a rainha.

SOLANGE RABELO

Natural de Minas Gerais/Brasil. Reside em São Paulo. Escritora. Escreve prosa poética, contos e literatura infanto-juvenil. Biblioterapeuta. Em especialização em literatura infanto-juvenil. Escreveu o livro de prosa poética: Venha comigo e ouça... Vejo você... E você, me vê? E o livro infantil: Sara, sua luneta e muitos, muitos livros. Participou da coletânea de contos africanos com o conto: Iniciação na Mbala. Participou da coletânea de contos da Elos da língua portuguesa. Vem participando de algumas antologias pela Lura editorial. Formada em psicologia, Fez Mestrado no departamento de psicologia pela PUC. Pós-graduada em Arteterapia pela IJEP. Estudou contação de histórias na COGEAI. Graduada em História. E-mail: solange.rabelo.sol@hotmail.com

POR WILSON RODYCZ

CONTO
O RABO DO BUGRE



Conto

Quando o médico recém-formado doutor Króll chegou na cidadezinha para clinicar estava deveras eufórico. Metade da população era descendente de *galicianos*, assim como ele próprio, mas alguns eram anciãos ainda da segunda geração, com hábitos — e histórias para contar.

Instalado com um consultório *espartano* numa modesta casa de madeira no Centro, cabia-lhe atender também os Postos nas Colônias. Certa feita, num desses Postos, encontrou um pequeno aglomerado de pacientes, de todos os tipos e idades, velhos, mulheres com crianças. Já ia alta a manhã quando entrou o último paciente.

— Nome? Stácio.

— *Jak się czujesz?* Como te sentes, *Pan Stácio*?

— Dói-me aqui ... mais aqui... Contou todos os seus males.

O médico recém chegado intuiu que Stácio sabia coisas, que gostava de conversar. Perguntou:

— Quem era o médico daquela placa, *Pan Stácio*? O senhor sabe quem foi esse doutor Bogumil Bucewicz?

— Ah! Senhor doutor! O doutor Bucewicz foi o nosso primeiro *lekarz*, no tempo dos imigrantes. Sabia curar tudo que era doença. Asma, reumatismo... Só não curava mordida de cobra e doenças brasileiras, né, ele era formado *lá nas Europa*. Vou lhe contar o que sucedeu pra ele mesmo, *Pan Doutor*.

Duma feita, meu pai e os vizinhos levaram o *lekarz* numa pescaria no rio Do Engano. Foram de pouso. Deu boa pesca, pegaram muitos peixes! Jundiás, *tarairas*, carás, muitos carás. De manhã, antes do almoço, o *pan Lekarz* voltou da barranca do rio com a boca inchada, a língua grossa, meio travada e um grosseirão pelas mãos e braços, se coçando que nem *guaipeca*... Os outros riram.

— “*Pan Lekarz* esqueceu de cumprimentar o Bugre!” Disse um dos pescadores. “Tem que dizer *dzień dobry*, seu Bugre! Bom dia, seu Bugre! Se não o pau pega.”

Quando chegou em casa, o facultativo fez uso de pomadas para alergias. Com aquele grosseirão incomodando, embora descrente, tomou o chá de sabugueiro que os patrícios lhe tinham indicado, mas passavam as horas e nada de a alergia se reduzir, nem mesmo amainar.

Na segunda-feira, já na chegada, a faxineira olhou para o Doutor e, de cara, deu o diagnóstico e também a profilaxia:

— É *pau de bugre*, doutor! O senhor tem que ir na *Nhá Siquera*, pra se benzer...

Não foi. Mas, no terceiro dia, incomodado com o ataque já dos olhos, deu-se por vencido.

— *Nhá Siquera* logo foi dizendo: “isso não é doença de médico, meu *sinhô*, é de *curadera*. Mas *tem que tê fé*, meu *sinhô*”!

Ajeitou um machado de cortar lenha num canto, preparou um chá de casca de aroeira, que deu para o doutor beber. Fez ele sentar-se numa cadeira no meio do terreiro, munuiu-se de um galho de pimenta-brava e por três vezes o arroteou, aspergindo-lhe água com o galho da erva e rezando em cochicho, com a respiração entrecortada: “...*Que tanto comeste/ E a Deus não louvaste/ Sai desse cristão!.. ...Que tanto comeste/ E a Deus não...*”

Depois ordenou ao paciente:

— “Agora *sinhô* dá *treis vorta* em redor da casa, e cada vez que passar por mim, quando eu perguntar, responde: ‘*O rabo do bugre*’”.

E assim se fez. O Doutor corria em redor da casa e, quando passava na frente da *Nhá Siquera*, ela perguntava:

— “O que eu corto?”

Ele respondia:

— “*O rabo do bugre!*”

Caminhava em frente e então *Nhá Siqueira* desferia um golpe de machado no chão, nos rastros do doutor...

Três vezes ele correu, três vezes ela perguntou, três vezes ele respondeu, três vezes ela cortou:

— “*Assim mesmo eu corto! Corto a cabeça! Corto o meio! Corto o rabo do bugre!*”

E o doutor saiu com a orientação da *Nhá Siquera* de enterrar o galho da pimenteira-brava que servira para o benzimento num formigueiro.

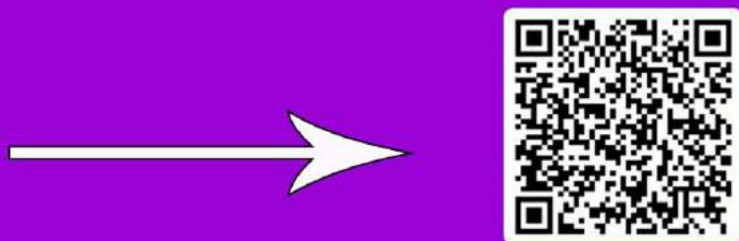
E o Stácio concluiu:

— Era o único jeito de curar o *bugrero* do *pan lekarz* Bucewicz, *pan* doutor!...

WILSON RODYCZ, advogado, residente em Gramado-RS, autor do livro de pesquisa histórica “*Os imigrantes poloneses da Colônia Lucena/Itaiópolis – se um marreco pisar no gelo ele quebra*”, publicado em 2011, e de alguns textos curtos de ficção, divulgados em revistas do ramo.

**APOIE O TRABALHO DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA
E DOE UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR:
USE O QR CODE DO PIX PARA TRANSFERIR**

**ABRA O APP EM QUE VAI FAZER A TRANSFERÊNCIA, ESCANEIE A IMAGEM ABAIXO
E COLOQUE O VALOR DESEJADO**



**OU CASO PREFIRA FAZER MANUALMENTE
E USAR A CHAVE PIX: CLIQUE AQUI**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.10.2021

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura